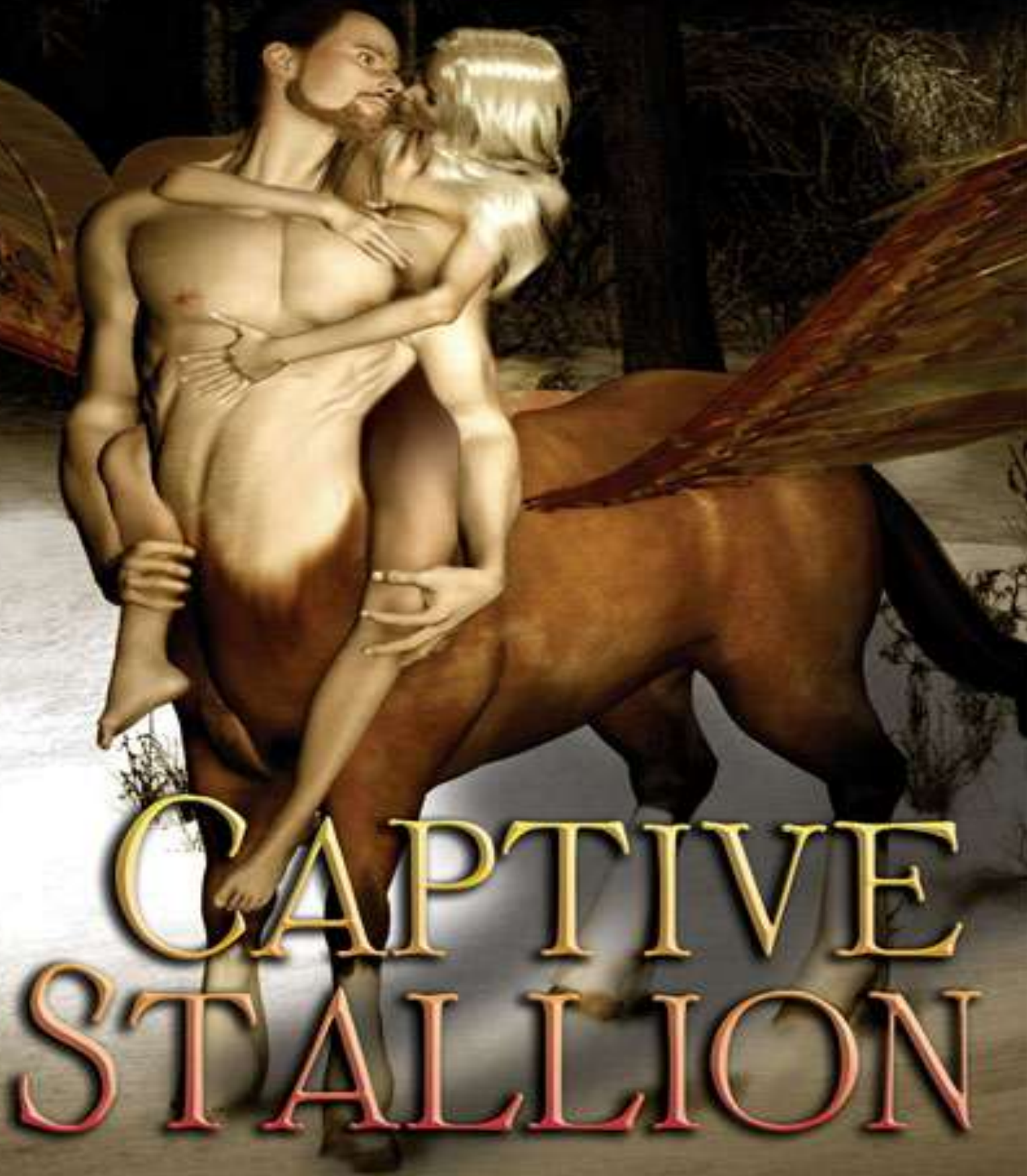


ELLORA'S CAVE PRESENTS

KATE HILL







Garanhão Cativo





Durante anos, Susana e Moor tem enterrado a atração que sentem um pelo outro.

Susana, uma curandeira humana, é muito mais jovem que o centauro, que também é o pai adotivo de sua amiga e, em suas mentes, qualquer coisa mais que amizade é inaceitável — até que eles experimentem o sonho lendário em que um cavaleiro se liga à sua companheira destinada.

Com a ajuda dele, Susana supera seu medo de voar e monta seu amante na corrida de resistência mais famosa do mundo e a felicidade parece tão predestinada quanto o seu amor.

Então a vida dele fica em perigo e ela deve arriscar tudo para salvá-lo.

Revisoras Prazer em Seduzir Comentam:

Marcinha

*Este livro é totalmente diferente de todos os livros que eu li,
nos força a imaginar muito.*

*Ele é um Cavaleiro alado, metade homem, metade cavalo
e ela é a curandeira da aldeia,
percebem que estão apaixonados quando começam a compartilhar sonhos.*

Claudia

*Este é um livro que tem uma história bem consistente,
tem ação, aventura, drama, poucos trechos bem hots
porque é um amor mais maduro e ótimas relações de amizade
e amor incondicional.*

*É uma ótima continuação dessa série que me cativou,
apesar de antes não gostar muito de temas sobrenaturais.
Mas sabem aqueles centauros, que são metade homem e metade cavalo,
que se transformam em homens maravilhosos? É isso aí.*

Vale 03 corações.



Prólogo

A terra tremia enquanto os cascos batiam na grama gelada. Poderosos membros eqüinos pareciam se emaranharem aos casacos elegantes que salpicavam o campo com cores enquanto os cavaleiros estavam envolvidos em um jogo de pólo. Com suas asas apertadas em seus flancos, eles galopavam atrás de uma pequena bola de madeira e a batiam com baquetas, enquanto vários expectadores assistiam à distância.

Susana respirou profundamente quando olhou para as criaturas magníficas. Apesar do frio, os musculosos torsos de homem e corpos de besta brilhavam de suor enquanto riam e zombavam uns dos outros. Ela não se importou muito com o jogo. Simplesmente assistir aos cavaleiros já era entretenimento suficiente para ela. Ao criarem esses seres quase perfeitos com as cabeças e torsos de homens e uma metade inferior que mudavam da forma do macho humano para um cavalo alado, os deuses deviam ter tido a intenção de agradar às mulheres porque bastava olhar particularmente um lindo cavaleiro que era o suficiente para encharcar sua vagina e fazer vibrar-lhe a alma. Montar um cavaleiro era uma fantasia para a maioria das mulheres comuns, ainda que somente umas poucas escolhidas tivessem a sorte de acasalar com um deles.

Susana se sentia com sorte porque recentemente fez amizade com um belo jovem cavaleiro da elite dos guerreiros transportadores e embora ainda não voasse com ele, o tinha montado nas viagens por terra. Um dia, quando superasse seu ridículo medo de alturas, ela sabia, iria levantar vôo, sentiria as poderosas pernas abaixo dela e o bater de suas asas de veludo em volta dela enquanto se pressionava perto das suas largas costas de homem.

Os cavaleiros correram passando por ela e sentiu o ímpeto do vento quando galoparam mais rápido do que qualquer cavalo de verdade jamais poderia. Um dos cavaleiros que haviam sido presos no meio da multidão, de repente surgiu. Suas pernas longas e fortes pareciam deslizar sobre o campo enquanto batia a bola. Susana se contorceu um pouco, o desejo



apertando sua barriga com a visão dos músculos magros e rígidos ondulando debaixo do rico casaco castanho e seus ombros e peito peludo se flexionando quando ele agarrou seu martelo.

Seu abdômen se apertou ainda mais quando ele se inclinou para jogar a bola longe do outro cavaleiro que tinha finalmente chegado a ele. Deuses, ele era um garanhão incrível! Ele se virou e voltou em direção à praça da aldeia, passando por ela novamente. Seu cabelo curto e castanho estava escorregadio de suor e gotas escorriam do seu rosto para a pele bronzeada do seu torso esculpido. O seu casaco de veludo molhado brilhava como a luz do sol.

Qual seria a sensação de ser pressionada contra aquele peito de pêlo áspero para inalar-lhe o cheiro fresco e selvagem? O sexo de Susana doía de desejo e sua vagina estava inundada com paixão insatisfeita. O cavaleiro olhou para ela e sorriu. Seu sorriso era simpático e acolhedor.

“Bom dia, Susana.”

Sua voz era profunda e, oh, tão agradável aos ouvidos femininos. Era uma voz que devastava uma mulher e libertava seus desejos mais íntimos. Rugia em seu peito e Susana queria saber como seria o som próximo ao seu ouvido, seu hálito fazendo cócegas em seu rosto e pescoço. Ela balançou a cabeça. Ridícula, estúpida. No entanto, porque estava o seu coração batendo forte e os mamilos doloridos apertados sob o vestido?

“Olá, Moor.” Obrigou os luxuriosos e horríveis pensamentos saírem de sua cabeça. O que estava errado com ela? Ele era o último cavaleiro que deveria pensar! Desde que sabia, ele tinha sido um perfeito cavalheiro e não teve uma vez que já cruzasse a linha de amizade e era assim que tinha que ser. Ela não tinha certeza do que lhe havia inspirado as noções estranhas de momentos atrás, deve ter sido simplesmente a beleza crua de ver os cavaleiros. A maioria das mulheres achava-os irresistíveis e, além disso, ela não devia pensar em outro cavaleiro quando tinha Linn só para ela.

Os lábios dele estavam entreabertos como se estivesse prestes a falar, mas o som de asas batendo acima deles chamou a sua atenção. Eles olharam para cima e ela imediatamente reconheceu Linn e vários outros cavaleiros voando para um pouso na aldeia da corrida.



"Parece que tiveram uma boa colheita" disse Moor. "Vou recebê-los e ver se precisam de alguma ajuda no descarregamento da carga.

"Quer dizer a Linn que vou vê-lo assim que meus afazeres estiverem terminados?"

"Claro que sim."

Um grito agudo vindo do campo de jogo chamou a sua atenção. Um dos cavaleiros pequenos, de cabelos loiros, estava caído no campo gelado e dois dos outros jogadores estavam parados ao lado dele. Susana correu para o local, seguido de Moor.

"O que aconteceu?" Susana exigiu, tentando estancar o fluxo de sangue da perna ferida do cavaleiro. Do seu corpo aquecido, subia o vapor que se levantava do chão gelado e pulverizado de sangue.

"Uma das varas quebrou contra minha perna."

"Você pode levantar?" Moor perguntou.

"Acho que sim."

Ele inclinou-se, sustentando o cavaleiro ferido enquanto este tentava se levantar.

"Cuidado", disse ele, ajudando-o em direção a casa de arreios. Susana segurou a respiração quando viu o aperto dos músculos esculpidos em seu tronco enquanto ajudava seu companheiro. Deuses, ele tinha umas costas perfeitas! Era tão larga e coberta de pele macia e brilhante de suor e ela tinha a estranha vontade de correr as mãos sobre elas, e mais para baixo, em cada espessura curva de seus braços poderosos.

O que diabos havia de errado com ela? Ela tinha seu próprio cavaleiro e, não só isso, devia se concentrar em seu paciente e não pensar em relacionamentos. Dentro da casa de arreios, limpou a perna do homem, enquanto Moor desculpou-se e saiu apressado.

Ela acabava de enfaixar o machucado do cavaleiro quando ele retornou entrando pelas portas duplas da casa e ao passar por ela, a ponta do seu rabo marrom fluente escovou seu rosto. Grosso e suave ao mesmo tempo, a pele de sua cauda incitava-lhe pulsações entre suas pernas e aceleração no seu coração que era simplesmente escandaloso.

"Sinto muito". Ele a olhou, suas orelhas estavam levantadas e os olhos fixos nela. "Que rude da minha parte roçar meu rabo em seu rosto assim."



"Não é nenhum problema." Ela desviou o olhar quando se inclinou para devolver um frasco de pomada para a bolsa de suprimentos de cura. Inacreditável! Suas mãos estavam realmente tremendo e firmeza nas mãos era um dos atributos dos curandeiros que ela aprendeu com elogios. Suas mãos nunca vacilaram sobre o pior dos ferimentos e agora, só por uns inegáveis olhos sensuais, elas tremiam. Em todos os anos que ela o conhecia, tinha mantido longe a sua atração por ele e de repente, tinha perdido todo o controle. Por quê? O que estava errado com ela? Agora que ela tinha Linn, nada nem ninguém deviam afetá-la de tal forma.

"Pensei que você tinha ido ajudar no armazém?"

"Quando cheguei lá outros já estavam descarregando os suprimentos, muitos cavaleiros em um armazém atrapalhariam mais do ajudaria."

"Gostaria de uma preparação Moor?"

O olhar fixo de Susana recaiu vertiginosamente e concentrou-se em Nellie, a mulher alta, esbelta e magra próxima a ele. Ela era uma cavalaria.

Uma pessoa em sua profissão pode ganhar uma boa vida ao escovar e esfregar os cavaleiros. Susana sabia da importância de bons cuidados para com o pêlo e músculos dos cavaleiros e ela não tinha nenhum problema com as cavalariças legítimas que faziam um trabalho honesto, mas alguns tinham menos do que reputações admiráveis. As cavalariças femininas, especialmente, tinham de cuidar de solícitos clientes.

"Havia certas mulheres, prostitutas realmente, que se chamavam cavalariças, mas forneciam serviços "extras" desnecessários. Apesar de ninguém na aldeia falar mal de Nellie, havia algo sobre ela que Susana não confiava.

Ela sabia que Nellie visitava Linn de vez em quando e o pensamento disto fazia seu sangue ferver, mas não tanto quanto neste momento, quando ela ergueu uma mão em direção aos ombros eqüinos de Moor, luxúria brilhando em seus olhos azuis. Ela parou somente na falta do interesse dele.

"Posso?" Ela perguntou.

Ele inclinou a cabeça para um lado, como se pensasse. Olhando para Susana pelo canto do olho, ela pensou ter detectado uma pitada de confusão, o que era aquilo? Aborrecimento?



Ele olhou para Nellie, sorriu ligeiramente e acenou com a cabeça. Quando ela descansou a mão no rico pêlo castanho, a barriga de Susana se apertou, ela sabia que ele estava quente porque os cavaleiros sempre ficavam, especialmente após o exercício. Estava o pêlo ainda úmido do jogo de pólo? Como estariam aqueles duros músculos contra a palma de Nellie? Como curandeira, Susana tinha tocado muitos cavaleiros e ela tentava manter pensamentos sexuais longe de sua mente quando tratava os pacientes e manter-se profissional em torno de tais criaturas bonitas não era fácil, mas raramente ela tinha um problema com isso. No entanto, quando eram espécimes como Linn e Moor, era especialmente difícil para uma mulher não ouvir a sua libido.

"Estou treinando uma nova cavalaria para trabalhar comigo", Nellie continuou, com a mão varrendo o comprimento eqüino das costas de Moor e fez uma pausa no seu flanco, com a expressão em seu rosto fazendo o toque mais íntimo do que o necessário.

"Se você quiser podemos trabalhar em você e vou cobrar-lhe apenas metade da taxa normal. Preparar um grande cavaleiro vai ser uma boa prática para ela.

"Duas cavalariças pela metade do preço?" Ele sorriu. "Um cavaleiro seria um tolo de dizer não a essa oferta."

"Jane", Nellie berrou.

Susana sentia um pouco de satisfação quando ouvidos sensíveis cintilaram ao som estridente. Uma mulher mais jovem, magra e menor, afastou-se do cavaleiro com quem estava falando.

"Traga as escovas e o unguento. Nós vamos cuidar de Moor agora."

Cuidar de Moor? Susana não tinha certeza se apreciou o som disso.

Ele pisou em uma caixa espaçosa, sobre o tamanho de uma tenda de grandes dimensões. Cada um dos transportadores residentes tinha uma caixa própria para cuidar dos arreios, suplementos e troca de roupa. As mulheres foram para a caixa e Susana esperou que fechassem a porta, mas ao invés disso, deixaram-na aberta. De sua posição, agachada no chão de madeira arranhada embora limpo, via diretamente o que acontecia na caixa. Nellie estava na garupa eqüina de Moor enquanto Jane se posicionou em cima de um banquinho para seu torso de homem. Ela ficou de boca seca enquanto observava Jane mergulhar um pano macio em uma



bacia de água morna e banhar a face e o pescoço dele, então fechou os olhos enquanto a cavaliça em treinamento corria o pano sobre os ombros e em toda a extensão enorme do seu peito. Riachos de água limpa escorriam pelo seu peito e músculos bem definidos de seu abdômen e a umidade brilhava através da camada espessa de cabelo e o lustroso pêlo marrom que cobria seu corpo equino.

O ar fresco flutuou pela pequena janela aberta atrás da caixa de Moor e a brisa chegou em Susana, levando o aroma gelado do ar, mas também o perfume dele. Bosque, almiscarado, selvagem e oh! Tão delicioso. Imaginou cobrindo seu peito largo com beijos, lambendo sua cintura magra e usando as pontas dos dedos para rastrear todo o esculpido músculo abdominal.

Atrás do estábulo, Nellie usou um raspador de suor para limpar o pêlo sujo do jogo de pólo e tomando uma escova, afagou-a sobre o dorso em suas costas e flancos resistentes.

Susana parou a triagem em sua bolsa e ficou olhando com os lábios entreabertos e a respiração acelerada enquanto a palma da cavaliça deslizava sobre o corpo musculoso. A cavaliça sorriu quando deslizou seus dedos por cima das asas marrons e suas penas se espalharam um pouco e Susana sabia que elas eram tão suaves como pintinhos e de longe, mais macio e lustroso.

A mulher não devia passar as mãos sobre ele assim. Droga! Ela tinha uma escova e um pano, por que precisava acariciar seu pêlo e acariciar a parte inferior da sua barriga? Quando foi para trás dele e colocou as duas mãos em seus flancos, a raiva de Susana bateu a ponto de ebulição.

"Ela é uma cavaliça, certo" Susana murmurou com nojo, empurrando os laços firmemente em sua bolsa e ficou de pé dirigindo-se para a porta, ela olhou por cima do ombro uma última vez e engoliu em seco, resistindo à vontade de apertar suas coxas e gerar alguma satisfação para seu clitóris latejante e sua úmida vagina. Jane estava esfregando pomada em um dos braços estendidos de Moor e os poderosos músculos brilhavam. Seus dedos longos e elegantes se moviam graciosos quando as mãos da garota, brilhantes com a pomada, acariciavam entre eles e massageavam-lhe as palmas das mãos. Nellie pegou-lhe o rabo na mão



e usou um pente para desamarrar o cabelo castanho e espesso que momento atrás tinha varrido o rosto de Susana de uma maneira suave e excitante.

Com uma respiração profunda, ela saiu e caminhou do armazém para a arena de corrida, que era apenas uma curta distância, e Linn estava lá. Alto e bonito, o jovem mostrava um ávido interesse por ela. Que diabos ela estava fazendo com ela mesma ao se importar com Moor e suas estúpidas cavalariaças quando tinha um guerreiro, o melhor dos melhores, só para si?

Ajeitou sua bolsa de suprimentos mais confortavelmente em seu ombro e se dirigiu para a praça. Ser a única curandeira na aldeia a mantinha ocupada, mas ela gostava de seu trabalho.

Ainda assim, poderia ter tido mais tempo para passar com Linn. Como Moor, sua profissão era a colheita de Rock Blood¹, uma tarefa perigosa, mas necessária que só os mais aptos portadores poderiam tentar. Talvez com a chegada do inverno e a temporada de colheita ficasse para o outro ano, eles poderiam desenvolver o que ela esperava ser uma relação duradoura. Afinal, ele era muito mais adequado para ela do que Moor jamais poderia ser. Ele era seu amigo e Linn o seu cavaleiro.

Sua testa franziu e talvez ela esperasse o impossível. Todos sabiam que cada cavaleiro tinha o potencial de sonhos para compartilhar com sua companheira destinada. A partilha dos sonhos atingia casais ao acaso e sua atração era quase impossível de resistir e Linn nunca tinha sonhos compartilhados com ninguém. Embora houvesse algumas mulheres casadas com cavaleiros que nunca tinham partilhado sonhos, sempre havia a chance de que um dia eles viriam.

O maior medo de Susana era que eles chegassem a se apaixonar para, em seguida, seu companheiro de verdade aparecer magicamente. Por isso, tinha dito a si mesma para ter um relacionamento mais lento e Linn não a tinha apressado, embora deixasse claro o seu desejo.

"Quando estiver pronta", ele lhe dissera.

"Estou pronta", ela sussurrou. "Estou, só não tenho a certeza."

¹ Uma espécie de remédio para a cura da peste.



Capítulo Um

Desejo proibido

Moor apertou os olhos e baixou o queixo contra o granizo que batia em seu rosto quando subiu rapidamente sobre as terras de pontos congelados. Mesmo depois de horas de voo contra o vento, o peso do piloto em suas costas fez pouco para impedir-lhe o potente físico de cavaleiro. As asas batiam e as pernas longas e robustas do seu meio corpo de cavalo se agitaram, o seu tronco humano, com um elegante cabelo que podia crescer à vontade, aceitou a força do tempo, com pouco perigo.

Durante anos ele tinha sido um portador, um dos poucos cavaleiros com a força e resistência para fazer as viagens fatigantes, seja ao norte frígido ou o escaldante dos trópicos para ajudar na coleta de Rock Blood. Sem isso, os humanos morreriam da peste que varria o mundo, atingindo de forma aleatória e deixando alguns vivos sem cura.

"O tempo está um inferno esta noite", falou Jonis, o cavaleiro que estava montado em Moor. Ele se debruçou junto a ele, tentando absorver parte do calor gerado pelo enorme corpo do cavaleiro.

"Somente lembre-se, as coisas sempre podem piorar." Moor gritou para o seu parceiro. Por longos anos, que ninguém se lembrava de quantos, os seres humanos e os cavaleiros trabalhavam juntos para a sobrevivência de ambas as espécies. Os cavaleiros coletores voavam através dos mares cheios de plantas carnívoras para os únicos lugares no mundo onde o Rock Blood existia e, em troca, as fêmeas humanas acasalavam com eles para manterem viva a sua linhagem, já que não existiam cavaleiros do sexo feminino.

Para muitas mulheres, o acasalamento não era simplesmente um instrumento de negociação. Muitas vezes, um cavaleiro compartilhava sonhos com uma fêmea e quando isso ocorria, a atração entre eles era inegável e muitas vezes havia um amor profundo. Depois de acasalar, o cavaleiro e a mulher eram geralmente inseparáveis e a separação um do outro era



nada menos que tortura. Isso era algo que Moor conhecia muito bem. Anos atrás, ele dividiu os sonhos com uma mulher e ela morreu, deixando-o um jovem viúvo amargurado diante de uma instituição que ele tinha uma vez honrado.

Quando o vento diminuiu, ele mudou seu padrão de voo, na tentativa de encontrar um nível mais confortável tanto para ele quanto para seu cavaleiro. Embora o clima não fosse bom, tinha visto pior. Em sua juventude tinha sido um cavaleiro portador de elite entre a sua espécie e os cavaleiros portadores não só possuíam a maior velocidade e resistência de todos os cavaleiros, como também eram muito habilidosos guerreiros também. Ao contrário dos portadores privados, dedicavam suas vidas a coletar Rock Blood enquanto ganhavam pouco e quase não tinham lucro para si.

Houve uma época em que Moor tinha pensado que ser um cavaleiro portador era a maior honra que um cavaleiro poderia aspirar, até que tinha sido traído. Na véspera da morte de sua esposa, uma mensagem urgente tinha sido enviada para que ele voltasse para casa e o guerreiro transportador, responsável pelo seu regimento, guardou a mensagem até que eles tivessem voltado. No momento em que chegou em casa, sua amada esposa estava morta.

Logo depois, deixou a estimada organização militar e tornou-se um portador privado.

"Pronto para aterrissar?" Ele gritou para seu cavaleiro quando plainavam sobre uma das menores ilhas do norte.

"Sim, mas não estou ansiando pelos Lagartos de Gelo e esta ilha está cheia deles."

"Basta manter a sua mente na coleta. Lutar é o que nós, cavaleiros, fazemos."

Deu sinal para os outros portadores se reunirem. Ele e alguns mais experientes lideravam as missões enquanto os outros cumpriam ordens. Depois que Terra, um dos portadores regulares e também marido de sua filha adotiva, Inez, tinha se ferido, ele se oferecera para preencher a viagem.

Como Moor, Terra era permanentemente bem colocado na aldeia de Hornview e era normalmente o líder das coletas. Moor tinha muita consideração pelo homem mais jovem e sentiu-se contente por ele e Inez terem se casado.



Pensou brevemente em Inez à medida que aterrissava. A sua última missão na sua função anterior tinha sido trazer Rock Blood à aldeia dela, que tinha sido duramente atingida pela praga. Ele sentiu uma afeição imediata pela teimosa menina de dez anos cujos pais morreram da terrível doença. Juntos, ele e Inez tinham superado as suas perdas e desde a mais tenra idade, ela tinha mostrado interesse em aprender a andar em cavaleiros. Ele ensinou-lhe tudo o que sabia e se tornaram parceiros em viagens e até poucos meses atrás, quando se casou com Terra, sempre participaram das coletas juntos.

Embora sentisse falta de viajar com ela, imediatamente se afastou quando soube que ela tinha um amante de sonho. Em sua mente, Inez era sua filha e ele não queria nada mais do que vê-la feliz. Terra a amava com todo seu coração, disse ele estava certo. E sabia muito bem a magnificência de se casar com o amante de sonhos, era um presente e não faria nada para ficar no caminho de Inez e do que ela partilhava com o bonito e jovem guerreiro transportador.

Moor aterrissou primeiro, seus cascos bateram sobre a superfície congelada da ilha. Olhando para o céu, sinalizou para os outros que estava seguro. Terra, alto e musculoso com seu pêlo preto, aterrissou depois e vários outros pequenos portadores o seguiram. Kraig, um transportador ruivo, fez uma aterrissagem que deixou seu piloto voando de costas e Moor rangeu os dentes. Desde o momento que Kraig tinha chegado a Hornview, ele não gostou do rapaz. Ele era convencido, arrogante e desrespeitoso com seus cavaleiros e seu ódio pelos seres humanos era óbvio. Moor se perguntou porque ele incomodava em se juntar aos outros em que cujo principal objetivo era ajudar os seres humanos com os surtos de peste.

Deve ter sido o prestígio de se juntar ao grupo de elite que Kraig desejou. Moor não tinha dúvidas de que, eventualmente, ele deixaria os transportadores guerreiros e usaria suas habilidades em coletas privadas onde um cavaleiro poderia potencialmente ficar bastante rico.

Assim que os coletores desmontaram, os cavaleiros tiraram as capas e cobertores de suas bolsas na sela, jogando-os sobre seus corpos ensopados de suor para protegê-los do frio severo das terras espigadas. Os voos longos e cansativos sempre aumentavam a temperatura dos corpos naturalmente quentes dos cavaleiros e o choque do frio amargo foi quase intolerável durante os poucos primeiros momentos depois da aterrissagem.



A coleta corria bem até que os lagartos de gelo atacaram. Moor, Terra e muitos dos cavaleiros destacados como guardas lutaram com eles, formando um círculo ao redor dos coletores e os cavaleiros ajudaram na escavação, enquanto lutavam contra os animais de pele grossa, garras e presas que arranhavam até mesmo a maioria dos transportadores.

"Há muitos!" Gritou um portador loiro com um pêlo de camurça quando usou a espada para cortar um lagarto de Gelo.

"Acho que atingimos um ninho", berrou Terra, ao avistar as lagartas femininas aninhadas em conjunto depois de acasalar com os machos mais solitários. Protegendo os seus ovos não incubados, elas lutavam até mais violentamente do que o habitual.

As bestas enormes cercaram Moor e os outros cavaleiros usaram suas espadas para cortar e apunhalar e as pernas eqüinas para pisar e chutar. O terreno nevado ficou vermelho com o sangue, mas ele estava feliz por perceber que era dos lagartos e não dos cavaleiros.

De repente, a espada do transportador loiro foi derrubada de suas mãos por uma das garras perfurantes do lagarto que atacava com cauda afiada, varrendo as pernas do transportador debaixo dele. Ele aterrissou com um grunhido no seu lado. Moor, muito próximo ao seu camarada caído, galopou dois passos e empunhou a sua espada, rasgando a garganta do lagarto antes que ele pudesse matar o cavaleiro. No entanto, antes que aterrissasse um segundo lagarto caiu de uma rocha e ele sentiu as garras se enfiando e rasgando seu braço antes que apunhalasse seu coração.

O sangue escorria de seu braço, mas ele continuou lutando até que a fraqueza o deixou de joelhos. Terra estava ao lado dele em um instante, e ele e o resto do grupo expulsaram os lagartos.

Rasgando um pedaço do seu cobertor, Terra amarrou o braço de Moor para estancar o fluxo de sangue. Os outros cavaleiros ficaram por perto para protegê-los, os lagartos iriam reagrupar para um novo ataque.

"Você está bem?" O cavaleiro de Moor, Jonis, aproximou-se com preocupação em seus olhos.

Ele assentiu. "Eu só preciso de alguns minutos para descansar e estarei bem."



"Eu não vou levar nenhuma carga conosco", disse Jonis.

"Não, com os surtos da peste, as cidades estão desesperadas por Rock Blood e posso levar."

"Faça uma carga leve" Terra falou para Jonis, que assentiu.

Após alguns momentos, a cabeça de Moor melhorou e ele ficou de pé. Jonis encheu a mala na sela apenas pela metade antes da montar. Normalmente, uma leve carga não teria sido nada, um transportador de seu tamanho e condição não teria nenhum problema em suportar o peso de sua sela, cinquenta ou setenta quilos de carga mais um piloto de cento e quarenta quilos para viagens longas. Naquela noite, no entanto, estava grato por Jonis ser magro como uma criança e a carga ser leve. Ainda assim, sentiu-se confiante de que poderia fazer o voo para casa, mesmo ferido. Tinha que fazer.

Aquelas ilhas eram muito perigosas para permanecer por mais de umas horas, mas infelizmente, uma vez fora das ilhas, não haveria lugar para descansar até chegarem em casa. Centenas de quilômetros de oceanos repletos de plantas assassinas se estendiam entre as ilhas e a vila de Hornview, que estava na costa mais ao norte do mundo civilizado.

"Tem certeza de que está se sentindo bem?" O piloto perguntou, antes de galoparem para a decolagem.

"Não se preocupe, não vou deixá-lo", Moor disse. "Se nós formos para baixo, vamos estar juntos."

"Oh, isso é reconfortante."

"Não tenho a mínima intenção de morrer nessas ilhas nem no mar."

"Basta manter esse pensamento, não é, meu amigo?" Jonis tentou soar provocativo, mas sua preocupação era evidente no modo inquieto quando se sentou na sela.

Na verdade, ele se sentia bem melhor do que esperava. Talvez a emoção da luta lhe desse uma energia extra. Muitas vezes, quando cavaleiros eram testados, alguma reserva oculta se manifestava de dentro, empurrando-os para uma capacidade enorme de força e resistência. Ele nunca caiu ou prejudicou um piloto em sua vida, mesmo durante as piores viagens.



O voo foi melhor do que o esperado até a última das ilhas ficar desbotada na distância, deixando apenas o trecho de mar sem fim. Numa curva mais fechada, uma forte rajada de vento arrancou fluxo de sangue fresco do ferido braço de Moor e ele engasgou de dor, apertando sua mão livre no braço. Jonis arrancou parte de um cobertor no alforje e o ajudou fechando a lesão de novo, um procedimento difícil, enquanto estavam no ar.

Momentos depois, ele estava sangrando através da atadura e sentiu-se tonto pela perda de sangue. O suor molhava-lhe a pele e seus pulmões estavam prontos para explodirem ao ofegar no ar gelado.

Deuses, é muito longe para continuar. Seu coração disparou, saltando batidas enquanto lutava para se manter em um mesmo padrão de voo.

"Vou me desfazer da carga", Jonis falou.

Incapaz de gastar energia para responder, Moor continuou voando. Através dos olhos embaçados, ele pensou ter visto o mortal canal escuro, que estendia para bater as suas pernas eqüinas agitadas.

"Pare. Pare," berrou o piloto. "Estamos muito perto do mar!"

Moor fez o seu melhor para voar para cima, contra o vento. Sua respiração era carregada e sentiu Jonis aproximar-se mais ainda de seu torso de homem, enquanto lutava para soltar a sela. Eles arriscaram suas vidas para recolher o Rock Blood que os seres humanos precisavam desesperadamente e sua carga era uma das melhores, mas naquele momento não se preocupava tanto. A sobrevivência estava em primeiro lugar na sua mente. Sobrevivência e agonia. Seus pulmões e músculos estavam pegando fogo e a perda de sangue o havia enfraquecido tanto que se sentia à beira de desmaiar. De repente, o peso da sela tinha ido embora e ele respirou profundamente, forçando suas asas e pernas para cima. Estava tendo sucesso em sua subida?

"Moor," uma voz berrou à sua esquerda e ele se forçou a concentrar-se em Terra. Outro cavaleiro chegou mais perto à sua direita, segurando uma alça de apoio.

Terra aproximou-se e seu cavaleiro agarrou Jonis. O cavaleiro mais jovem era louco?



Como poderia voar o resto do caminho de casa, com dois cavaleiros e a carga? Isso poderia matar um transportador. Ainda assim, Terra era poderoso e bem treinado e podia muito bem lidar com isso. Ele próprio já tinha se submetido a vôos com cargas excepcionalmente pesadas. Assim, levando o seu cavaleiro, Terra provavelmente tinha salvado a sua vida, assim como a de Jonis. Moor sabia que tinha a força necessária para voar por si mesmo, mas teria se afundado em sua morte antes mesmo de se desfazer de seu montador.

Sem o peso do seu cavaleiro, sua cabeça clareou e sua respiração tornou-se mais fácil. Sentiu algo roçar em sua barriga, o cavaleiro à sua esquerda tinha jogado a alça de apoio por baixo de seu corpo eqüino e um portador a apanhou do outro lado. Os dois cavaleiros menores levantaram-na sobre sua cabeça e cada um deles tinha uma das pontas da alça. Moor sentiu a necessidade, ele poderia apoiar-se sobre a correia e descansar durante o voo para casa, enquanto seus amigos ajudavam a apoiá-lo.

Saber que tinha ajuda e que os outros de seu grupo estavam dispostos a arriscar suas vidas para ajudá-lo e a Jonis, alimentava sua força. Ele bateu as asas mais duramente e depois de um momento levantou-se a uma distância segura acima do mar.

Nem uma vez apoiou-se na alça, não queria sobrecarregar os portadores acima dele a menos que fosse absolutamente forçado. Várias vezes os outros membros do grupo voaram para oferecer-lhe ajuda e apenas um transportador recusou-se a ajudar. Kraig voava na frente, só lançando o olho atrás para disparar olhadas de raiva e ciúme em Terra que voava à frente de Moor, seus movimentos extraordinariamente estáveis para um cavaleiro que carregava muito peso.

À medida que a viagem avançava, ele notava através de seu próprio desconforto que Terra voava mais lentamente que o habitual. O vento soprava espuma do pelo preto eqüino, revelando pedágio empreendido em seu corpo sobrecarregado. Sentiu-se sobrecarregado de gratidão por seu amigo e raiva na direção de Kraig.

O ruivo era também um portador de grande porte, bem capaz de compartilhar o fardo do segundo cavaleiro, pelo menos, parte da viagem. Terra era um verdadeiro guerreiro portador, mas Moor se questionava como Kraig tinha mesmo ganhado uma posição na força de



elite. Demorava mais do que a velocidade e o poder de um guerreiro portador. Lealdade, coragem e compaixão eram qualidades que ele não tinha.

Ao final da viagem, Moor havia perdido muito sangue e estava quase inconsciente durante o vôo. Suas asas e pernas batiam agitadas sem pensar. Quando a luz das tochas próximas à praça da aldeia brilhou como pontos nebulosos distantes, ele se perguntou se a visão de casa não era um truque de sua mente que desfalecia.

Sua aterrissagem forçada provou que ele ainda estava muito vivo. Seus joelhos raspavam no chão sujo e seu corpo eqüino bateu duro a um lado. O vento o tinha deixado nocauteado, não era possível fazer mais do que suspiro e chiado e ele ficou imóvel até que sentiu braços deslizando suave em torno dele. Mãos suaves e frenéticas sondaram seu torso ensangüentado e quando seu olho voltou-se para Inez, sentiu-se inundado de alívio. Sua filha adotiva estava muito assustada enquanto procurava por seu ferimento.

"Braço", ele grunhiu de dor.

De repente, outro par de mãos pequenas encontrou a ferida. Estas mãos eram firmes e hábeis enquanto cortavam o pedaço do cobertor ensangüentado e começavam a limpar o ferimento. Seus olhos focaram em Susana. Apesar de jovem, ela era altamente qualificada. Os cabelos loiros caíram em seu rosto delicado enquanto trabalhava em seu braço e ele pensou tê-la ouvido falar algo sobre cauterização da ferida, mas estava quase inconsciente novamente. A queima em sua carne despertou-lhe um pouco e ele gemeu.

Inez perguntava o que tinha acontecido com o cavaleiro de Moor, alguém lhe disse que ele havia voado com Terra momentos depois e ela partiu, provavelmente para ver o marido. Em sua mente, Moor esperava que Terra não tivesse se machucado, fazendo um vôo tão árduo levando dois homens e carga.

"Você vai ficar bem", Susana disse-lhe em voz suave e sua mão agarrou-lhe o ombro devagar.

"Linn e alguns outros foram pegar alguns baldes de água para refrescá-lo, então poderá voltar para casa e descansar."



Água. Graças a Deus. Seu corpo estava quente o suficiente para explodir. De repente, ele estava encharcado com vários baldes de água fria e lentamente a temperatura de seu corpo voltou ao normal. Quando a hemorragia parou, finalmente, sentiu-se capaz de suportar.

Linn, um robusto e resistente guerreiro transportador, o ajudou a ficar de pé. O áspero jovem loiro estava cortejando Susana e a conversa na cidade é de que os dois possivelmente um dia se casariam. Moor achava que eles faziam um casal bem parecido, a pequena, pálida e loura curandeira e o poderoso cavaleiro. Ambos eram jovens e tinham a vida inteira pela frente. O que ele não daria para sentir o amor e o companheirismo novamente, embora parte dele estivesse feliz de nunca tê-los. Perder sua esposa tinha sido doloroso demais e mesmo assim, ele não teria negociado um momento passado com ela. Desde sua morte, não tinha considerado outro relacionamento sério e Oh! Ele descarregava sua tensão sexual com algumas mulheres bem dispostas que preferiam os cavaleiros que trocavam de forma aos machos humanos. Quando os cavaleiros se concentravam em seu ponto de mutação, localizado na parte baixa de suas costas, eles eram capazes de mudar de meio-cavalo para um corpo inteiro de homem, permitindo-os acasalarem-se com as mulheres.

Em geral, os cavaleiros eram muito altos, musculosos e muito bem dotados. Em suas formas humanas, seus pênis e bolas rivalizavam com as dos verdadeiros cavalos, mas em seu endurecimento ultrapassava em muito as espécies mais fracas em todos os sentidos. A natureza abençoou os cavaleiros e as mulheres nasceram para apreciá-los.

Suas pernas tremeram quando se arrastou até a casa, a uma curta distância do caminho estreito. Embora fosse propriedade do chefe da vila de Hornview, a casa principal estava sempre aberta para os moradores e Susana estava lá, ela atendia a maioria de seus pacientes em seu próprio quarto privado nos fundos. Linn permaneceu ao lado de Moor, apoiando-o, até que ele caiu ao lado da lareira enorme que tomava a maior parte de uma parede da casa.

Embora fraco, ele se concentrou em seu ponto de mutação, estremeando quando mudou para sua forma humana, assim deitado dentro de casa seria mais fácil. Alguém puxou um cobertor sobre seu corpo nu e colocou um travesseiro macio sob sua cabeça.



Seus olhos se abriram pela metade e se fixaram em Susana e ela sorriu, afastando o cabelo úmido de seus olhos. Sabia que ela estava apenas fazendo seu dever, mas ela era o tipo de curandeira que fazia com que todos se sentissem importantes e nunca tratou ninguém com a insensibilidade que alguns curandeiros desenvolviam.

"Vou lhe trazer um pouco de água e algo para comer", disse ela. Longos cílios sombreavam suas bochechas de pele dourada e sardas leves em seu nariz, a faziam parecer ainda mais jovem. Parecia impossível uma menina tão pequena ser um dos melhores curandeiros do Norte.

"Muito obrigado pelo que você fez", disse ele.

Susana sorriu suavemente. "É o meu trabalho. Além disso, não vou deixar que nada de ruim aconteça com você depois de todos esses anos que nos conhecemos."

Desde que ele e Inez tinham se mudado para a vila há mais de sete anos, Susana tinha sido uma boa amiga de ambos. Moor estava contente, pois Inez passou tanto tempo com os transportadores que ela raramente se relacionava com outras mulheres.

Susana, também consumida com seu trabalho, tinha sido uma alma gêmea de sua filha adotiva. Quantas vezes ele compartilhava refeições com os jovens e atuava como mediador durante os seus argumentos ocasionais?

Tão logo, Susana deixou que ele fosse levado ao sono, completamente esgotado da sua lesão e pela difícil jornada.



Na escuridão da casa grande, Moor discerniu a silhueta delicada sentada perto dele no chão. O fogo estava baixo, mas quando a figura se virou, um raio de luar brilhando através de uma janela distante revelou as características atrevidas de Susana.

"Como você está se sentindo?" ela perguntou.

"Melhor". Ele percebeu que toda sua lesão tinha diminuído. Isto tinha de ser um sonho, mas era tão claro e tão real. Os únicos sonhos que podiam parecer-se com isto eram os sonhos compartilhados e era impossível que ele e Susana estivessem compartilhando um. Ele sentou-se



ereto, o olhar fixo sobre a jovem curandeira. Deus, por que ele nunca percebeu que a expressão dela era inebriante? Seus olhos eram de um azul profundo e quase grandes demais para seu rosto, eram bonitos, mas ele sempre os admirou como se aprecia uma escultura ou um pôr-do-sol. Aqueles olhos de repente pareciam ternos e apaixonados enquanto ela aproximava as mãos pequenas pegando seu braço ferido e inspecionava o curativo. A pulsação dele acelerou e sob o cobertor que cobria seu colo, seu pênis inchou.

O que diabos havia de errado com ele? Essa menina era jovem demais para ele. Ela era a melhor amiga de sua filha adotiva e já tinha sido reivindicada por outro cavaleiro, um que era muito mais adequado para ela. Sua grande mão cobriu a dela e suavemente a removeu de seu braço.

"Eu estou bem".

Com os lábios ligeiramente entreabertos, Susana sorriu, inclinando-se mais perto.

"Sim", ela sussurrou contra sua boca, "Você está bem."

Seus lábios macios cobriram completamente os dele. Ele sabia que deveria impedi-la, mas sua alma incendiava. O cabelo loiro fazia cócegas em seu rosto enquanto os lábios se moviam contra os dele. Moor agarrou seu braço e a puxou para mais perto e separando-lhe os lábios com a língua, explorou sua boca quente e úmida. Susana suspirou um som suave de desejo e suas mãos deslizaram sobre os ombros e agarraram suas costas, os dedos magros, mas fortes, apertando seus músculos poderosos.

O coração dele zumbia como se tivesse acabado de voar pelas ilhas pontiagudas. Seu peito subia e descia a cada respiração ansiosa. A sensação dos rígidos seios fartos se pressionando junto ao seu corpo, transformou seu pênis em aço. Ele segurou os ombros dela e a puxou, segurando-a no comprimento dos braços. Sua necessidade por ela o levava à loucura. Era uma dor física dentro dele, estimulada pelo perfume de ervas da sua pele e o eco da sua respiração animando o silêncio em torno deles. Seus lábios cintilantes e inchados pelo beijo eram quase demasiado tentadores para resistir, mas ele tinha que fazê-lo.

"Que diabo nós estamos fazendo?" ele exigiu em um sussurro severo.

Ela parecia tão confusa quanto ele.



"Não sei. Não pude evitar... não sei. Sinto que se eu não fizer amor com você, vou enlouquecer."

"Não antes de mim." Ele a empurrou para longe, não duro o suficiente para machucá-la, mas áspero o suficiente para desencorajar qualquer gesto a mais de paixão.

Susana o olhou com os lábios entreabertos, como se fosse falar. Lágrimas brilhavam em seus olhos antes que ela fugisse da casa e desaparecesse na escuridão.

Moor estalou acordado, seu coração batendo contra seu peito e seu braço ferido doendo. Ele havia jogado fora seu cobertor e seu travesseiro estava do outro lado da sala.

"Deuses". Empurrou-se de joelhos, ofegante. Seu olhar varreu a sala para qualquer sinal de Susana. Ele ainda tinha o gosto dela, ainda a sentia. Seu perfume o abrangeu e tentando ignorar seu pênis que estava inchado de dor, levantou e se dirigiu para a porta. Não havia modo de ele poder ficar na casa grande no restante da noite e não quando isso significa vê-la novamente. Embora ainda se sentisse um pouco fraco por causa de sua lesão, o resto o tinha rejuvenescido um pouco e mudar a forma ajudou a acelerar o processo de cura dentro de seu corpo. Ele sabia que poderia controlar a curta caminhada para sua casa de campo nos arredores da aldeia e em sua própria casa, seria capaz de controlar melhor seus desejos loucos por Susana.

Envolvendo o cobertor em torno de sua cintura, saiu da casa e atravessou a praça da aldeia com os humanos pés nus. Por que não podia deixar de sentir as delicadas mãozinhas em suas costas? Por que não podia expulsar o doce sabor de seus lábios? A última vez que tinha experimentado um sonho tão potente tinha sido anos atrás, quando compartilhou sonhos com sua esposa. Aqueles não tinham sido sonhos normais, mas experiências genuínas que implicam um homem e uma mulher se juntarem pela magia que apresentavam alguns cavaleiros felizes aos seus companheiros destinados.

"Não", murmurou enquanto apressava o passo. Ele largou o cobertor e sentiu o chão tremer embaixo dele quando mudou para sua metade eqüina. Ignorando o momento de fraqueza depois da transformação, estalou em um meio-galope, quase lhe faltando uma batida.

"Não pode ser. Não outra vez. É impossível".



Sua velocidade aumentava até que mal seus cascos tocavam o chão. Abriu as asas para decolar, mas antes que subisse, uma fraqueza lhe acobertou e momentaneamente o mundo ficou preto, então retardou o movimento quando tropeçou e quase bateu no chão. Depois ficou de pé, ofegante, com o braço ferido latejando e olhou para a lua clara e alta no céu da meia-noite. Era inédito um cavaleiro compartilhar seus sonhos com mais de uma mulher na vida e o que aconteceu antes na casa grande não foi um sonho mágico. Deve ter sido algum truque de sua mente após a resistência do voo pelas ilhas enquanto quase sangrou até a morte. Isso foi tudo! Provavelmente nunca sonharia com Susana novamente. Sua pulsação diminuiu a velocidade e ele se virou e caminhou para casa. Depois de uma boa noite de sono em sua própria cama, tudo estaria certo de novo.

Não teria força suficiente para fazer a viagem final na manhã seguinte, antes da parada no recolhimento para a temporada de inverno, então ele podia muito bem sair mais cedo para visitar seu irmão e sua família algumas aldeias depois. Normalmente, ele e Inez iam visitá-los juntos, mas neste inverno ela tinha seu novo marido e eles iriam aproveitar o tempo deles sozinhos. Seria bom para eles.

Empurrando sua porta, Moor parou no centro da sala espaçosa e única para voltar a sua forma humana. Não se incomodou em acender um fogo já que seu corpo de cavaleiro normalmente gerava calor suficiente para mantê-lo aquecido mesmo no tempo frio. Era mais alto e mais musculoso do que a maioria dos outros portadores e tinha sido o maior da aldeia até Terra chegar. Em sua juventude, muitos pensavam que era muito musculoso para ser bom, rápido e ter resistência de piloto, mas ele provou que seus críticos estavam errados. Em seu curto período de tempo como guerreiro portador, ganhou muitas honras. É claro que tinha quebrado uma regra ou duas ao longo do caminho, lembrou-se com um sorriso, e quase quebrado a si mesmo também, mas nunca ninguém tinha ousado insinuar novamente que ele não poderia viajar rápido em longas distâncias.

Quando deitou de barriga para baixo em sua cama, puxou o lençol sobre suas nádegas, fechou os olhos e ficou à deriva. Semi-adormecido, balançou os ombros largos, mas não foi capaz de espantar a sensação das mãos da bela Susana em suas costas.



Susana acordou com seu corpo formigando, mas um sentimento inquieto se apoderou do seu peito. Que sonho estranho! Ela tinha estado nos braços de Moor. *Talvez não seja tão estranho depois de tudo.* Ela caiu sobre seu manto, cercando-o. Em primeiro lugar, aqueles pensamentos luxuriosos enquanto o via jogar no campo, agora esse sonho que deixou seu coração batendo forte e sua vagina encharcada. Moor poderia ser o pai adotivo de sua melhor amiga, mas não era um velho cavaleiro apoiado numa bengala e pronto para ser colocado nas pastagens. Embora ele tivesse educado Inez desde que ela tinha dez anos, era muito jovem quando a tinha achado órfã. E era só oito anos mais velho que Susana e mesmo tendo escondido seu desejo, ela sempre o tinha desejado, sempre o considerou um dos mais belos cavaleiros. Seu corpo, tanto em forma humana quanto meio animal, era primoroso e seus grandes olhos de cor âmbar pareciam alcançar a alma de uma mulher. No entanto, sua boa aparência era apenas parte de sua atração. Moor era sincero e tudo o que ele fazia era com um coração puro e estava disposto a gastar-se por aqueles que amava. Se ele não tivesse criado Inez e se não tivesse partilhado sonhos uma vez com uma mulher que ainda amava, ela teria se aproximado dele para algo mais que amizade. É claro, isso foi antes que ela conhecesse Linn. Ela e Linn estavam se apaixonando e certamente não queria estragar o relacionamento real que poderia ter com ele por uma fantasia tola sobre um cavaleiro que nunca tinha sido nada mais do que um bom amigo.

Susana deixou o seu quarto na casa grande e entrou no salão principal. Talvez devesse ir verificar Moor porque ele quase tinha morrido mais cedo. Talvez isto a tenha incitado a sonhar com ele. Ela sempre foi capaz de ignorar sua atração, mas ele nunca tinha necessitado das suas habilidades antes e embora fosse uma curandeira treinada para permanecer imparcial com aqueles que estavam sob seus cuidados, vendo-o vulnerável tinha feito algo com ela. Queria acalmá-lo, fazer desaparecer a dor, vê-lo forte novamente.

O fogo tinha apagado, escurecendo todo o salão, mas quando se aproximou da lareira, ela percebeu que ele tinha ido embora.



"Moor", ela chamou baixinho no escuro, olhando ao redor. Olhou para uma alcova e ergueu o queixo para o sótão onde vários empregados dormiam, mas o salão estava vazio. Ela correu para onde Linn dormia. Como só tinha sido enviado para Hornview como um portador de combate temporário, Linn ficava na casa grande ao invés de construir uma casa própria. Susana olhou para o cavaleiro que dormia e pensou como ele era bonito em sua forma humana, deitado de costas, vestia apenas calças largas.

Como Moor e Terra, ele era grande para um transportador e seu jovem corpo bem musculoso. Seu cabelo loiro estava em desordem, metade ocultando suas feições suaves.

"Linn." Susana ajoelhou-se e apertou-lhe suavemente. Ele pulou desperto e suas longas orelhas pontudas de cavaleiro balançaram quando seu sentido se tornou vivo.

"O que há de errado?"

"Moor partiu."

"Partiu?" Linn franziu a sobrancelha.

"Ele não está perto do fogo. Vou procurá-lo, você vem?"

"Claro".

Ele ficou de pé, correu a mão pelos olhos sonolentos e esfregou o queixo.

"Espero que ele esteja bem."

"Tenho certeza que está tudo bem com ele. Você sabe o quão rápido nossa espécie se cura. Ele provavelmente ficou doente de dormir no chão perto do fogo e decidiu ir para casa."

"Espero que sim. Ele perdeu muito sangue hoje à noite e pode não ser tão forte como ele pensa."

"Não se preocupe." Ele apertou-lhe a mão enquanto deixava o interior aquecido da casa.

Linn realmente era doce. Lá fora, ela desviou o olhar respeitosamente quando ele tirou a calça e se transformou.

O chão tremeu e ela sabia o que tinha causado. Quando voltou, ele estava parado sobre as quatro longas patas, de olhos fechados, enquanto esperava por poucos segundos que a fraqueza, que sempre acompanhava a troca de forma, passasse. Ela olhou a sua forma equina,



admirando os poderosos músculos ondulando debaixo do suave pêlo e suas asas pressionadas de lado.

Seus olhos se abriram e ele se aproximou da cerca para que ela pudesse pisar e montar. Seu coração vibrou quando ela o fez. Antes dele, ela nunca montou um cavaleiro e ainda não tinha voado com ele. Disse-lhe para não se preocupar que um dia estaria pronta e por enquanto, ele apenas continuava suas viagens a meios galopes fáceis através do campo. Chegando à casa de Moor, olharam pela janela.

"Veja. Eu disse que ele está bem", disse Linn.

Susana engoliu em seco e respirou fundo. Dentro da casa, Moor estava deitado nu de barriga para baixo na cama com os globos tensos de suas nádegas expostos. Um cobertor, provavelmente jogado fora durante o sono, estava no chão ao lado da cama. Os músculos de seus ombros largos e costas se destacavam bem definidos, mesmo quando relaxava durante o sono. Um pêlo escuro espanava suas longas coxas e tornozelos. Ela estremeceu.

"Frio?" Linn perguntou. "Você deve estar congelando porque esse manto não é tão quente o suficiente para um ser humano neste tempo. Vou levá-la de volta."

"Obrigada. Desculpe acordar você."

"Isso nunca é um problema. Como você disse, ele perdeu muito sangue e poderia ter se machucado em algum lugar."

Os dedos dela se apertaram carinhosamente sobre seus ombros fortes.

"Que tal ficarmos abraçados perto do fogo pelo resto da noite?" Ele sorriu para ela, seu tom humorado, embora seus olhos realizassem um convite aberto.

O relacionamento deles havia crescido ultimamente, ainda que nunca tivessem se beijado e somente se abraçado ocasionalmente. Sua oferta foi definitivamente um passo na direção do romance e talvez fosse hora de ela assumir o risco. Investir em um lindo e jovem garanhão como Linn seria suficiente para conter qualquer sentimento ridículo e impossível que ela tinha por Moor.

"Parece maravilhoso", disse ela.

Suas orelhas ficaram em pé.



"Sério?"

"Sim." Ela afagou-lhe o cabelo loiro de areia quando se aproximou da casa grande.

Logo depois, eles fizeram exatamente como ele sugeriu. Ele reacendia o fogo, enquanto Susana trazia travesseiros e um cobertor. Deitada de lado, aconchegou-se a ele, que deslizou seus braços ao redor dela, segurando-a contra o peito. Linn era um homem maravilhoso e jovem e eles se importavam um com o outro. O que mais ela poderia pedir? Fechando os olhos, suspirou. Nesses momentos finais entre a vigília e o sono, sentiu outro perfume e sentiu outro corpo envolvendo o dela. *Deuses!* O que iria fazer se sua atração reprimida por Moor de repente se tornasse obsessão?



Capítulo Dois

Proibido

Na manhã seguinte, mesmo que toda sua força não tivesse retornado, Moor sentiu-se melhor. No entanto, a culpa pela sua não participação na colheita final do ano, o importunava um pouco.

Quando chegou à praça da aldeia, nem Terra nem Inez estavam na arena de corrida. Mas ele não estava surpreso com isso. Depois da noite anterior, ele tinha certeza que Terra estava sentindo músculos que nunca percebeu possuir e considerando que ainda tinha mais um voo para fazer aquela tarde, era esperto por descansar enquanto podia.

“Olá.”

Moor girou ao som da voz de Susana. As memórias de seu sonho o inundaram e seu coração bateu forte.

“Como está se sentindo?” Ela o abordou, agarrando seu braço ferido.

“Muito melhor. Quase bom o suficiente para continuar o voo desta tarde.”

“Absolutamente não.” Rapidamente ela o encarou e olhando-a, achou que ela corava, mas antes de ter certeza, ela baixou sua cabeça para estudar-lhe o braço e seu cabelo caiu através de seu rosto.

“Não é a melhor maneira de lidar com isto, Moor. Você pode se sentir bem agora, mas provavelmente na metade do caminho pode começar a afundar novamente. Dê a você mesmo pelo menos alguns dias a mais antes de outra viagem tão dura.”

Ele suspirou. Provavelmente estivesse certa e ele não estava pronto para outra longa jornada ainda.

Seu próximo pensamento flutuou quando a bandagem caiu longe e as mãos suaves examinaram sua pele nua. Maldição! Por que não podia se concentrar quando ela estava por



perto? Ele a conhecia por anos. A propósito, pela forma que estava agindo, ela não tinha compartilhado seu sonho à noite passada. Ela estava muito segura, muito controlada.

“Você está se curando muito bem,” ela disse. “Venha para a casa grande e lhe farei um novo curativo.”

Ele a seguiu, se perguntando como suportaria o inverno na aldeia sem ter que sair para as coletas e com Susana por perto. Uma ideia o atingiu.

“Com a estação do inverno chegando e sem os vãos para o norte até a primavera, acho que vou visitar meu irmão em Gullville. Eu me sinto bem o suficiente para ir hoje à noite, a menos que você ache que pode ser perigoso.” Um sorriso pairou em seus lábios.

“Não vejo perigo algum, desde que tome cuidado e vá mais devagar. Você quer realmente sair hoje à noite? Por que não espera alguns dias?”

O olhar dele seguiu o suave rebolado de seu traseiro arredondado enquanto ela o levava para a casa grande e seu quarto no fim do corredor.

“Porque preciso de um tempo longe,” ele disse quando entravam.

“Posso entender isso, freqüentemente me sinto da mesma maneira.” Ela apontou em direção a uma das cadeiras em torno da mesa de madeira pequena próxima a lareira e ele se sentou, aguardando-a com a pomada e os curativos.

Enquanto ela trabalhava, eles permaneceram mudos e ele ficou contente por ela manter os olhos enfocados em seu braço, não podia parar de olhá-la fixamente. O spray de sardas através do nariz dela era tão adorável e seus lábios cheios pareciam tão beijáveis!

Pare! Você não pode tê-la.

“Pronto.” Ela se sentou de volta com o olhar fixo no seu, seus lábios entreabertos. “Moor, estou muito feliz que esteja melhor.”

“Devo minha recuperação tanto a você quanto Terra. Obrigado.”

“Estava fazendo meu trabalho.”

“E faz isto bem.”

Ela sorriu. “Tenho que iniciar minhas rondas então Linn e eu estamos indo ao lago para uma refeição.”



A menção do homem mais jovem passando tempo com ela fez os pêlos de sua nuca se eriçarem.

Ela franziu a sobrancelha. “Algo está errado?”

“Não, por quê?”

“Você pareceu bravo por um minuto e suas orelhas estão pontudas.”

“Estão?” Ele não tinha percebido. Ele as meneou e forçou um sorriso. “Estava só pensando sobre o que aconteceu ontem à noite. Esses acidentes me incomodam.”

“Só incomodam?” Ela agitou a cabeça, seus olhos brilhando de diversão. “Vocês, os portadores, são bem resistentes.”

Ele a seguiu para fora da casa grande onde se separaram. Ela foi para a praça da vila enquanto ele se dirigiu à casa de arreios próxima a arena de corrida. Quando se virou, olhou-a por cima do ombro e ficou surpreso por ela também está olhando-o fixamente. Um olhar de surpresa brilhou entre eles e ambos se viraram rapidamente. O passo de Moor se acelerou juntamente com seu pulso. Não, ele não podia sair de Hornview rápido o suficiente.

Uma viagem para visitar a aldeia de seu irmão era exatamente o que ele precisava para recuperar-se desta tola obsessão.



Moor esperou até que Terra e Inez retornassem da colheita naquela noite antes de ir para a vila de seu irmão. Ele quase reconsiderou sua viagem até Susana ir para a arena de corrida encontrar Linn. O modo que ela olhava fixamente para o cavaleiro jovem, para seus músculos magros e tensos da longa jornada, tinha sido quase demais para ele aguentar. Então deu um beijo de adeus em Inez, apertou as mãos de Terra e saiu imediatamente.

Enquanto voava através do céu iluminado pelas estrelas, começou a se sentir um pouco melhor. Agora que Susana estava a vários quilômetros de distância, podia parar de agir como um potro apaixonado e voltar ao seu normal.

Parecia uma eternidade desde que tinha visto a família do seu irmão. Quando Inez era ainda uma criança, eles o visitavam todo ano e mesmo depois de adulta, viajaram juntos. Seria



estranho visitá-lo sem ela, mas sabia que ela e Terra apreciariam ter tanto tempo juntos durante o inverno. Talvez até tivesse um filho! Seria tão bom ver o filho ou filha de Inez crescer.

A noite era agradavelmente quente para o inverno e ele estava tão bem que acabou ganhando velocidade. Amava voar e era difícil se conter, entretanto Susana o advertira e sua voz ressoava em sua mente. Susana. Ele tinha que parar de pensar nela.

Lembrou de Anita, a mulher que verdadeiramente compartilhou seus sonhos. Anita iria sempre ter um espaço em seu coração. Eles eram tão jovens quando começaram a compartilhar sonhos. Quando se casaram, tinham só quinze anos de idade. Moor sempre foi muito alto e grande para sua idade. Deve ter sido o sangue Highlander² de sua mãe. Nenhum outro cavaleiro tinha o poder dos Highlanders. Eles podiam puxar certas cargas que derrubariam qualquer portador. Mesmo ele não sendo tão forte quanto um Highlander tradicional, o sangue em suas veias o serviu bem quando levou um cavaleiro e sua carga pesada para as terras pontiagudas.

Quando jovem, a única coisa que ele queria tanto quanto Anita era ser um guerreiro transportador. Devido a sua estrutura corporal, ele tinha sido informado que não poderia fazê-lo já que a maioria lhe era desproporcional. Então, passou no teste para guerreiros transportadores e surpreendeu aqueles que o chamaram de fracasso antes mesmo de ter começado. Não só era sua velocidade bem acima da média, mas até mesmo experientes guerreiros ficavam pequenos ante o seu recorde de resistência. Aos dezesseis, tinha iniciado na organização militar e por dois anos voou para missões nas terras pontiagudas como também na região tropical e armazenou uma reputação como um cavaleiro que podia voar para qualquer coisa.

Ele se orgulhava de sua carreira e o agradava que Anita parecesse feliz com ele também e o jovem casal passava todo o tempo de sua licença juntos. Estava até planejando uma viagem para Gray Flats quando ela morreu.

Seu peito se apertou com aqueles pensamentos. Suas asas bateram forte no ar quando ele inconscientemente aumentava sua velocidade e lembrava-se de outro longo vôo de antes.

² Highlander – originário das Terras Altas ou Escócia.



Moor se lembrou de ter voado para casa tão rápido quanto possível, nem mesmo se incomodando em descansar depois de uma árdua colheita. Encontrou o corpo frio de Anita deitado na cama deles. Ele a segurou e a beijou, mas não era a mesma coisa, não existia nenhum calor ou suavidade naquele cadáver.

Anita se foi e ele nem mesmo pôde lhe dizer adeus.

“Não,” ele sussurrou. Lágrimas brotavam de seus olhos e não só pela velocidade do voo. “Não posso fazer isso novamente. Não com outra mulher. Uma vez foi o suficiente.”

Ainda que não existisse a chance de ele e Susana estarem compartilhando sonhos, não podia sucumbir àquela isca.

Sua pulsação saltou conforme diminuía a velocidade. Abaixo, luzes brilhavam na janela da casa de fazenda do seu irmão. De repente, ele percebeu que não tinha enviado uma mensagem sobre a sua vinda e achou que não podia simplesmente descer lá. Os pensamentos em Susana tinham nublado todos os outros.

Estava para girar em direção à aldeia mais próxima e tomar um quarto na pousada quando ouviu um bater de asas se aproximando.

“Moor. Ei.” Seu irmão, um cavaleiro alto e forte, gritou enquanto voava mais perto. Como ele, Pete tinha pêlo castanho, mas suas duas patas traseiras eram meio brancas, com estrias coloridas e seu rabo era escuro.

“Gostaria de ter enviado uma mensagem que vinha visitá-lo. Estava a caminho da aldeia para alugar um quarto.”

“Tolice. Lina e eu ficaríamos chateados se não ficasse conosco. Seu sobrinho tem perguntado sobre você por meses.”

“Como está Silas?”

“Crescendo como uma erva daninha, como eles dizem. Ele vai ser um cavaleiro enorme, considerando que tem sangue Highlander do nosso lado como também de Lina. E tem falado sobre se tornar um coletor quando crescer.”

Moor sorriu “Um coletor, huh? Muito bom, podem fazer bastante dinheiro nas feiras, mas é um trabalho árduo.”



“Foi o que eu disse a ele, mas tem tempo para pensar, entretanto. Só tem doze anos de idade.

“Por que não aterrissamos e nos refrescamos? Lina provavelmente já tem o jantar pronto.”

“Tem certeza que não vou incomodar?”

“Nem um pouco. Vamos lá.”

Juntos, os irmãos desceram. O impacto do chão nos cascos de Moor o fez se sentir bem. Susana estava certa. Mesmo depois de um voo bastante curto, ele se sentiu um pouco cansado. Não tinha viajado muito depressa e, no entanto, sentiu-se um pouco quente.

“O que aconteceu?” Pete movimentou a cabeça em direção a bandagem de seu braço e ele brevemente contou sobre o que tinha acontecido na viagem. Quando terminou, Pete pareceu sombrio.

“Esse é um negócio arriscado para você, Moor. Seu amigo Terra parece ser um grande cavaleiro. Ele e Inez se dão bem?”

“Foram feitos um para o outro.”

“Isso é bom de ouvir. Eu me senti assim com relação à Lina. Quando a vi, disse para mim mesmo que inferno era aquela mulher e quando descobri que seu pai era um de nós, soube que estávamos destinados.”

“Vocês fizeram uma boa vida para vocês.”

“Além do acidente, como está?”

“Bem.”

Quando se aproximaram da fazenda, a porta abriu de repente e um menino alto e magro correu em direção a eles em quatro rápidas patas equínas. “Tio Moor, não sabia que você estava vindo.”

“Oi, Silas.” Moor sorriu. “Você está ficando alto, menino.”

“Olhe para isto.” Silas mostrou o punho, revelando um músculo respeitável em seu braço. “Venho puxando o trenó por meses e breve estarei puxando tanto quanto papai.”



Pete levantou uma sobrancelha e assanou o cabelo de Silas. “Vai demorar um pouco, mas não tenho dúvida que quando crescer, você vai puxar até mais que eu.”

“Você devia ter visto a competição na feira do verão passado, Tio. Algum dia é o que vou fazer.”

“Precisamos nos refrescar, então por que não caminha conosco e me conta tudo isso?” Disse Moor.

“Tio, lembra aquele grande Highlander Frederic que o venceu na competição de puxar na feira do ano passado?”

“Oh, sim.” sorriu. “Minhas costas não me deixam esquecê-lo.”

“Ele puxou a maior carga que já vi.”

“Não duvido disso,” disse enquanto se dirigiram ao prado atrás da casa.



“Sobre o que está pensando?” Linn perguntou.

Susana piscou e mudou de posição em suas costas equinas. “Desculpe, você disse alguma coisa?”

“Seu mente tem vagado durante toda a semana.”

Susana não pôde negar aquela acusação. Ultimamente seu trabalho era tudo que mantinha seus pensamentos longes de Moor. Desde que ele tinha viajado sua obsessão por ele aumentou e as lembranças do estranho sonho sobre ele a importunavam. Pareceu tão real que ela se perguntou se de verdade estar em seus braços seria tão maravilhoso quanto a fantasia.

Repreendeu-se. Por que iria pensar sobre qualquer outro homem quando tinha o prazer da companhia de Linn? Concentrou-se em sentir a sensação de seus duros e jovens músculos enquanto ele andava a passos largos em direção à casa grande na aldeia. Sua cauda sedosa escovava-lhe o traseiro e suas costas com movimentos gentis.

“Eu não devia reclamar,” ele disse. “Sendo uma curandeira, você deve ter tanto em sua mente.”



“Desculpe,” ela repetiu. “Não sei o que há de errado comigo ultimamente.” Ela desmontou na frente da casa grande e entrou, olhando para ele, curvou-se e beijou sua bochecha. Eles trocaram um caloroso abraço.

“Tenho que ir à casa de arreios e me preparar para a próxima coleta, então provavelmente não a verei até amanhã.”

“Talvez possamos ter outro passeio no lago? Ele é tão bonito quando está congelado.”

“Parece bom.” Ele acariciou sua bochecha com a parte de trás de sua mão. “Você já pensou mais sobre voar?”

A barriga de Susana se apertou de medo ante o pensamento de subir rapidamente tão alto acima do chão. “Acho que não estou pronta ainda.”

Ele sorriu ligeiramente, um pouco de decepção. “Certo. Adeus, Susana.”

“Tenha um bom vôo, Linn. Fique seguro.”

“Ficarei.” Ele sorriu por cima do ombro enquanto ela o observou até que desaparecesse na casa de arreios, então entrou no seu quarto e pegou sua maleta para começar a fazer suas rondas pela vila.

O dia foi tão ocupado para Susana que ela pôde esquecer sobre ambos, Moor e Linn, quando se concentrou em entregar os gêmeos para a esposa do ferreiro e ajudou dois homens que ficaram feridos em um acidente de carroça.

Tarde naquela noite, finalmente rastejou exausta para a cama e imediatamente adormeceu.



Um dedo gentil traçou os lábios de Susana. Suas pálpebras se ergueram e ela encontrou-se olhando para Moor.

Deuses, outro sonho!

A ponta do dedo se moveu para seu queixo e em seguida acariciou o cabelo de sua testa. Seu olhar varreu-lhe o peito largo, que estava tão perto, quase ela podia sentir a batida do



seu coração. Como se fosse incapaz de parar, ela o fez, sentando ligeiramente e colocando sua palma no duro músculo. Como todos os cavaleiros, sua pele pareceu incrivelmente quente.

Seus dedos se apertaram, afundando-se no tapete de pêlo castanho e suave.

“Moor?” Ela sussurrou, não desejando destruir o momento ainda que precisasse um pouco de comunicação verbal.

Sua mão se afastou do seu peito quando ele pausou a carícia em seu rosto. Foi então que percebeu que ele estava completamente nu e seu olhar se fixou no magnífico membro inchado em seu ninho de pêlo castanho escuro, suas bolas eram pesadas e perfeitamente formadas.

Que diabo estava errado com ela? Era uma curandeira, acostumada aos corpos tanto de humanos quanto de cavaleiros. Mas também era uma mulher e naquele momento nunca se sentiu tão feminina em sua vida inteira.

Sua mão se curvou aos músculos rígidos do ombro dele e de repente, ele a pegou em seus braços e a arrastou para seu colo, gemendo enquanto beijava sua testa e têmpora.

Ela se agarrou a ele e a boca cobriu a dela em um beijo tão quente e penetrante que perdeu todos os pensamentos, apenas se tornando uma criatura de pura sensação. A língua duelava com a sua enquanto suas mãos se deslizavam pelas costas nuas e ela não se importou com sua nudez, enredando as pernas ao redor de sua cintura. O membro de aço apertou-se contra seu dolorido clitóris e sua vagina estava quente e molhada, pronta para ser cheia com aquele músculo de carne.

Susana se balançou contra ele, agarrando-se às costas largas, adorando a sensação do seu peito peludo arranhando seus mamilos.

Levantando-se ligeiramente, ela pegou o pênis em sua mão, amando a sensação da pele de veludo sobre a dureza de aço. Então o guiou para sua vagina escorregadia, maravilhando-se como a enchia completamente.

Ele enterrou o rosto em seu pescoço e embrulhando seus braços ao redor, ela o segurou firmemente, alisando seu curto cabelo castanho.

“Deuses, isto está errado,” ele ofegou.



Susana agitou sua cabeça e o apertou ainda mais. “Eu sei, mas não me importa. Eu preciso disso, Moor, preciso de você.”

Ele gemeu um estrondo profundo em seu peito largo. O desejo apunhalou seu coração e se balançou mais forte contra ele enquanto ele pegava suas nádegas e a ajudava em seus movimentos. Suas mãos eram tão quentes e fortes, as palmas calosas, mas seu firme aperto nem de longe era doloroso.

“Moor, oh,” ela gemeu, apertando-o tão forte que ela duvidou que um macho humano pudesse respirar. Mesmo em sua forma humana, cavaleiros eram bem mais poderosos que os homens e ele normalmente era mais forte que qualquer um deles. Susana se divertiu na sensação de seus músculos de granito e energia contida. Ela se sentiu envolta naquela pele quente, nos músculos sólidos e seu maravilhoso cheiro de ar livre. Seus dentes e língua tocaram o lóbulo de sua orelha e seu hálito era quente contra seu rosto. De repente ela se convulsionou, seu corpo inteiro pulsava pelo melhor orgasmo de sua vida.

Ela ofegou e as mãos dele apertaram seu rosto, a boca cobrindo a sua, absorvendo seus gritos arrebatados. Quando a última onda de prazer a deixou, ele a apertou sobre o colchão e se colocou em cima dela.

Olhou-o profundamente em seus olhos e sentiu a construção de outro orgasmo, inspirada por sua intensa expressão de desejo. Seus olhos de âmbar pareceram arder quando suavemente afastou suas pernas e ajoelhou-se entre elas, beijando a parte interna de suas coxas. A língua acariciava seu clitóris, explorando. Susana fechou os olhos e sua cabeça se arqueava no travesseiro, seus dedos corriam pelo cabelo dele, sentindo a pele suave e lisa de sua nuca.

Ele deslizou pelo seu corpo e a penetrou com uma estocada longa e lenta enquanto ela o enlaçava com seus braços e pernas, seus quadris imitando-lhe os movimentos. *Deuses, aquilo era perfeito.* A temperatura do seu corpo era tão quente, sua força a dominava e podia tê-la machucado com seu grande e duro corpo, mas tudo que ela sentiu foi prazer.

“Susana,” ele murmurou antes de cobrir-lhe a boca com sua.

A língua explorou cada centímetro de sua boca úmida e então lutou um sensual duelo com a sua até que se afastou um pouco, ofegando, mergulhando rápido e duro, dirigindo-a para



outro orgasmo perfeito. Ela gritou, seu corpo pulsando, sua vagina tomada pela ereção de pedra e seus quadris se empurrando em várias estocadas rápidas arremessando-a ao êxtase.

Ele desabou sobre ela com o grande corpo cobrindo o seu e seus lábios se enterraram na curva de seu pescoço.

“Nós não devíamos...” ele começou.

“Eu sei,” ela interrompeu, sentindo-se um pouco doente por dentro. Eles não podiam continuar com isto.

Sabia que quanto mais cedessem a seus sonhos, mais difícil seria se manter afastados um do outro no mundo real.



Moor estalou acordado, encharcado de suor, seu coração batendo e uma tremenda ereção latejando entre suas pernas.

“Maldição,” ele silvou e deixou sua cama. Saiu da casa com cuidado para não acordar Pete, Lina e Silas que dormiam perdidos em um sono tranquilo, que o invejou.

Ele esperava que o sonho sobre Susana tivesse sido um acaso e agora seu pior medo pesava como aço em seu coração. No entanto, não queria admitir aquilo, mas parte dele sabia que os sonhos eram mágicos.

Por que Susana? Por que depois de tantos anos?

Uma velha lenda declarava que os sonhos enfraqueceriam se ambas as partes o negassem. Ele e Susana tinham apreciado a noite de fantasia, mas ambos tinham deixado claro que uma relação entre eles nunca poderia acontecer.

Talvez se ele se concentrasse em qualquer outra coisa fosse capaz de esquecê-la e os sonhos enfraqueceriam. Talvez ele pudesse voar para a região dos trópicos e se juntar às Festas de Colheita até o inverno. Claro que seu cavaleiro regular não o acompanharia, Jonis sempre passou a estação com sua família. Mesmo assim, ele sabia que não teria nenhum problema em achar um cavaleiro temporário.



Balançou a cabeça enquanto caminhava do lado de fora e tirou sua calça, livrando sua ereção para o ar da noite fria. Não, mais colheitas não eram o que ele precisava. Claro que o manteria ocupado durante as jornadas, mas precisava de algo que o preenchesse todo o tempo, algo que o obcecasse mais que pensamentos por uma curandeira jovem e bonita.

De repente, uma idéia o atingiu.

Fechando seus olhos, concentrou-se em seu ponto de mutação e estremeceu quando sua metade humana se moldou e expandiu, deixando-o com sua robusta metade eqüina. Ele partiu em um galope, seus cascos atravessando o prado gelado antes de bater asas e levantar vôo, encabeçando em direção a Kingsville, cinqüenta milhas ao Sul.

Todo ano, a aldeia promovia uma corrida de resistência chamada Chama do Rei Montague e em sua mocidade, Moor tinha participado e ganhado. Treinar para a corrida seria um teste exaustivo para o coração de um cavaleiro e devia ser suficiente para manter sua mente fora de um romance desesperado. Não que esperasse ganhar novamente porque sabia que estaria competindo contra cavaleiros mais jovens, mas desde que terminasse bem, ficaria satisfeito.

O amanhecer chegou quando ele aterrissou em Kingsville. Várias pessoas vagavam nas ruas carregando animais e abrindo lojas. Desceu na larga arena de corrida com cuidado, evitando outros cavaleiros que decolavam para seus voos matutinos. Ofegando um pouco pelo voo rápido, caminhou ao longo da pista até que seu corpo esfriou e seu suor amorteceu, então andou a passos largos através da praça da aldeia para a delegacia local. O xerife estava cuidando da corrida, fornecendo segurança e tomando nomes de concorrentes.

O xerife, um cavaleiro de cabelo grisalho com um longo bigode colorido, estreitou seus olhos em Moor quando este pediu para entrar na corrida.

“Você sabe que em média o vencedor tem de dezoito a vinte um anos de idade?”

Sua raiva se eriçou. Não conseguia entender porque as palavras do xerife o aborreciam porque sabia que não tinha a resistência de sua mocidade, mas ainda não era velho o bastante para ser posto na pastagem.

“Qual é o limite de idade?”



“Quarenta, no entanto não conheço muitos cavaleiros desta idade que aceitam competir com estes jovens loucos.”

“Então ainda tenho quatro anos para participar antes de ser banido para as Corridas Seniores. Adicione meu nome na lista. É Moor.”

O xerife deu de ombros. “Tudo bem, você certamente parece forte o suficiente para pelo menos terminar. A única outra qualificação que você deve ter é ter completado pelo menos duas corridas de resistência no último ano ou ser um portador para que possa provar isto e nos últimos seis meses, deve ter feito pelo menos duas ou mais colheitas no mesmo dia.”

“Facilmente tenho a segunda qualificação e posso fornecer prova escrita do meu comandante de aldeia.

“Excelente. Preciso do nome do seu piloto.”

“Desde quando precisa de um piloto para essas corridas?”

“Este ano eles decidiram que todos os concorrentes devem ter um piloto.”

Moor arqueou as sobrancelhas. “Por quê?”

“Você sabe que sempre tem essas conversas sobre humanos que entram na competição e que isso reflete mais habilidade para um cavaleiro completar a corrida com alguém em suas costas.”

“Você pode me colocar na lista e darei o nome do meu cavaleiro mais tarde?”

“Desculpe, mas preciso disto agora. Porém, você pode mudar seu cavaleiro até o dia da corrida, só me dê um nome.”

“Inez,” Declarou. Não tinha dúvida que ela o montaria, se necessário.

O xerife rabiscou ambos os nomes em um pergaminho meio cheio.

“A taxa de inscrição são cem moedas de prata e é esperado até duas semanas antes da corrida. Boa sorte para você.”

Moor curvou o lábio e saiu da delegacia, o queixo tenso. Uma vez, uma corrida igual aquela tinha sido nada além de uma viagem de prazer para ele. Mas, isso foi há muito tempo. Não que ele não estivesse em boa condição. Só os cavaleiros mais fortes e com maior resistência voavam para as colheitas e ele era considerado um dos melhores. Às vezes, fazia dois ou três



vôos por dia e poucos eram os portadores que podiam voar tanto sem ficar doente, machucado ou cansado a ponto de perigo.

Entretanto o xerife estava certo e ele provavelmente não ganharia, mas onde estava escrito que não poderia ganhar? Alguns cavaleiros mais velhos ganharam A Chama do Rei Montague no passado, por que não ele?

Ergueu seu queixo quando voltou para a arena de corrida. Começaria a treinar imediatamente já que os dois meses para a corrida passariam depressa. Perguntou-se se Susana assistiria.

Estaria louco? Como podia esquecê-la se estava se perguntando se ela o veria correr?

Na pista, galopou e estendeu suas asas. Um voo longo e rápido era só o que precisava e não mais o pensamento da adorável e pequena curandeira. Também precisava falar com Jonis, se ele o montasse na corrida então não teria que pedir a Inez.

Viajou rapidamente para a cabana do seu piloto nos subúrbios de Hornview e ao invés de se sentir cansado pela velocidade extra, sentiu-se revigorado. Talvez fosse a realidade da corrida acertando-o.

Quando aterrissou, viu, pela porta aberta do celeiro, Jonis trabalhando com suas ferramentas.

"Jonis," chamou.

"Moor." O pequeno humano sorriu. "Fico contente em tê-lo aqui. Você me ajudaria um segundo? Estou construindo uma nova cama para mim e preciso de um pouco de ajuda com a armação."

Ele entrou, erguendo a armação inteira facilmente. "Onde você quer isto?"

Jonis apontou para um canto.

"Sabe, preciso de um grande favor," Moor disse quando colocou a cama no chão de madeira.

"Do que você precisa?" Jonis estava em frente a ele com os braços cruzados sobre o peito.

"Preciso de um cavaleiro para correr comigo na Chama do Rei Montague."



Jonis o olhou fixamente por um momento antes de sorrir. “Chama do Rei Montague? Assisto essa corrida todo ano desde que era um menino e ouvi que estão exigindo cavaleiros este ano. Você vai realmente participar?”

“Vou, mas preciso de um piloto.”

“Vai ser uma corrida difícil, com jovens cavaleiros e jovens pilotos.” O cavaleiro sorriu e estendeu sua mão. “Se você vai participar, vou com você.”

Moor agitou-lhe a mão e retornou seu sorriso. “Obrigado, devo isso a você.”

“Não, eu devo a você. Nunca achei que estaria em uma corrida assim e com um cavaleiro tão poderoso.”

“Obrigado, Jonis. Estou orgulhoso de tê-lo em minhas costas.”

“Quando quer treinar? Sei que vai ficar no seu irmão.”

“Estarei lá durante algum tempo, mas virei aqui nas manhãs assim podemos praticar.”

“Ótimo, quanto mais cedo melhor e dessa forma a esposa não pode reclamar.” Jonis piscou.

Falando na esposa, ela o chamou para a comida. Quer ficar por aqui?”

“Não, obrigado. Vou parar na casa de Inez e Terra.”

“Vejo-o amanhã?”

“Bem cedo.”

Os homens trocaram saudações antes de Moor caminhar lentamente para a ladeira em direção a casa de Inez. Quando chegou, tinha se acalmado durante o vôo e pareceu realmente um pouco frio no ar gelado.

Ao bater na porta, Terra respondeu vestindo sua calça e o longo cabelo preto em desordem.

Moor se mexeu desconfortável em suas patas dianteiras. “Desculpe, não é uma boa hora?”

“Alguns minutos mais e teria sido pior.” Inez sorriu quando o abordou, segurando a bata ao redor de sua cintura. Ela se debruçou contra Terra que colocou um braço afetuoso ao redor dela. “Estou brincando, é sempre muito bom ver você. Já está em casa?”



Moor agitou sua cabeça. “Só parei para dar um olá já que estava pelo local. Vou ficar com Pete durante algum tempo.” Estava para continuar quando, pelo canto de seu olho, avistou Susana que vinha pelo lado da casa.

Ele virou, seu coração batendo forte quando seus olhares se encontraram. Por um momento ambos pareciam congelados, então os lábios dela se curvaram em um sorriso, “Moor. Pensei que você estava na casa do seu irmão?”

“Voltei para dizer a Inez e Terra que vou entrar na corrida Chama do Rei Montague.”

“O quê?” Inez exigiu.

“Você vai realmente?” as orelhas de Terra se eriçaram e seus olhos seguraram um olhar de agudo interesse. “Aquela é uma corrida de bastante resistência.”

“Eu sei, ganhei uma vez quando era jovem.”

Terra pareceu impressionado. “O que fez com que decidisse entrar novamente? Inez nunca me disse que você correu.”

“Isso é porque eu não sabia.” Inez agarrou a mão de Moor e a apertou. “Esta é uma corrida muito perigosa.”

“Sim, é.” Susana abordou, estando muito perto dele que seus corpos quase se tocavam. “Eu sei porque quer fazer isso.”

Seu pulso disparou. Ela deve saber o quanto o afetou. Que degradante!

“É por causa da lesão em sua última coleta não é mesmo?” Susana continuou. “Você sente que tem que provar algo a si mesmo.”

Ele suspirou de alívio. “Isso não é tudo, só preciso de algo para me manter ocupado este inverno. Além disso, a corrida não é tão perigosa quanto as coletas.”

“Basta ter cuidado,” Inez disse.

“Sim, não quero estar remendando você novamente tão cedo,” Foi a vez de Susana.

“Acho que é uma grande idéia.” Terra balançou a cabeça. “Você está numa condição excelente e com o treinamento certo, será um dos melhores cavaleiros de lá, se não o melhor.”

“Obrigado, pelo menos alguém não acha que com trinta e seis anos se é velho o suficiente para ser posto no pasto.”



“Difícilmente.” Terra bufou. “Em alguns anos, estarei lá eu mesmo.”

“Inez, eu estava passando para um descanso depois das minhas rondas, mas vejo que não é um bom momento,” Susana disse, enquanto olhava para o peito nu de Terra e a bata de Inez.

“Não,” Terra disse. “Vocês dois gostariam de entrar?”

“Não, obrigado,” Moor e Susana falaram junto. Seus olhos se encontraram e eles sorriram.

Seu pulso se acelerou e sua garganta e barriga ficaram tensas, mesmo assim, Moor conseguiu perguntar calmamente, “Você gostaria de uma carona de volta a aldeia?”

A boca de Susana se abriu e então fechou novamente antes de ela finalmente falar, “Não gostaria de voar.”

“Estarei contente por caminhar.”

“Tudo bem...”

“Não se preocupe, Susana.” Inez piscou. “Ele é realmente gentil. A menos que você pense que Linn poderia ficar chateado.”

“Por que ele ficaria chateado? Ele e eu somos bons amigos, isso é tudo.”

“Uh-huh.” Inez relampejou um olhar de conhecimento que Susana ignorou.

“Sim, gostaria de uma carona,” Susana disse a Moor.

Ele caminhou para um muro pequeno de pedra a fim de que ela o montasse. Eles disseram adeus para Inez e Terra e dirigiram-se à praça da aldeia.

A enxurrada de emoções era quase demais para ele aguentar. Suas pernas acetinadas e lisas em baixo do vestido, ela abraçando seus flancos equinos e suas mãos pequenas descansando ligeiramente em seus ombros, pareceram chamuscá-lo de paixão.

“Como está?” Susana perguntou.

“Bem. E você?”

“Bem.”

Pelos próximos momentos, eles viajaram em silêncio. De repente, Moor ficou ciente do calor úmido vazando pela calcinha de Susana. *Deuses, ela estava tão excitada quanto ele!* Ele sentiu



um desejo louco de galopar através do campo e decolar em um vôo que traria o prazer só sentido entre um cavaleiro e sua companheira.

“Moor, eu...” As mãos delas se deslizaram pelos seus braços e o toque enviou um calafrio pela sua espinha e todas suas costas.

“O que é?” Perguntou suavemente, olhando-a por sobre o ombro. Seus olhares se conectaram e ele parou de caminhar. Ardia de desejo e começou a suar, seu corpo aquecendo como se estivesse vindo de um vôo tropical.

“Eu...” Ela agitou sua cabeça e deslizou de suas costas. “Posso caminhar daqui.”

“Então vou caminhar com você.”

“Não.” Ela colocou uma mão no peito dele e o movimento foi para repeli-lo, mas seu toque se demorou e seus dedos se concentraram nos músculos e acariciaram o tapete de pêlo suave e úmido.

Ele cobriu-lhe a mão com a sua, pressionando tão perto que sabia que ela estava sentindo as batidas fortes do seu coração. Então se inclinou e ela se aproximou mais, ficando na ponta dos pés.

Então seus lábios se encontraram e ele a segurou mais perto, erguendo-a do chão. Susana agarrou-se em seu pescoço, a língua encontrando a dele. Suas bocas se separaram, mas eles continuaram a cobrirem o rosto um do outro com beijos. A pele dela era tão suave, seu cheiro tão excitante!

“Oh, Deuses.” Susana de repente afastou seu rosto.

Moor parou de beijá-la, mas não a soltou e eles se olharam fixamente, olho no olho, seus narizes quase se tocando.

“O que estamos fazendo?” Susana sussurrou.

“Nada,” Ele declarou devagar, colocando-a no chão. Então se virou, correndo uma mão pelo cabelo. “Desculpe Susana. Nunca devia ter feito isto.”

“Não foi só você.”

“Você sabe que não podemos fazer isso.”

“Claro que não podemos.”



Ele estendeu a mão. “Vou levá-la para casa.”

“Não.” Ela ergueu o queixo. “Vou andando. Boa tarde, Moor.”

Ele a observou, sentindo-se como um bobo apaixonado quando ela caminhou pelo campo com as costas retas.

“Maldição,” rosnou e galopou duro atirando-se para o céu. Circulou acima dela, vigiando-a até que chegasse à aldeia, então voou para a fazenda de Pete tão rápido quanto podia.

A ferocidade de seu vôo pareceu acabar um pouco com sua ira e confusão.

Obviamente Susana se sentia da mesma forma que ele se sentia. Como podia ser forte o suficiente para negar isto enquanto ele se sentia a ponto de ceder a todas as suas emoções e desejos? Se ela podia ignorar seus sonhos, então ele também podia, afinal, havia centenas de razões para que ficassem separados e só uma razão para ficarem juntos. Mas o amor era uma persuasão frustrante e poderosa...



Um par de horas mais tarde, Moor aterrissou próximo ao celeiro do seu irmão onde Pete e Silas estavam empilhando madeira.

“Você saiu cedo esta manhã,” Pete olhou o seu corpo suado. “Foi a algum lugar especial?”

Moor foi para frente do celeiro enquanto sua respiração se acalmava. “Kingsville.”

“Ah,” Pete sorriu, “Descobrimos a lista de concorrentes para a corrida este ano?”

“Não, estava me inscrevendo.”

Pete riu então seu sorriso enfraqueceu quando notou a expressão séria de Moor. “Não pensei que estivesse mais interessado em corrida. Não tem o suficiente para fazer voando para as terras pontiagudas?”

“As colheitas não começaram novamente até depois da corrida e preciso de algo para me manter ocupado durante a estação.”

“Você vai realmente participar da corrida?” Silas perguntou.



“Vou.”

“Mal posso esperar para ver isto. Você realmente pensa que pode ganhar?”

“Isso não é sobre prêmios, Silas,” Pete disse. “É sobre completar a corrida, certo, Moor?”

“É sempre uma realização só em completar uma corrida de resistência, mas não há nada de errado com premiação, também.”

“Bem, é uma boa coisa você já saber como é vencer. Em sua juventude, você foi um dos maiores corredores de resistência.”

Moor não perdeu a implicação de seu irmão. Engraçado era que ele não se sentia tão velho quanto todo mundo parecia pensar que ele era. “Trinta e seis anos não é um homem velho, sabe.”

“Nunca disse que era.”

“E você é dois anos mais velho que eu.”

“Certo. E você não me ver participando de uma corrida com um grupo de dezoito anos de idades.”

“Você nunca participou de uma corrida em sua vida.”

“Não de velocidade.”

“E nem de resistência.”

“Bem nem todos nós podiam ser lutadores de combate. Um na família era mais que suficiente.”

“O que está querendo dizer?”

Pete suspirou. “Nada. Só não sei porque esse seu súbito interesse em participar de uma das corridas mais perigosas do mundo.”

“Porque preciso de algo para me manter ocupado. Você tem uma família e eu não tenho.”

Pete estreitou os olhos na direção dele antes de girar para Silas que olhou de seu pai para seu tio. “Silas, você pode levar o trenó para o bosque? Encontrarei com você logo.”



“Certo, papai.” Silas desapareceu no celeiro e momentos depois ressurgiu arrastando o trenó atrás dele. O menino olhou para os adultos antes de caminhar devagar para o campo gelado.

Uma vez que Silas ficou fora do alcance da voz, Pete aproximou-se de Moor, que circulou o celeiro para acalmar-se. “Então vai me contar sobre isso?”

Ele levantou uma sobrancelha. “Isso o quê?”

“Mais especificamente, ela. Quem ela é, Moor?”

Seu pulso acelerou. Pete poderia parecer como um cavaleiro grande e idiota, mas era incrivelmente perceptivo. Mesmo quando criança, ele achava a percepção de seu irmão tanto confortante quanto aborrecedora. “O que quer dizer?”

“Eu quero dizer que só vi esse seu olhar vidrado uma vez antes e isso foi quando estava com Anita. Não, não me olhe assim, sei que não quer conversar sobre ela e normalmente respeito isso. Mas, desde que chegou aqui percebi que algo tem aborrecido você. Agora que ficou completamente louco e entrou naquela corrida, não tenho dúvida que é por causa de uma mulher. Então quem ela é?”

“Ela é...” Moor correu uma mão por seu cabelo úmido e suspirou, lembrando os beijos apaixonados que compartilhara com Susana em seus sonhos. “Ela é alguém que não posso falar e alguém que nunca posso ter.”

“Por quê? Ela já é casada?”

“Não, mas tem outro amigo cavaleiro e é muito jovem para mim.”

“Quanto mais jovem?”

“Vinte e sete.”

“Ahh, besteira,” Pete ridicularizou. “Ela não é muito jovem para você. Um cavaleiro com sua força e fibra pode lidar com uma mulher muito mais jovem que isto.”

“Então por que pensa que não posso lidar com a corrida?”

Pete sorriu. “Voltamos para a corrida novamente. Não estou dizendo que não pode lidar com ela, mas vencer não vai ser tão fácil como quando tinha dezoito anos.”



“Pareço um bobo? Sei que vencer não vai ser tão fácil e não estou necessariamente pretendendo vencer.”

“Não?”

“Pare com isso, Pete. Desde que éramos meninos que você praticamente lê a minha mente.”

“Não sou eu que leio mentes, você que é um mentiroso terrível. Eu conheço você. Não participaria de uma corrida se não acreditasse que tem uma chance de premiação.”

Os punhos de Moor se cerraram. “Não posso parar de pensar nela, sonhar com ela.”

“São sonhos compartilhados?”

“Acho que sim. Depois do primeiro sonho, eu a vi e ela não pareceu estar afetada, mas está em uma profissão onde disfarçar suas emoções é freqüentemente crucial.”

“Qual é a profissão dela?”

“Ela é uma curandeira.”

“Entendo. Você a viu desde que sonhou?”

“Sim.”

“E?”

“Ela pareceu afetada mas pouco disposta a submeter.”

“Quanto tempo você a conhece?”

“Vários anos e nada assim aconteceu antes entre nós.”

Pete arranhou atrás de sua orelha. “Então você sequer era atraído por ela?”

“Claro que era atraído. Ela é adorável, mas podia manter meu desejo longe.”

“E agora estes sonhos são incontroláveis?”

“Deuses, sim.” Moor suspirou, sua pulsação acelerando só de pensar nela. Ele queria falar seu nome. Era como poesia para seus ouvidos apaixonados.

“Tenho certeza que isso também é forte da mesma maneira para ela. Ainda que ela queira negá-lo, eventualmente vocês irão buscar um ao outro como amantes.”

“Não necessariamente. Se ambas as partes negarem o sonho compartilhado, ele se dissipará.”



“Você quer isso?”

“Sim. Não. Merda!” Moor silvou rangendo os dentes.

“Certo.” Pete inspirou e soltou lentamente. Se você e a mulher forem negar os sonhos, posso entender porque precisa entrar na corrida. “Você é bem-vindo para ficar na fazenda enquanto treina.”

“Obrigado, Pete.”

“Ótimo, se um velho portador tem uma chance de vencer, esse será você. Boa sorte, Moor. Espero que consiga o que quer.”

Moor meneou a cabeça enquanto seu irmão seguia Silas para o bosque.

“O que eu quero,” Suspirou, olhando de esguelha. Ele queria Susana em seus braços ou montada em suas costas enquanto subiam rapidamente através do céu. Melhor ainda, queria-a nua em sua cama para beijá-la e abraçá-la e dizer-lhe quanto a desejava. Comparado à negação de seus sonhos, a corrida seria até fácil.



Capítulo Três

Realização Plena

Moor pulou por cima da cerca atrás do celeiro de Pete, suas asas pressionadas fortemente em seus flancos.

Pousou sem perder o passo e galopou pelo campo. Parte da Chama do Rei Montague incluía duas corridas de chão com obstáculos de diferentes tamanhos e usar as asas não era permitido durante as sessões de corrida por terra então todo o poder dos cavaleiros estaria apenas em suas pernas. Seus cascos atingiam o chão em um ritmo constante e o cheiro de grama era mais agradável enquanto ele galopava. Por mais que gostasse do trabalho no chão, voar o excitava mais. A última das quatro partes da corrida era um vôo de cem quilômetros através de um oceano de plantas carnívoras e um período de descanso era obrigatório entre as quatro partes.

Virou abruptamente e galopou de volta em direção ao obstáculo que Silas havia levantado um pouco mais. O garoto gritou elogios quando ele o ultrapassou. Mas, no momento em que ia continuar a treinar, foi distraído por um mensageiro galopando em um cavalo de verdade, alto e negro.

O cavaleiro parou na frente da casa e desmontou do cavalo quase antes de parar totalmente. O animal estava respirando com dificuldade e seu pêlo coberto de suor espumoso. Qualquer que fosse a mensagem que a mulher trazia parecia ser urgente.

Juntos, Moor e Silas correram para a casa onde Lina já havia aberto a porta e estava de pé conversando com o mensageiro.

“O que está acontecendo?” Pete saiu correndo do celeiro e se juntou ao pequeno grupo.

“Moor, tem problemas em Hornview,” Lina disse a ele.

“Que problemas?” Seu olhar estava fixo na mensageira. Ela era uma mulher alta, ágil, com cabelos negros e olhos azuis.



“Eu sou Phillipa, irmã de Terra.” Claro, ela tinha os olhos do irmão. “Um cavaleiro chamado Kraig raptou Inez e voou com ela para as terras pontiagudas, onde pretende matá-la.”

“O que?” Moor rugiu. Ia rasgar Kraig ao meio.

“É algum tipo de armação contra ela e Terra. Terra foi atrás dela, mas ele havia acabado de retornar de várias viagens difíceis para os trópicos e não temos certeza se ele vai conseguir chegar até lá, e se ele conseguir, pode não ter a força necessária para voar de volta para casa com Inez. Eles dois podem morrer lá fora. Há mais detalhes, mas não temos tempo agora. Susana me mandou atrás de você, disse que seria capaz de ajudar.”

“Eu estou indo.” Ele olhou na direção de seu irmão, Lina e Silas. “Estarei de volta quando puder.”

“Fique em segurança,” Lina disse.

“E cuidado,” Peter adicionou.

“Boa sorte, Tio.”

“Assim que meu cavalo estiver descansado, voltarei para a vila,” Phillipa disse, aproximando-se do imenso cavalo e afagando seu pescoço.

Percebendo a preocupação da mulher, Moor disse, “Rápido, suba em mim. Eu voarei com você.”

“Tomarei conta de seu cavalo.” Pete pegou os arreios do cavalo.

Grata, Phillipa o montou e momentos depois, eles corriam em direção a Hornview.

Lembranças da morte de Anita o afligiam. A última vez que havia sido chamado para ajudar uma pessoa amada em perigo, ele não havia chegado a tempo.

Rangeu os dentes enquanto suas asas batiam no frio ar de inverno. Quando colocasse suas mãos em Kraig, ele iria matá-lo!

Pouco tempo depois, eles pousaram na arena de corrida e Susana esperava por eles. Phillipa desmontou rapidamente e correu para a casa grande enquanto Moor se dirigia em direção à Susana.

Machucados marcavam sua face e ela falava tão rápido que ele mal conseguia compreender o que estava dizendo.



“Devagar.” Ele pegou em seus ombros gentilmente, encarando seus olhos frenéticos. Tocou-a ternamente na bochecha preta e azul. “Mas que diabos aconteceu?”

“Kraig atacou a mim e Inez na casa dela. Ele a pegou e saiu voando. Disse que a estava levando para os mercadores de escravos na Ilha Blanchard. Oh, Deus, é tudo minha culpa.”

Ilha Blanchard! O estômago de Moor deu um salto. Era o lugar mais desolado, mais nojento dos trópicos e a casa dos mercadores de carne mais vis do mundo. Eles raptavam cavaleiros e humanos na mesma proporção, vendendo-os para lugares terríveis como as minas nas Montanhas Vertue.

O estômago de Moor se contorceu só de pensar em Inez no meio de tanta sujeira.

“O que quer dizer, como é tudo sua culpa?” Apertou os olhos. Conscientemente Susana nunca machucaria alguém, especialmente seus amigos.

“Terra foi chamado para servir nas colheitas dos trópicos e chegou em casa assim que Kraig havia saído. Ele teve dificuldades, mas voou novamente para os trópicos atrás dele quando lhe contei que eles estavam indo para a Ilha Blanchard. Oh, Moor, Kraig não estava realmente indo para lá, era apenas uma armação para mandar Terra para longe. Ele a levou para Spikelands e planeja matá-la, a não ser que Terra a salve.”

O pulso de Moor acelerou de raiva e medo. Ele iria matar aquele filho da puta ruivo e o quão doloroso seria, dependeria apenas se Inez ainda estaria viva ou não quando ele a encontrasse.

“Phillipa disse que Terra já saiu atrás dela, mas ele precisa de ajuda,” Moor disse, dirigindo-se para a casa de arreios. Se ele estaria indo para Spikelands, precisaria de alguma preparação rápida.

“Ele mal havia pousado dos trópicos quando saiu para Spikelands. Tantos vôos sem descansar o matarão.” Susana engoliu em seco enquanto balançava a cabeça. “Eu não sei se ele vai conseguir chegar, quanto mais salvá-la.”

Ela estava certa. Podia imaginar o quão dolorido e cansado Terra deveria estar após tantos vôos rápidos através do frio e calor severos. “Eu os encontrarei.”



Entraram na casa de apoio e os cheiros familiares de sabão, couro e óleo eram fortes no ar. Ansiedade e raiva o preencheram com energia ilimitada e pegou sua sela leve de montar, colocando-a em seu dorso. A folha pegajosa de uma planta Darrion perfurou pêlo e pele quando a colocou em seu nariz para garantir uma respiração leve durante o longo e rápido vôo que estava por vir. Susana colocou cobertores em suas bolsas junto da sela.

Um sentimento estranho atingiu seu estômago quando a pequena mão dela se alojou gentilmente em suas costas eqüinas. “Por favor, tenha cuidado.”

Ele se virou para ela, estendeu sua mão e ela deslizou para seu abraço, parecendo indiferente à umidade de seu casaco de pêlos suado pelo vôo. A afeição que sentia por ela e não podia mais negar ou esconder o inundou. Seus braços se apertaram em volta dela e beijou-lhe o topo da cabeça. “Não vou voltar sem eles, prometo. Quando colocar as minhas mãos em Kraig, ele será um cavaleiro morto pelo o que fez à minha filha e a você.”

“Apenas tenha cuidado.” Susana ergueu seu rosto e ele se abaixou de forma que seus lábios quase se tocavam. A respiração dela se misturou à dele. O cheiro dela, cheiro de ervas com um toque de rosas, penetrou nos odores pungentes da estribaria.

Eles se separaram no momento em que Linn adentrou, ofegante pelo seu voo para o Hall dos Mensageiros Portadores. Pelo olhar louco em seus olhos e a umidade de seu pêlo, ele havia respondido ao pedido de ajuda tão rapidamente quanto Moor.

“O que aconteceu querida?” Ele trotou até Susana e pegou em sua mão.

Moor eriçou suas orelhas com raiva. Ele queria segurar a mão dela, mas ao invés disso, ela estava com Linn. Mesmo assim, sua irritação ao vê-los juntos enfraqueceu comparada a sua preocupação por Inez e Terra.

Ele terminava sua preparação para o voo enquanto Susana explicava a situação a Linn. Momentos depois, os três saíram da casa de arreios e se dirigiram à arena de corrida onde os cavaleiros começariam seus frenéticos vôos em direção ao norte. De repente, avistaram Terra chegando e seu vôo era inconstante enquanto se dirigia a uma aterrissagem forçada.

Moor e Linn galoparam o mais rápido que puderam para onde Inez rolava pelo chão duro depois de ser atirada para fora de Terra, que desabou ao seu lado. Inez deve ter sido



gravemente ferida pela queda, mas mesmo assim, correu para seu marido e enquanto Moor ajoelhava atrás dela e a segurava em seus braços, notou com preocupação que Terra estava sangrando pelo nariz e tossia com sangue, uma condição que ocorria quando os pulmões do cavaleiro eram afetados pelos vãos além dos seus limites físicos. No tempo frio, o vapor subia de seu corpo completamente revestido.

Inez olhava para Moor com os olhos cheios de lágrimas e sua tristeza e medo apertavam seu coração, lembrando-o da órfã de dez anos de idade que ele conheceu há tantos anos. No entanto, não se entregaram as emoções, não quando Terra estava desesperadamente precisando de ajuda.

Logo depois, Susana chegou com sua bolsa de suprimentos e ajoelhou-se ao lado de Terra para examiná-lo. Moor admirou a forma calma e organizada com que a pequena curandeira tomava o controle da situação e, se alguém podia curar Terra, ele tinha certeza que esse seria ela.



Meia hora depois, com a ajuda de Moor e Linn, Terra estava acomodado perto do fogo na casa grande, com Inez ao seu lado. Susana o tinha tratado com ervas e conseguiu diminuir a violenta tosse, embora não pudesse anunciá-lo ainda fora de perigo.

Com o fim da excitação inicial, Linn deu uma rápida desculpa, alegando que se não fosse mais necessário, precisava retornar para a Câmara dos Cavaleiros Portadores onde recentemente lhe tinha sido dada a posição de instrutor assistente. Susana e Inez agradeceram por ele ter vindo, sabendo que não tinha sido fácil para que chegasse num espaço tão curto de tempo e Susana pensou que gostaria de seu apoio depois dos terríveis acontecimentos do dia, mas para sua surpresa, não sentia tanta a falta dele. Sua atenção era focada em Moor que tinha ficado por causa de Terra e Inez.

Enquanto as mulheres trabalhavam para a saúde e conforto de Terra, Moor foi de grande ajuda para mover o pesado cavaleiro quando necessário e enquanto trabalhava, Susana lançava olhares em sua direção quando podia. De vez em quando, seu ombro tocava o dela devido ao



pequeno espaço em que trabalhavam e o calor do seu corpo a enchia de desejo, bem como o som de sua voz profunda. Somente quando Inez acomodou-se ao lado do marido para passar a noite, eles saíram da casa grande.

Ela o seguiu enquanto ele se dirigia à arena de corrida.

“Moor.”

Ele se virou para ela, o queixo tenso. “Sim?”

“Onde está indo?” Parou em frente a ele, encarando seus furiosos olhos cor de âmbar.

“Vou encontrar Kraig.”

“Mas provavelmente ele deve estar longe.”

“Tenho que tentar. De um jeito ou de outro, ele será encontrado e pagará pelo que fez.”

Susana sabia por sua expressão que ele não mudaria de idéia e odiava admitir, mas concordava com ele. Kraig precisava ser punido com justiça. O ruivo a tinha deixado apavorada e ainda sentia seu pulso esmagando-lhe o rosto enquanto ele a jogava de lado depois de raptar Inez inconsciente. Ele era perigoso e precisava ser detido.

“Por favor, tenha cuidado.” Ela segurou as mãos dele.

Puxando-a para perto, ele a beijou na testa. Seus lábios macios acariciaram-lhe a pele e seu cheiro, almíscar e selvagem, enviaram arrepios por todo seu corpo. “Desculpe por não estar aqui quando você e Inez precisaram de mim.”

“Não foi culpa sua.” Ela cobriu seu rosto com a mão, o polegar acariciando o queixo mal barbeado.

Deuses, ele era tão bonito, um espécime perfeito de rústica beleza masculina. Como poderia viver na mesma aldeia que ele e continuar negando sua atração?

“Cuide de Terra e Inez,” ele disse.

“Kraig é mais rápido que você, Moor.”

“Eu sei, mas sua velocidade acabará antes da minha resistência.”

Antes de ela poder responder, ele beijou sua boca e em seguida, saiu a galope em direção à arena de corrida. Então decolou e seu escuro pêlo era quase invisível no céu noturno.



Susana suspirou e voltou para a casa. Embora não tivesse dúvidas que, se encontrasse Kraig, Moor o venceria numa luta, não tinha como adivinhar para onde o cavaleiro ruivo teria voado depois de deixar Inez para morrer nas Spikelands.

Ela tremeu ante o pensamento do que poderia ter acontecido com sua amiga e o que ainda poderia acontecer a Terra. O guerreiro portador tinha estado perto da morte quando aterrissou e tinha sido incrivelmente comovente ter arriscado tudo para salvar a mulher que amava. Susana se perguntava como seria se sentir tão amada e um arrepio correu por sua espinha quando percebeu que provavelmente estava próximo de descobrir, as emoções escaldantes entre ela e Moor não podiam mais ser negadas.

De volta à casa grande, checkou Terra e Inez antes de se retirar para seu quarto.

Incapaz de dormir, ficou deitada na cama olhando para fora pela pequena janela e encarando a arena de corrida.

Onde ele estava? Será que de alguma forma tinha encontrado Kraig para que o bastardo fosse levado à justiça? Ela estava lá deitada, quente em sua cama enquanto ele estava em algum lugar, voando através do vento e do gelo provavelmente para nada.

Finalmente adormeceu, somente para despertar várias horas depois com o som distante de cascos que batiam e chutavam. Piscando os olhos sonolentos, notou que Moor havia desembarcado na pista de tochas acesas e um homem se debatia enquanto o cavaleiro o arrastava para a praça.

Ela saltou da cama, jogou água no rosto e enxaguou a boca com água e folhas de hortelã para se manter acordada antes de jogar o casaco sobre sua roupa de dormir. O ar frio a atingiu quando correu da casa grande, não antes de verificar Inez e Terra que ainda dormiam perto do fogo.

Correu em direção a ele, que tinha acabado de sair do quartel da segurança. Seus olhos estavam vermelhos e brilhavam de raiva e um vapor emanava do seu revestimento de pêlo por causa do vento gelado. Seu peito de homem e flancos equinos arfavam pela respiração pesada.

“O que aconteceu?” ela exigiu.



“Não consegui achá-lo, procurei em quase todos os vilarejos do norte e fui o mais longe possível nos trópicos mesmo não tendo muito tempo para perguntas.”

“Os trópicos,” Susana ofegou. Ele percorreu um número absurdo de quilômetros nas poucas horas que tinha ido. Não era à toa que parecia tão desgastado. “Está tentando acabar como Terra?”

Ele agitou a mão. “Não há nada de errado comigo.”

Ela o seguiu para a casa de arreios enquanto o observava, o som de sua respiração tinha diminuído para quase o normal e suas pernas pareciam fortes com movimentos sólidos. Seu cheiro estava mais forte, bem sensual e masculino e ela se imaginou tirando suas roupas e se agarrando àquele corpo quente, úmido e poderoso. Seu pulso se acelerou ante o pensamento.

“O bastardo se esconde bem,” Ele continuou. “E você reparou que o nosso chefe, o próprio capitão da guarda parece que desapareceu também?”

Ela franziu o cenho. Ele estava certo e mesmo antes, quando foi anunciado que Kraig havia raptado Inez, o capitão se manteve à distância. No entanto, a articulação desse tipo de crime normalmente envolve os guardas até mais que os cavaleiros portadores.

“O capitão e Kraig vem furtando as reservas de Rock Blood dessa aldeia bem como das aldeias vizinhas. Eles estão vendendo para comerciantes e lucrando com humanos saudáveis e ricos que comercializam ilegalmente.”

O peito de Susana se apertou de fúria que combinava com o brilho de raiva nos olhos dele. Pessoas como Inez, Terra, Linn e Moor arriscavam suas vidas para a colheita de Rock Blood enquanto Kraig e o capitão a roubavam de todos eles.

“Como você descobriu isso?” ela franziu as sobrancelhas quando o viu jogar uma manta e cela sobre suas costas. “E o que está fazendo agora?”

“Há uma caverna há alguns quilômetros fora da aldeia. No caminho de casa, parei lá com um palpite e encontrei um comerciante lá à espera de fazer contato com Kraig. Ele é o único que eu trouxe para os guardas e depois de um jeito bem convincente, me falou sobre o que está acontecendo com o Rock Blood. Pensei que Kraig retornaria à caverna, mas o comerciante disse que ele já tinha ido. Se puder acreditar no que esse canalha diz, ele disse que Kraig contou que



não retornaria para Hornview novamente. Mesmo assim, estou voando com alguns guardas para a caverna no caso dele retornar.”

“Quais guardas?” Susana empurrou-lhe as mãos para os lados e rápido ajeitou a sela, enquanto ele usava a toalha para secar a face e o peito. Ele escorregou para frente uma cadeirinha que seu piloto se segurava durante o voo. “Não tenho certeza de quem podemos confiar, considerando que nosso capitão se tornou um criminoso, não que me surpreenda. Ele sempre foi meio sorrateiro.”

“Lev e Robert são os guardas que estou falando.”

Susana acenou com a cabeça, ela os conhecia por anos e confiava neles muito mais do que já tinha confiado no capitão.

“Tenho que dizer ao xerife o que aconteceu.” Ele saiu da casa com Susana andando ao lado dele, tão perto que o calor de seu corpo se emanava para ela. Ela resistiu a urgência de acariciar-lhe o pêlo úmido e macio por cima dos duros músculos.

Juntos, entraram na casa grande e bateram nos aposentos particulares do xerife. A grave voz do velho homem se ouviu, parecendo sonolento. Ao vê-los, rapidamente despertou e os convidou a entrar enquanto a situação era explicada. Depois, o xerife os seguiu para o quartel onde pretendia questionar o comerciante de Rock Blood pessoalmente. Lev e Robert estavam esperando do lado de fora quando eles chegaram com o zangado xerife.

“A caverna é longe?” Ela perguntou preocupada enquanto os dois homens montaram em Moor, depois de um voo tão longo ele devia estar cansado e o peso dos dois guardas, que não eram leves como seu piloto, não seria bom para uma viagem tão extensa.

“Não muito. Estarei de volta em alguns minutos.” Seu olhar se fixou no dela antes de seguir para a arena de corrida.

Susana permaneceu do lado de fora por um momento, com os braços ao redor de seu corpo protegendo-se contra o vento frio da noite. Com tantas coisas horríveis acontecendo, ela se perguntava se a vida voltaria ao normal, mas sorriu lentamente, ela tinha que admitir que nem tudo estava tão terrível.



O vertiginoso e sensual sentimento que borbulhava nela toda vez que Moor estava por perto estava longe de ser terrível, era só complicado, mais por causa de seu envolvimento com Linn. Era engraçado como ela se imaginava apaixonada pelo cavaleiro mais jovem até que a verdadeira coisa a golpeou como água numa barragem quebrada.

De volta à casa grande, checkou Terra e Inez. O ferido guerreiro estava ainda dormindo profundamente pela mistura forte de ervas que tinha lhe dado mais cedo e Inez ainda dormia ao lado do marido. Ela estava feliz por sua amiga ser capaz de dormir, embora parte dela desejava que estivesse acordada então poderiam discutir sobre a descoberta de Moor.

O pensamento de gente de sua própria aldeia ser capaz de ir tão longe para roubar e assassinar a fez tremer por dentro e quando ele chegasse se sentiria segura, mais segura quando estava na casa grande protegida pelos guardas do xerife. Guardas! O capitão tinha sido tão mal quanto um criminoso comum, pior, escondia-se por trás de sua posição e por isso tinha Kraig. Eles sabiam que ninguém iria questionar um portador trabalhador e um homem da lei por entrarem no armazém de estocagem a qualquer momento.

Envolta em sua capa, ela esperou nas portas da casa grande até ouvir o bater de asas sobre sua cabeça e um momento depois, Moor aterrissou na arena e ela correu para encontrá-lo. Ele parecia quente e cansado, mas não menos furioso do que antes.

“Procurei pelo capitão após deixar Lev e Robert na caverna e ele não estava em lugar nenhum. Você não o viu pela praça?” Ele perguntou enquanto caminhava para a casa de arreios para remover seu equipamento. Parando no poço, jogou água no rosto e no peito.

“A última vez que o vi foi pouco antes de Terra chegar e ele desapareceu depois disso.”

“Bastardo.” Moor rosnou, retirando sua armadura, sela e cobertor e batendo-os para secá-los. “Eles provavelmente escaparam juntos depois que viram que Terra e Inez sobreviveram à jornada.”

“Não tenho dúvidas disso.”

Ele suspirou profundamente, apertando suas têmporas. “Por que eu não estava aqui? Por que fui tão malditamente egoísta deixando esse lugar para chafurdar na autopiedade e não encarar uma pessoa que ...”



Fez uma pausa, engolindo em seco enquanto a olhava nos olhos. O coração de Susana vibrou em seu peito. Ele quis dizer o que ela achava que ele queria dizer? Ele tinha que está tão atraído por ela quanto estava por ele, caso contrário, a vida seria insuportável.

“Moor, não pode se culpar.” Ela tocou seu braço e o calor dele penetrou em sua mão espalhando-se por todo seu corpo. “Você não tinha ideia que isso ia acontecer, Inez está segura e tem uma boa chance que um cavaleiro tão forte quanto Terra irá se recuperar totalmente.”

“Deuses, espero que sim. Diferente de Inez, a vida inteira do homem gira em torno de sua resistência e velocidade e se ele não puder voar de novo... Não quero nem pensar nessa possibilidade. Não posso imaginar não ser capaz de voar tão rápido quanto queira.”

“Você precisa se refrescar.” O olhar dela se fixou em seu corpo quente e úmido e mesmo desgrehado pelo vôo, ele a fez vibrar de desejo. O pêlo macio cobria até quase o seu torso musculoso de homem e sua sólida, mas ao mesmo tempo graciosa parte equina exalava poder. Como ela gostaria de tocá-lo, abraçá-lo e sentir sua boca na dela! “Gostaria de companhia para caminhar?”

“Sim, muito.”

Juntos eles saíram da casa e começaram a circulá-la. Susana não conseguia deixar de olhar para ele. “Eu...” ela começou, sua voz falhando e seu pulso se acelerando. Então ele virou-se bruscamente, olhando em seus olhos. Finalmente ela achou sua voz e disse, “Posso massageá-lo?”

Ele engoliu em seco, seus olhos cor de âmbar em chamas. “Sim, por favor.”

Ela levantou a mão e a pousou sobre seus ombros. Ele estava úmido e quente pela viagem e veias criavam um padrão intrincado debaixo do casaco castanho aveludado. Seus passos diminuíram enquanto a mão dela vagava por suas costas e descansava em seus flancos. Ela acariciou seu traseiro equino.

“Você é tão bonito,” suspirou.

Ele parou atrás da casa de arreios. “Não, você é.”

Respirando profundamente, seu coração se acelerou e ela correu as duas mãos sobre seus flancos e peito equinos até ficar em frente a ele. Seu torso de homem era coberto de músculos



rígidos e em perfeita forma. O vento assoviava através das distantes árvores como se estivesse instigando-os a ceder às suas paixões. Ela não controlava sua atração por ele, o amor que sentia crescia mais forte a cada momento que passavam juntos. Enquanto acariciava-lhe a barriga firme, essa se contraía e se apertava pelo seu toque. Suas mãos apertaram o peito sólido e então a curva de seus bíceps.

“Moor?”

“Sim?”

Ela engoliu em seco. “Isso é muito difícil.”

“Você quer dizer...”

“Ficarmos juntos.”

“Eu quero você, Susana. Não vou mentir sobre isso, não posso.” Inclinou-se para ela, suas mãos meio tímidas agarrando seu braço, então a pegou pelos punhos e virou-se praguejando. “Deuses, quero tanto tocá-la que é quase insuportável.”

“É o mesmo para mim também.” Ela aproximou-se mais dele envolvendo-o pela cintura com seus braços, pressionando seu rosto contra o peito dele. Seu pêlo era tão macio, brilhante e úmido contra sua bochecha.

O cheiro dele era uma maravilhosa combinação de homem e cavalo, couro, almíscar sensual e suor e seu coração palpitava sob sua bochecha. Ela não podia mais imaginar não tê-lo como amante e admirou como eles foram capazes de se conter por tanto tempo.

Ele a abraçou com força. “Eles dizem que os sonhos são para amantes que estão destinados um ao outro, eu sei que é verdade.”

“Sim, por causa de sua esposa.” Ela sempre simpatizou com a perda dele porque sabia quanta dor a morte de Anita tinha trazido para ele. Pensou que devia ter ciúmes falando nela, mas por alguma razão não tinha. Talvez porque sabia, lá no fundo, que significava para ele tanto quanto ela tinha significado e não queria tomar o lugar dela, mas ter o seu próprio lugar no coração dele.

“Queria ficar longe de você por vários motivos e também porque é muito jovem para mim.”



Ela riu. “Bobagem.”

“E por causa de seu relacionamento com Linn.”

O sorriso dela desapareceu. “Isso pode ser um problema. Terei que falar com ele, pensar numa maneira de dizer-lhe se decidirmos agir como nossos sonhos compartilhados. Ele tem sido um bom amigo.”

“A última razão é o medo.” Ele tomou o rosto dela em suas mãos. “Perder Anita quase me destruiu e não quero perdê-la também.”

Os dedos dela apertaram seu peito, seu olhar queimando no seu. Como queria desnudar seus sentimentos para ele, mas as palavras não eram fortes o suficiente. Ela era uma curandeira, uma mulher de ação e, transportar essas emoções profundas era estranho para ela, seu coração ainda não sabia o que fazer. “Não quero perdê-lo também, mas não podemos saber o que vai acontecer no futuro e tudo que sei é que quero aproveitar cada momento que posso com você.”

“Já estou perdido para você.” Ele a apertou em seus braços e ela se agarrou ao pescoço dele, seu olhar parecia varrer-lhe a alma. “Eu amo você, Susana.”

“Amo você também.” Emoção e ternura tomaram conta dela, isso era o que ela ansiava por toda a sua vida. Um cavaleiro que era verdadeiramente seu, um amante que podia entregar também o seu coração. Ela se apertou contra ele e beijou-lhe os lábios.

“Deixe-me terminar o refrescamento, então poderei mudar para minha forma humana e fazer amor com você.”

“Fazer amor?” Ela deu um sorriso travesso.

“A verdade?” Sua voz profunda soou ainda mais rouca que o habitual. “Quero foder seu lindo corpo até vê-la gritar de prazer.”

Seu estômago se apertou e seus mamilos endureceram contra seu casaco.

“Encontra-me no meu quarto quando estiver pronto?” Ela sussurrou.

Ele acenou, tomando suas mãos e beijando-as. Formigando de antecipação, ela respirou fundo e correu para a casa grande. Em seu quarto, reacendeu o fogo e preparou a cama para fazer amor com Moor. Foi quando ouviu a tosse do salão principal. Pelo som, notou que era



dolorosa e tinha piorado e preparou outra bebida de ervas para Terra justo quando bateram à sua porta.

“Susana,” Inez chamou.

Ela abriu a porta e encontrou o olhar preocupado de Inez. Descansou a mão no ombro de sua amiga. “Estou preparando mais chá para ele e logo o levarei.”

“Obrigada, ele está sangrando novamente.”

“Levará só um minuto. Conseguiu umas roupas mais quentes para o peito dele?”

“Sim, mas não está ajudando muito.”

“O chá irá fazê-lo dormir.”

Inez a deixou preparar o chá e momentos depois, ouviu-se um som de algo quebrando do lado de fora.

Carregando o chá, apressou-se para o salão principal e encontrou Inez com uma expressão assustada em seu rosto segurando seu marido que tossia violentamente. Próximo dali, o capitão da guarda jazia morto no chão, com uma faca enfiada profundamente em seu peito.



“Não acredito nessa noite.” Susana caiu em sua cama, esfregando os olhos.

Em sua forma humana, Moor estava agachado junto ao fogo mexendo nas toras de lenha com um ferro. Ele tinha que concordar que os eventos da noite foram mais que perturbadores. “Só agradeço a Deus que Inez e Terra estão bem.”

“Eu sei.” Ela suspirou. “Fico feliz que ela foi capaz de agir na hora certa.”

Apenas uma hora atrás, Moor tinha sido convocado com urgência para a casa grande, onde Inez tinha matado o capitão da guarda, que tinha retornado para matar Terra, ainda provando que sua vingança e a de Kraig somente iriam acabar em morte.

Embora ele estivesse orgulhoso de sua filha adotiva ser capaz de defender a si mesma e aqueles a quem ama, ele sabia que matar um guarda a tinha deixado emocionalmente abalada.

Ela era uma mulher adorável e boa e matar não se enquadraria bem com ela.



“Tinha planejado retornar para a casa do meu irmão por um tempo,” Moor disse, “mas mudei de ideia, não somente estou preocupado em Kraig retornar para acabar seu trabalho com Inez e Terra, mas não posso deixá-la.”

O olhar dela o seguiu quando ele se aproximou da cama e se sentou na beirada, acariciando o cabelo de seu rosto. Ele gentilmente beijou sua bochecha machucada. Ela era tão suave e tão humana! O pensamento de alguém a machucando o torceu por dentro. “E quando penso em Kraig levantando a mão pra você, quero matá-lo.”

“Esqueça-o.” ela prendeu seus braços ao redor do pescoço dele. “Tive assassinado e rapto o bastante para uma vida e não quero falar mais sobre Kraig. Não esta noite.”

Ele acenou, abraçando-a perto e beijando o topo de sua cabeça.

“Faça amor comigo.”

Sem mais palavra, ele a pressionou no colchão e cobriu a boca dela com a sua. Ela tinha sabor de calor e luxúria misturado com hortelã picado. O cheiro de sua pele, parte natural e parte de sabão floral o excitava e seus seios quentes e macios se pressionavam contra seu peito enquanto uma de suas pernas abria caminho entre as dela.

Puxando-o mais perto, ela se pressionou contra ele. Depois de seu frenético vôo ao redor do mundo, ele deveria estar pelo menos um pouco cansado, mas com Susana em seus braços o cansaço desaparecia esmagado pelo impulso de seu corpo.

Fechando os olhos, aprofundou o beijo e sua língua separou-lhe os lábios — escorregadios e sensuais — encontrando os seus com desejo e os dedos pequenos se enroscavam em seus cabelos e acariciavam sua nuca. Seu pulso acelerou. Tinha tido mulheres desde que Anita morrera mas não tinha amado a nenhuma e a sensação era completamente familiar, ainda que ao mesmo tempo fresca. Emoções o sufocaram, então procurou alívio na única maneira que poderia manter a sua dignidade masculina, perdeu-se nos lábios e no toque dela. Naquele momento nada existia, somente Susana. A língua dele continuou devagar, profunda, mas com toda a gentileza que podia e tudo que importava era agradá-la, curtir o prazer que brotava dela, era a única forma que ele sabia como fazer amor a uma mulher tão especial como sua jovem curandeira.



“Oh, Moor, eu queria isso há tanto tempo.” As palavras dela o encheram de ternura e sensualidade. Acalmado pelo seu toque delicado, mas excitado pelo calor do seu corpo macio e perfumado, ele estava perdido naquela experiência que era ainda mais poderosa que seus sonhos.

Relutante, tirou sua boca da dela e tocou os lábios em sua têmpora e a sensação não era menos prazerosa. Seu cabelo era fino, com cheiro de ervas e o acariciou com os lábios enquanto beijava o topo de sua cabeça. Colocando as claras mechas atrás de sua orelha, traçou o delicado lóbulo com a ponta da língua antes de mordiscá-lo carinhosamente. Ela riu quando ele enterrou o rosto em seu pescoço, lambendo e beijando-lhe a pele.

“Preciso tanto de você.” Ela acariciou-lhe os ombros e se agarrou em suas costas.

Enquanto ele puxava o vestido e lambia a pele nua entre o ombro e o pescoço, ela se mexia embaixo dele. Droga de roupas! Ele queria-a nua, suas curvas pressionadas em seu corpo, tão perto que não poderia dizer onde ele terminava e ela começava. Grunhindo de aborrecimento e desejo, ele levantou e arrancou sua calça e as botas.

Todo o tempo, os grandes e claros olhos dela o varriam dos pés à cabeça, até que seu olhar se fixou no pênis dele, que se destacava rígido e ansioso, embora ele não tivesse intenção de se apressar. Parecia que tinha esperado uma eternidade para finalmente segurá-la em seus braços e queria aproveitar cada momento. Susana levantou e tirou seu vestido, revelando seu corpo pequeno, mas sensual e cheio de curvas. Moor respirou fundo, seu membro latejava pela visão do corpo dela, pela luz do fogo em sua pele clara, seus mamilos se destacavam rígidos nos seios arredondados a abaixo da ondulação suave de sua barriga, repousava um suave cacho de cabelo cor de mel. Sentando na beira da cama, ele gentilmente deslizou seus dedos sobre o cacho sedoso entre as coxas lisas.

Susana tremeu e subiu em cima dele, que lhe guiou as pernas em sua cintura, amando a sensação da pele dela nas palmas de suas mãos. Segurando as costas dela com seus antebraços e palmas das mãos, beijou-lhe um ombro e depois o outro e a pele era tão suave contra suas mãos calosas! Suaves sons de prazer escapavam da garganta dela aumentando o desejo dele. No primeiro contato dos úmidos lábios dela em seu peito, seus olhos se arregalaram, a ponta de sua



língua fazia-lhe círculos através dos duros músculos enquanto as mãos acariciavam suas costas e quadris. Aquilo era melhor do que quando sonhava acordado e melhor que os sonhos compartilhados. Deuses, ele mal podia suportar o prazer. Tinha se passado tanto tempo desde que tinha sido beijado e acariciado pela mulher que amava!

“Deixe-me tocar em você.” Ela sussurrou, usando sua pequena força para empurrá-lo de costas e ele a deixou tomar seu tempo e caiu no colchão. Os joelhos dela se apoiaram em cada lado de sua cintura e ela ficou em cima dele, o cabelo fazendo cócegas em seu rosto, ombros e peito enquanto o cobria de beijos.

O coração de Moor batia descontroladamente enquanto maravilhosos lábios e língua percorriam seu abdômen, viajando para baixo até que sentiu a respiração na cabeça do seu pênis. Nesse momento, ele parou de respirar e esperou, o corpo inteiro estava tenso. De repente, sua boca quente e úmida envolveu a cabeça de sua ereção e ele arfou, tentando não fazer muito barulho pois não queria perturbar Inez e Terra. A sensação de ser sugado e lambido pela mulher que ele passou semanas sonhando foi esmagadora, nunca em sua vida tinha experimentado tal perfeição!

Ele se considerava um homem inteligente, mas naquele momento sentia-se completamente bobo e não podia pensar em nada para dizer exceto, “Deuses, Susana. Ah, deuses.”

Ela continuava agitando a língua em sua coroa e usava a ponta para traçar a fenda e ele teve certeza que sentiu seu sorriso. Ela lambia da cabeça à base e vice-versa enquanto ele fazia o possível para não se empurrar com força contra seu rosto. Seus dedos quase rasgaram a cabeceira da cama quando ela fechou a boca na cabeça do membro e começou a sugá-la rápido e forte.

Arrepios de desejo correram por sua espinha enquanto a agarrava pelos ombros e a puxava antes de explodir em sua boca macia e quente.

“Venha aqui,” Ele sussurrou, deitando-a de costas.

Ela arfava enquanto ele lambia um mamilo e depois o outro e separando suas coxas com uma mão, circulou sua vagina com um dedo. Era tão quente e escorregadia com o toque, estava



mais do que pronta para ele. Acariciando os cachos louro-escuros com seus dedos, rolou seu polegar dentro dela e alisou o clitóris inchado. Ela ofegou e empurrou a pélvis contra sua mão.

“Oh, Moor.” Ela arquejou, agarrando o cabelo dele e seus lábios foram rapidamente para os mamilos. Enquanto sugava e lambia, o polegar se apertava em seu clitóris.

Um orgasmo se rasgou através dela e ela se contorceu fazendo o possível para silenciar seus gemidos de desejo que ao final ele os absorveu com beijos.

Sem mover seus lábios, ele se deslizou para dentro dela que o acomodou perfeitamente e seus músculos apertaram seu pênis. Ele gemeu, quase gozando pela sensação e apoiando-se nos braços para não machucá-la com seu peso, começou a se empurrar com lentos e longos impulsos. Ela proferiu sons de puro contentamento enquanto ele estabelecia um ritmo levando-a a outro clímax.

O pulso dele saltou de excitação, especialmente quando seus pequenos saltos se afundaram em suas pernas, pressionando-o mais perto.

Outro orgasmo a varreu e seus espasmos apertaram o pênis dele até que não pôde mais controlar seus movimentos e estocou forte, cobrindo a boca dela com a sua e ofegando. Pressionando seus lábios contra o ombro dela, ele sugou e lambeu deixando-o sensível. De repente, os braços dela se esticaram para baixo e suas mãos tocaram o seu ponto de transformação na parte inferior de suas costas e em um ímpeto de paixão tão intensa, ele perdeu a visão e abandonou-se aos sentimentos, gemendo alto. Para um cavaleiro, seu ponto de transformação era tão sensível quanto seu pênis e ter os dois estimulados ao mesmo tempo proporcionavam o mais incrível orgasmo que qualquer homem esperava.

Rolando de costas, ele se aninhou a Susana trazendo-a para mais perto e ofegando, se emaranharam um no outro, os corpos aquecidos.

“Susana, eu amo você,” Moor sussurrou contra seu cabelo.

“Amo você também.” Ela ergueu o queixo e o olhou nos olhos. “O que vamos fazer?”

“Quero me casar com você.” Seu abraço se fez mais apertado. “Não me negue, Susana.”

“Não posso negar, eu o quero muito para isso.” Ela o beijou e ele afundou a mão em seu cabelo e fechou os olhos enquanto suas línguas se encontravam e exploravam a boca um do



outro, acariciando e saboreando. Quando finalmente quebraram o beijo, ela falou, “Antes de dizermos para alguém, tem que me deixar falar com Linn. Ele tem sido um bom amigo e não quero que fique sabendo por rumores. Devo muito a ele.”

“É claro.”

“Sei que ele está na Câmara dos Portadores Guerreiros e é sua primeira vez como instrutor e não quero incomodá-lo, se puder evitar. Em duas semanas, ele retornará e lhe farei um jantar. Você acha que poderemos esperar até lá?”

A raiva de Moor se encrespou um pouco por ter que esperar tanto para anunciar seus planos, mas ela estava certa. Linn obviamente tinha sentimentos por ela e era um cavaleiro decente, então estava disposto a dar-lhe o mesmo respeito que gostaria para si mesmo. Só porque ele e Susana estavam apaixonados não significava que o mundo todo flutuava no mesmo sonho. O serviço de Linn era difícil, então não havia necessidade de voar até ele e anunciar o noivado.

“Se você não quiser esperar, podemos falar com ele logo,” ela disse.

“Não.” Ele acariciou-lhe o cabelo. “São somente duas semanas, podemos aguardar.”

Os olhos dela brilharam. “Para mim parece uma eternidade, mas não quero jogar isso em cima dele enquanto está trabalhando, pois tem estado muito concentrado em sua tarefa.”

“Tornar-se assistente de instrutor é uma grande honra para um cavaleiro portador, especialmente se for recém-graduado. Ele é um excelente voador e tem muita velocidade.”

“Falando em velocidade, como está o treino para sua corrida?”

“Está indo bem, mesmo não tão completo quanto à velocidade.”

“Eu sei, é resistência. Mal posso esperar para vê-lo na chegada.”

Exaltação correu através dele. “Você vai assistir? Pensei que poderia estar muito ocupada com seu trabalho.”

“Eu não a perderia.”

“Se você tiver tempo, talvez possa me ajudar na prática?”

“Como?”



“Treino durante o dia e poderia tê-la em minhas costas. Jonis somente tem as manhãs para treinar.”

Ela respirou fundo e seu sorriso desapareceu enquanto rolava para o lado e olhava o fogo.

“Susana? O que aconteceu de errado?”

“Você sabe que nunca voei com um cavaleiro.”

Moor sorriu agarrando-a pela cintura e puxando-a para cima dele. Girou seus quadris com provocação. “Isso não é nada.”

“Quero dizer...” Ela se afastou. “Tenho medo de voar.”

Sua alegria desapareceu quando percebeu a intensidade da angústia dela e acariciou seus ombros com as pontas dos dedos. “Desculpe, não quis ofendê-la.”

“Não ofendeu.” Ela se voltou, o olhar fixo no dele. “Desculpe por rechaçar você. Sempre evitei voar com Linn, mas já que você e eu... Acho que tenho que fazê-lo.”

“Não tem que fazer nada.” Ele pegou seu queixo com a mão. “Amo você Susana e se nunca quiser voar comigo, tudo bem. Não estou dizendo que não seria agradável, mas há mais na vida do que isso.”

“O engraçado é que quero voar com você. Nunca quis voar com Linn e dizer não foi muito fácil.”

“Gostaria de tentar?”

Ela o olhou hesitante. “Eu... Eu gostaria, mas quando penso em deixar o chão. Não sei se posso fazer isso.”

“Acho que quando fizer a primeira vez, você vai adorar. É tão bonito lá em cima e você pode ver tudo. É um sentimento enorme de liberdade e não tem como expressá-lo, é algo que se deve ter experiência.”

“Quero voar, mas e quanto às quedas?”

Ele tomou suas mãos e as segurou em seu peito com o olhar fixo no dela. “Não a deixarei cair.”



Ela o olhou fixamente e seu coração batia forte. Deuses, ela queria voar com ele, mas sempre teve tanto medo de altura! Será que poderia partilhar do esplendor que sempre ouvira falar? “Tudo bem,” afirmou. A melhor maneira de superar o medo era confrontá-lo e se queria voar com ele, precisava pular e fazê-lo.

“Quer tentar?”

“Sim, a menos que esteja muito cansado.”

“Quer dizer agora?”

“Antes que eu mude de ideia.”

Ele levantou e a pegou em seus braços. Antes de colocá-la no chão, a beijou e disse, “Pegue algumas roupas quentes porque é frio lá em cima, especialmente neste tempo de inverno. Assim que eu ficar aquecido, vou poder esquentá-la o suficiente para que fique confortável, mas até lá não quero que congele.”

Ela abriu o baú no pé de sua cama e pegou algumas calças e camisetas que usava geralmente quando viajava entre as aldeias. Enquanto se vestia, suas mãos e estômago se arrepiavam de apreensão e excitação. Era isso, realmente estava indo voar.

Moor colocou as calças e as botas então eles vestiram os mantos e foram para a casa de arreios. Ao chegar, ele retirou suas roupas novamente e foi para outro quarto onde poderia se transformar para sua metade eqüina. Embora ela já o tivesse visto e também a outros cavaleiros se transformando antes, a maioria preferia a privacidade quando mudavam de forma. Ela entendia o porquê. Muitos humanos achavam que nos segundos em que se transformavam de duas para quatro pernas ou vice-versa poderia ser muito feio. Mesmo não achando a mudança particularmente atraente, não se incomodava e o resultado final era surpreendente.

O chão tremeu sob seus pés e momentos depois ele saiu do quarto ao lado já com a musculosa metade eqüina. Seus olhos o varreram, admirando os músculos poderosos debaixo de um casaco de pêlo castanho e brilhante. Suas asas marrons apertadas em seus flancos.



“Você é tão bonito.” Ela direcionou uma mão hesitante para suas costas e então o olhou questionando como se esperasse o sinal para acariciá-lo. A etiqueta dizia que um cavaleiro não devia ser acariciado sem permissão.

“Você nunca tem que pedir,” ele disse, como se lesse sua mente. “Sou todo seu.”

Um sorriso se desenhou nos lábios dela enquanto corria suas mãos para baixo até o traseiro dele. Os músculos eram duros e definidos e poder emanava de ambas as partes humanas e de cavalo.

Ela sabia como seria em suas costas, mas não como seria através do céu e seus dedos trilharam sobre suas asas, nas penas aveludadas.

“Tem certeza que está bem?” Ele perguntou.

“Sim, por quê?”

“Suas mãos estão trêmulas.”

“Estou nervosa.”

“Não fique.” Ele pegou a mão dela e a beijou e o cabelo em sua testa fez cócegas no rosto dela. A maioria das mulheres achava um cavaleiro completamente revestido incrivelmente sexy ou completamente ofensivo. Ela não podia imaginar a última.

O revestimento completo de pêlos em Moor emprestava à sua beleza primitiva uma bela aparência. Suas características faciais e seu torso de homem eram cobertos do mesmo pêlo curto e castanho assim como sua metade eqüina, fazendo seus olhos cor de âmbar parecerem mais claros. As pontas de suas orelhas tremiam um pouco quando ele sorria e seus dentes brilhavam contra seu rosto escuro.

Relutante, ele soltou a mão dela e se aproximou de um baú no final da casa que abriu e removeu seu cobertor, sela e arreios. Susana arrumou o cobertor em suas costas antes de colocar a sela e enquanto apertava a cintura, ele deslizou os arreios sobre seu tronco humano e o prendeu.

“Quando subirmos, você pode se sentir mais segura se segurar-se em mim ao invés de usar os arreios.”

“Mas essa não é a maneira correta de cavalgar, não é?”



Ele lhe sorriu maroto. “É para nós. Voar com um amante é diferente que voar com outro cavaleiro qualquer.”

“Já ouvi isso.” O rosto dela queimava. Desde muito tempo, circulavam histórias sobre a satisfação que os cavaleiros proporcionavam às suas amantes quando estavam no ar. Ela tinha sonhado com isso, mas nunca realmente acreditou que poderia acontecer com ela.

Do lado de fora ela o montou. Ele sorriu sobre seu ombro enquanto ela deslizava os dedos e apertava os arreios. “Não vou subir até que você esteja confortável e assim que quiser descer, deixe-me saber.”

Ela assentiu com a cabeça, pois o medo tinha roubado a sua voz. Tremia mais do que o frio e pensou que devia estar louca.

“Não tenha medo,” ele falou.

Ela era uma curandeira, droga. Lidava com a vida e com a morte todos os dias e estaria condenada se sucumbisse ao medo de altura e destruísse o que podia ser uma parte significativa de seu relacionamento com Moor.

“Vá em frente, estou bem.”

Ele foi para a arena de corrida e gradualmente aumentou o ritmo até que trotava para cima e para baixo na estrada reta. Susana o agarrou forte de tão aterrorizada que ficou rígida sobre a sela e seus dentes acompanhavam as batidas dos cascos.

“Vou a galope,” ele disse.

“Estou bem aqui,” disse Susana. “Não se incomode comigo.”

“Não se preocupe e segure firme, não solte.”

“Não vou soltá-lo.”

Apertou a sela com os joelhos e se pressionou o máximo que pôde a sua metade humana enquanto ele se lançava a galope, suas longas e poderosas pernas vencendo o chão.

“Pronta?” ele gritou.

“Faça!”

“Segure forte.”



As mãos dela deslizaram dos arreios e colocou seus braços em volta do peito dele. Por mais que parecesse impossível, sua velocidade aumentava ainda mais quando ela o apertava com sua bochecha pressionada nas costas dele. Embora esperasse que nada impedisse sua respiração, estava com muito medo de afrouxar o aperto. As asas dele se abriram batendo no ar e estava acontecendo, ela estava realmente voando! Terror e excitação a encheram, deixando-a um pouco tonta.

“Feche seus olhos e continue me segurando,” ele ordenou.

Ela fechou e apertou os olhos.

Após vários minutos, ele falou, “Como se sente?”

Abriu os olhos e ficou surpresa ao ver que pairavam em cima da praça da aldeia e uma risada nervosa brotou de sua garganta, a decolagem tinha sido tão suave que não tinha notado que já estavam voando.

“Susana?” ele a olhou por sobre o ombro.

“Estou bem.” Ela se apertou nas costas dele para se esconder do vento frio e sufocante.

“Quer que vá mais alto? Há uma irritante corrente que gostaria de passar.”

“Tudo bem.”

Suas grandes asas bateram no ar quando subiram. Os músculos dele se balançavam enquanto suas pernas se agitavam contra ela e uma rápida olhada para baixo revelou a neve e as encostas ao luar. A casa de Terra e Inez ficou para trás enquanto voavam pelos campos. O vento uivava em seus ouvidos e lá adiante a lua cheia parecia tão perto que quase podia tocá-la.

Enquanto o terror desaparecia, ela tomou conhecimento de outras sensações e quando estava no ar foi capaz de relaxar na sela, ao contrário de quando cavalgavam sobre a terra. Sentia o ritmo do galope das pernas dele em sua vagina e se encheu de desejo. Agora entendia sobre o que falavam a respeito dos voos mágicos dos amantes.

Contra seu rosto, o coração dele batia um ritmo poderoso e podia senti-lo estável pelas suas costas. Ela soltou o controle sobre o cinto e acariciou o peito dele, beijando suas costas.

“Você gosta?” Ele perguntou.



“Adoro.” Por que ela tinha tanto medo? Aquilo era a experiência mais maravilhosa de sua vida.

“Você está indo bem e com alguma prática, será uma incrível amazona.”

“Você acha?”

“Docinho, eu acho. Agora não quero ninguém mais em minhas costas.”

Sorrindo, ela o abraçou ainda mais apertado.

Após vários minutos a velocidade aumentou e ela estreitou os olhos, enterrando o rosto mais ainda nas costas dele. Seu coração disparava e seu sexo pulsava ao ritmo do seu galope.

O corpo dele esquentou, aquecendo-a contra a noite do inverno e quando eles aterrissaram na arena de corrida, ele ainda nem tinha suado e sua respiração era só um pouco elevada.

“Gostaria que eu desmontasse?” Ela perguntou.

Ele sorriu por sobre o ombro. “Não ainda, gosto de você aí em cima. Não tem ninguém por aqui a essa hora da noite, continue me abraçando.”

Ela fez como ele pediu, seus braços envoltos ao redor do peito dele, acariciando o rico pêlo castanho e os sólidos músculos.

Ela deu uma risadinha. “Eu voei num cavaleiro.”

“Sei que você gostou.”

“Mais que isso, mal posso esperar para fazer novamente.”

“Amanhã?”

“Pensei que você nunca perguntaria.”

Ela suspirou de prazer e fechou os olhos, seu rosto descansava pressionado nas costas dele. Nunca em sua vida tinha imaginado ser tão feliz com um homem e manter sua relação em segredo por duas semanas seria uma tortura. Queria anunciar seu amor pelo maravilhoso guerreiro para o mundo inteiro.



Capítulo Quatro

Os guardiões do segredo

Moor rosnou quando ergueu o machado e o desceu, dividindo um tronco ao meio e também atingindo quase a metade da tábua de apoio. Fazia uma semana desde que Terra e Inez fizeram o vôo fatal e uma semana desde que ele e Susana tinham feito amor e começaram uma relação incrivelmente romântica e secreta. Ele compreendeu as razões do silêncio dela a respeito de como se sentiam em relação um ao outro, pelo menos até que Linn voltasse e ela poderia dizer-lhe a verdade. Ainda assim, seu coração transbordava de amor para ela e a necessidade de anunciar a sua afeição ao mundo era quase insuportável.

Ele se curvou e pegou os troncos divididos, lançando-os na pilha enorme atrás de sua cabana no outro lado da praça de aldeia. O aroma de madeira úmida e terra fresca o cercou. Nada como ar fresco e trabalho duro para aliviar um homem de sua vida de frustrações.

“Então você planeja abastecer a aldeia inteira com lenha este inverno?”

Ele olhou por cima do ombro para Terra que estava ao lado de sua casa e o transportador erguia uma sobrancelha para a quantidade absurda de troncos rachados. Entretanto ele ainda parecia pálido e perdeu peso durante sua enfermidade, a tosse tinha melhorado e a cada dia recuperava suas forças. Moor esperava que o cavaleiro mais jovem logo fosse capaz de voar novamente e não sofrer nenhum efeito a longo prazo por causa de seus danos.

“Não, só preciso de exercício.”

“Como está o treinamento para a corrida?”

“Muito bem. Jonis e eu trabalhamos juntos nas manhãs e treino à tarde também.”

Terra suspirou com seu olhar fixo no horizonte. “Inveja você, eu adorava corridas.”

Moor se aproximou enxugando a testa com as costas das mãos. “Você vai correr novamente.”



"Sim," O queixo de Terra estava tenso, "Eu vou e pretendo estar pronto para voar durante a próxima Colheita do Ano e adoraria entrar na corrida de curta distância de Gray Flats³ no verão."

"Apenas se concentre em sua recuperação, você tem toda a sua vida para voar." Moor sabia que suas palavras eram de pouco conforto. Até que estivessem certos que os ferimentos de Terra não eram permanentes, o homem estaria em risco. Não poderia culpá-lo. A carreira de Terra dependia de sua velocidade e resistência e a idéia de que um inútil filho da puta como Kraig poderia ter arruinado uma grande carreira de um guerreiro transportador como ele, o fez doente, embora não tão mal quando soube que Kraig havia ferido Susana e quase matou Inez.

Susana. Deuses, ele mal poderia esperar até à noite quando poderiam ficar juntos.

A excitação o inundou, então levantou seu machado e começou a cortar uma árvore grossa e dentro de segundos, sua força de cavaleiro tinha derrubado a árvore e ele ficou de pé, ofegante, os seus pés humanos afastados. O suor molhava sua camisa.

"Então o que o está aborrecendo?" Terra aventurou.

"O que o faz pensar que algo está me aborrecendo?"

"Porque você cortou essa árvore como um Lagarto de Gelo no ataque."

Moor suspirou e debruçando seu machado contra a tábua de bater, esfregou seus olhos. Manter sua relação com Susana em segredo daqueles mais próximos a ele era difícil e talvez pudesse falar sobre isso sem contar tudo. Precisava discutir o que estava acontecendo com alguém que entendia sobre isso, alguém como Terra que também tinha um amante de sonho.

"Qual é o problema?" A testa de Terra estava franzida.

Ele respirou fundo e falou lentamente. "Eu tenho... Tenho tido sonhos."

"Sonhos? Como nos sonhos compartilhados?"

Ele assentiu.

"Bem, isso é ótimo... não é?"

"Sim e não."

Terra sorriu. "Quando Inez e eu compartilhamos sonhos, não reclamei."

³ Resolvemos deixar no nome original porque não foi encontrada tradução viável no português.



"Já passei por isso antes."

O sorriso de Terra desapareceu e ele deu um passo mais perto. "Eu sei. Sinto muito, mas não pode pensar nisso como uma nova chance? Muitos cavaleiros nunca encontram um amante em sonho sequer uma vez. Agora você tem a oportunidade para esse tipo de amor de novo."

"Eu sei e sou mais sortudo do que tenho o direito de ser."

"Então, quem é ela?"

O olhar de Moor deslocou-se em direção à praça da aldeia. Como por magia, Susana saiu da casa de campo, a bolsa de suprimentos de cura pendurada no ombro. Seu coração vibrou ao vê-la. O que não daria para apertá-la em seus braços!

O olhar de Terra foi dele para Susana e vice-versa e inclinou a cabeça na direção dela, a sua expressão atordoadada. "Você quer dizer... Susana?"

Ele não respondeu, mas pegou o machado e cortou outra árvore. Terra segurou seu pulso quando levantou o braço para impulsionar.

"É Susana, não é?" O cavaleiro de cabelos negros pressionou. "Sabe sobre Linn?"

"Eu não disse nada e acho que deveríamos acabar com essa conversa."

"Inez sabe? Claro que não porque ela teria me dito, a menos que lhes jurasse segredo ou algo assim. Mesmo assim, ela não estaria em condições de mantê-lo longe de mim e eu saberia se estivesse escondendo alguma coisa."

"Nunca percebi que você era tão intrometido."

Terra parecia ofendido. "Não sou intrometido, foi você que me contou sobre sua amante de sonho."

"Só porque ficou me pressionando."

"Porque estava agindo como se tivesse algo em sua mente. Quero dizer, dê uma olhada ao redor." Terra fez um gesto em direção à pilha de lenha, quase tão alta quanto a casa.

Moor cerrou os dentes. Terra estava certo. Ele estava louco de amor e queria que toda a aldeia soubesse como se sentia em relação à Susana, mas prometeu manter silêncio.

"Eu sei que vai dizer a Inez sobre a conclusão que chegou, mas, por favor, mantenha a informação entre vocês."



"Então é verdade?"

"Não devia estar de volta ao repouso?" Moor rosnou.

"Provavelmente." Terra piscou. "Mas isso é mais interessante."

"Vá, tenho trabalho a fazer."

Terra riu e se virou. "Inez estará me procurando em breve. Não se preocupe Moor, seu segredo está seguro conosco."

Pelo menos ele estava certo disso. Inez e Terra provavelmente eram as únicas pessoas em Hornview que não gostavam de fofocas.

Terra parou e olhou por cima do ombro. "Boa sorte para você, Moor. Vocês dois merecem a felicidade."

Ele sorriu e voltou a cortar madeira.



Moor levantou rápido e colocando de lado o livro que estava tentando ler, atendeu a porta. Estava tão obcecado por Susana, que tinha sido incapaz de se concentrar no livro ou outra coisa, só nela, exceto durante o treinamento. Somente quando se empurrava a seus limites físicos foi capaz de se concentrar em algo diferente do seu caso de amor.

Falar com Terra à tarde tinha abastecido a sua ansiedade e não facilitou isso. E se Susana estivesse usando sua relação com Linn como desculpa para evitar admitir publicamente a partilha dos sonhos? Linn era muito jovem, bonito e no auge de seu poder e embora muitas vezes as mulheres comentassem sobre sua aparência atraente, ele já não era jovem. Sempre foi consciente de seus atributos, mas também se orgulhava em honestamente aceitar seus defeitos. A juventude já não estava do seu lado, mas ainda era o voador mais forte que a maioria dos cavaleiros com a metade de sua idade, mesmo assim, sentia os efeitos colaterais das viagens mais duras que fez em sua juventude.

Ele abriu a porta e Susana, envolta em seu manto, sorriu para ele.



"Pensei que nunca chegaria até aqui", disse ela, dando um passo para dentro. "Uma das crianças na periferia caiu e quebrou o braço e não queria sair até ter certeza de que ela estava bem."

Moor empurrou para o fundo de sua mente os pensamentos sobre Linn agora que ela estava aconchegada em seus braços. Enterrando o rosto em seu cabelo, inalou seu perfume doce à base de plantas. Era tão bom estar perto dela novamente.

Inclinando o rosto para cima, ela perguntou: "Como foi seu dia?"

"Ótimo. Tive uma conversa com Terra."

"E eu tive uma com Inez." Ela parecia um pouco culpada. "Ela adivinhou o que somos. Tentei não parecer óbvia, mas ... por que está rindo?"

"Terra fez o mesmo comigo."

"E eu estive preocupada que você ficasse com raiva de mim por tagarelar." Ela disse brincando e batendo em seu braço.

"Eles não vão contar a ninguém."

"Para ser honesta, estou feliz por alguém saber. É tão difícil fingir que os nossos sentimentos mudaram."

De repente, o sorriso dele desvaneceu-se e o estômago apertou. Inez sabia.

A testa de Susana estava franzida. "O que está errado?"

"Como Inez se sente sobre estarmos juntos? Ela parecia chateada?"

"Nem um pouco. Ela é..."

Uma batida na porta os interrompeu e resmungando, Moor abriu a porta. Terra e Inez estavam do lado de fora, olhando-os curiosamente.

"Nós pensamos em convidá-lo para jantar", disse Inez.

"Sério?" Ele lançou-lhes um olhar acusador ao tentar manter um sorriso divertido em seu rosto.

"Mas parece que você tem companhia", Inez continuou, olhando para Susana. "A menos que esteja doente e precise de um curandeiro?"



Moor ergueu os olhos para o céu, agarrou o braço de Inez e a puxou para dentro. Terra a seguiu. "São os dois piores mentirosos que já conheci."

"Então é verdade?" Inez sorriu. "Você e Susana partilharam sonhos?"

"Não foi minha idéia vir aqui." Terra ergueu as mãos em falsa defesa. "Mas você sabe como é Inez uma vez que coloca algo em sua cabeça."

"Inez, hein?" Lançou um olhar incrédulo para Terra.

"Você deve saber, foi você que a criou."

"E fez um trabalho malditamente bom nisto, também", disse Inez. "Susana, ele vai ser um pai maravilhoso."

"Nós não estamos casados ainda e você já me quer grávida." Susana riu e aproximou-se de Moor. "Mas não é uma má idéia."

Ele teve que admitir que o pensamento era atraente. Imaginou Susana rechonchuda com sua filha nos braços ou ensinando seu filho a alegria de voar. Ainda assim, após o que aconteceu com Anita, não estava prestes a chegar à frente de si mesmo. Seria mais do que suficiente se pudesse ter Susana para o resto de suas vidas.

"O convite para jantar ainda está em aberto", Inez disse. "Talvez você possa convencer Terra a não voar muito rápido, ele esta falando sobre decolar sem esperar a aprovação de Susana".

"O quê?" Susana agarrou o guerreiro transportador. "Sei que está se sentindo melhor, mas lhe falei que não considerasse mesmo voar por pelo menos mais uma semana."

"Não seja um tolo", Moor concordou. "Se for rápido demais, pode ter uma recaída que será ainda mais difícil de recuperar. Não quer arruinar sua vida, não é?"

"Não." A mandíbula de Terra estava apertada. "Mas estou cansado de galopar ao redor como um pônei de criança".

"Sacrifique-se muito cedo e isso é tudo que será capaz de fazer para o resto de sua vida."

Os punhos de Inez estavam cerrados e os olhos brilharam de raiva e preocupação.



Moor compreendeu a sua preocupação, mas também sabia como Terra estava se sentindo. Sua saúde estava melhorando rapidamente e ficar fora do ar deve ter sido uma tortura para ele.

"Mais uma semana Terra", disse Susana. "Então você pode começar a voar novamente de forma gradual."

O cavaleiro assentiu com os dentes cerrados visivelmente quando bateu o punho em sua palma da mão. "Odeio isso e o que me incomoda ainda mais é que ninguém tem sido capaz de localizar Kraig. Sei que tem andado tentando mais do que ninguém, Moor".

Era verdade. Ele voava quase diariamente, utilizando seu treinamento como uma desculpa para varrer aldeias e deserto semelhantes para o criminoso e tão logo Terra se recupere, eles planejaram procurá-lo juntos.

"Sim e gostaria que ele parasse por um tempo." Susana repreendeu seu amante com o olhar.

"Alguém tem que encontrá-lo", ele declarou.

"De uma forma ou de outra, nossos caminhos se cruzarão novamente", disse Terra. "E quando isso acontecer, vou matá-lo."

Moor cerrou os dentes. "Não antes que eu o faça".

"Tudo bem, isso é o suficiente", Inez pressionou. "Não acham que já houve muita violência por aqui?"

Susana suspirou. "Talvez todos nós devamos sentar para jantar e relaxar."

"Tenho um guisado cozinhando", disse Inez.

O grupo saiu e caminhou ao longo da encosta de neve para a cabana de Inez e Terra onde compartilharam uma refeição e depois se sentaram perto do fogo. Ninguém mencionou Kraig pelo restante da noite, apesar de Moor saber que os pensamentos dos outros se desviavam para o mau transportador tanto quanto o seu fazia.

A lua estava bem alta quando ele e Susana disseram adeus aos seus amigos e logo que estavam fora no ar fresco, ele pegou a mão dela e a beijou.

"Gostaria de uma carona?"



Ela ficou nas pontas dos pés e deslizou seus braços ao redor dele. "O que você acha?" As mãos dele deslizaram sobre seus ombros e costas. "O que está usando sob o vestido?"

"Nada" sussurrou ela.

"Perfeito". Fechou os olhos e suspirou com paixão. O pensamento de suas sedosas coxas nuas se pressionando contra o seu animal era suficiente para provocar arrepios de desejo para baixo de sua espinha. Até seu ponto de transformação formigou.

Ele andou até um toco de árvore. "Monte".



As coxas de Susana se entrelaçaram ao redor dele e ela apreciou a suavidade de seu casaco de pêlo e a flexão dos músculos enormes que ele quebrava em um galope.

Suas mãos deslizaram ao redor do tronco dele e suas palmas se alargaram contra a espessura dura de seu peito. Deuses, ele era a mais sensual e excitante criatura que já havia conhecido e todos os seus sonhos de montar um cavaleiro tornaram-se realidade quando se deslizou nas costas dele. Sentia-se tão segura com ele que se perguntava como sempre tivera medo de voar.

Ainda assim, à medida que saía do solo, o perigo estava sempre presente e só parecia adicionar as emoções do voo. No céu, ela estava completamente à mercê dele e sua sobrevivência dependia de sua força, agilidade e disponibilidade para protegê-la com sua vida caso for necessário.

O ritmo aumentou até que seus cascos mal pareciam tocar o chão. Os joelhos de Susana abraçaram seu arreio quando ela apertou o peito de seu homem e escutou sua pulsação latejante. Seus olhos se fecharam quando ele estendeu suas asas. Deuses, ela amava a sensação do seu poderoso corpo e das batidas de suas magníficas asas aveludadas em torno dela. Momentos depois, o vento ficou mais forte e ela sabia que estavam voando.

Ela sorriu e o beijou entre as omoplatas, os dedos acariciando-lhe o peito.



"Gostaria de tentar ir um pouco mais rápido?", Perguntou ele. "Acredite ou não, mais rápido em um de nós aqui em cima é muito mais fácil do que em um cavalo de verdade lá em baixo."

"Eu quero". Ela reforçou seu domínio sobre ele um pouco.

"Isso é bom, mas tente relaxar. Pronta?"

"Sim".

O vento zunia em seus ouvidos quando as asas bateram mais rápido e ele delimitou através do ar e uma emoção corria através dela. Seu tronco era um excelente escudo contra os ventos ásperos, protegendo os olhos e a pele, tornando possível respirar, mesmo quando envoltos em sua velocidade ofuscante.

Eu nunca senti nada como isso. Ela sorriu, seu corpo inteiro formigando. Uma olhada rápida para baixo revelou apenas prados e manchas de floresta e perdida no rápido e poderoso vôo, ela não tinha idéia de quantas milhas tinham percorrido antes de senti-lo respirar profundamente. Apesar do vento, estava aquecida pelo seu corpo, seu coração pulsava loucamente quando ele correu e o calor e a umidade do seu pêlo infiltraram-se nas pernas nuas estimulando sua vagina de uma maneira que nunca sonhou ser possível.

Ela gemia baixinho, seus dedos úmidos amassando o tapete de pêlo macio que cobria o peito dele.

"Você está bem?" Ele falou por sobre o vento.

"Estou muito bem. Deuses, é como fazer amor no ar."

"Então, devo estar fazendo a coisa certa."

Constrangimento passava por ela, mas desapareceu para dar vazão a emoções muito mais fortes. Estava prestes a gozar, a menos que Moor diminuísse a velocidade ou aterrissasse logo.

Ele não o fez. Ao contrário, pulou para frente em outra explosão de velocidade, sustentando-a com seus músculos tensos e seu coração disparado. As pernas de Susana estavam fracas embora lhe apertasse os flancos, bem como os seus braços que seguravam seu torso. De



olhos fechados, ela arfava quase tão forte quanto ele e isso era demais para qualquer mulher suportar. Ele era maravilhoso!

A pressão se construía em seu estômago e seu clitóris e vagina doíam com a necessidade que só ele poderia cumprir com cada passo de seu corpo de cavaleiro poderoso. Latejava e tremia no mais magnífico clímax que jamais experimentara.

Com os braços e pernas relaxados, ele retardou o seu vôo e dentro de um instante, sua respiração e pulsos ficaram lentos, uma marca de sua excelente condição física. Era um portador forte e Susana não tinha dúvidas de que iria se sair bem na corrida de resistência, mesmo competindo contra cavaleiros mais jovens. Ela se perguntava se os anos de experiência de Moor poderiam até mesmo dar-lhe uma vantagem sobre os jovens garanhões de cabeça quente. Embora dissesse a si mesma que não importava ganhar, no fundo só queria vê-lo bem.

"Estamos em casa." Ele a olhou por cima do ombro.

Susana olhou para a praça da aldeia enquanto ele aterrissava suavemente no escuro. Em seguida, escorregou das costas dele e seus primeiros passos foram um pouco instáveis. Depois de um passeio tão maravilhoso, andar sobre duas pernas humanas parecia uma forma mais desajeitada de viajar.

Segurando seu braço, ele a puxou e a estreitou, curvando-a e apertando os lábios com os dela. Ela ficou na ponta dos pés, deslizando os braços em volta de seu pescoço, um pouco relutante em deixá-lo ir, mas a arena de corrida não era lugar para uma cena romântica.

"Preciso esfriar." Ele acariciou seu rosto com as costas da mão. "Vou andar até em casa."

"Você quer que eu o esfregue-o para baixo?" Ela o olhou através de seus cílios.

"Eu adoraria, mas é tarde e você precisa estar em suas rondas de manhã cedo."

Susana suspirou. Ele estava certo. Sorrindo, descansou a mão no peito e disse:

"Com todas as histórias sobre como os cavaleiros são selvagens, tenho de acabar com um sensato".

Ele franziu a testa. "Isso é ruim?"

"Nem um pouco."

"Por que está me olhando assim?"



Os olhos dela se alargaram. "Assim como?"

"Isso é porque você é tão jovem como a minha filha. Minha filha. Pelos deuses, que diabos estou fazendo?" Os punhos se cerraram e ele começou a passear.

O que havia de errado com ele? Susana nunca iria compreender o homem de qualquer espécie. Colocando as mãos nos quadris, olhou para ele. "Olhe, Moor, odeio arruinar sua autopiedade, mas devo dizer que não está mesmo com idade para ser meu pai. Posso ser mais jovem que você, mas sou mais velha que Inez e a menos que tenha sido pai de bebês quando tinha oito anos, você não é velho o suficiente para ser pai de sangue de qualquer uma de nós."

Ele fez uma pausa. "Vocês duas parecem tão jovens".

"Bem vovô, talvez Inez e eu estivéssemos certas sobre você não ser capaz de lidar com a corrida."

"Não lidar... Tenho novidades para você, a razão de eu conduzir as coletas é porque posso voar para fora e posso lutar com quase todos os cavaleiros da aldeia e não só isso... Porque está rindo?"

Ela sabia que se insinuasse que ele estava velho demais para a corrida iria sacudi-lo. A grande auto-imagem de um cavaleiro normalmente era sua maior fraqueza, não que Moor tivesse qualquer motivo de preocupação real sobre a corrida, não tinha dúvida de que ele faria melhor do que a maioria dos participantes e talvez pudesse mesmo ganhar.

Ela pegou a mão dele e levantou o rosto. "Pensei que você ia caminhar para casa?"

Ele resmungou, puxando-a para perto dele quando se dirigiram para a casa grande.

"Vai voltar para passar a noite?" Ela perguntou esperançosamente.

"Você quer que eu volte?"

"Só se você quiser."

Diga que sim, Moor. Por favor, diga que sim. Nada melhor do que sentir as carícias dele para o resto da noite.

Os lábios dele tremeram. "Vou voltar."

Segurando seus ombros, ele cobriu-lhe a boca com a dele. Susana enterrou os dedos em seus cabelos, segurando-o próximo e fechou os olhos, perdida em seu beijo.



Lentamente, ele se afastou e seguiu o formato de seus lábios com o dedo. "Vejo você em breve."

"Vou esperar".

Ela ficou observando a porta quando ele se virou e antes de desaparecer pelo canto da casa, ele sorriu para ela por cima do ombro. O estômago dela se apertou e seu batimento cardíaco acelerou. Nada é tão bom quanto estar apaixonado.



Capítulo Cinco

Na Casa de Banhos

O rápido vôo com Susana foi pouco para esgotar a energia de Moor. Enquanto caminhava através dos campos, ele resistiu ao desejo de correr e até mesmo voar novamente. Estar com Susana o tinha revigorado e senti-la gozar enquanto o montava o excitou tanto que não queria nada além de arrancar suas roupas e se enterrar fundo em seu quente, apertado e pequeno corpo. Mas, era tarde e os dois precisavam levantar cedo, ela para trabalhar e ele para treinar.

Maldição! Talvez ela estivesse certa, era muito sensato. E precisava encontrar Jonis ao amanhecer para praticar.

Apesar de apreciar o trabalho com seu cavaleiro regular, ele desejava que Susana o montasse na corrida. Sabia que era um pensamento louco porque ela quase não tinha experiência. Além disso, com ela em suas costas, seus pensamentos não poderiam se focar completamente na corrida, iria se concentrar plenamente em seu corpo sensual e pequeno montado nele. Ou teria que fazer com que sua apresentação fosse melhor ainda para poder lhe dar prazer.

Caminhou para casa, seu estômago roncando por um lanche, mas todos os pensamentos sobre comida e o vôo desapareceram quando notou um pedaço de pergaminho pregado em sua porta. Era uma mensagem de Jonis explicando que devido a uma emergência de família em sua aldeia natal, não poderia treinar de manhã. Esperava que a emergência não fosse muito séria porque problema de família era a pior coisa.

Quando Moor caminhou para dentro de casa, desejou o melhor para a família de Jonis e depois de comer um pouco de pão e duas maçãs, ele lavou-se no rio e mudou para a sua forma humana. Em seguida se vestiu e voltou para a praça da aldeia. Silenciosamente e sem ser descoberto, deslizou para a casa grande e para o quarto de Susana.



Sorridente, ele permaneceu acima da cama onde ela estava deitada enroscada de lado, profundamente adormecida. Devia estar mais cansada do que imaginava. Deuses, ela parecia adorável deitada lá, seus lábios cheios ligeiramente separados e seus cabelos espalhados pelo travesseiro como a seda cor de mel.

Depois de se despir, esticou-se ao lado dela, resistindo ao desejo de arrastá-la para seus braços.

Sua mão suave e morna descansou contra as costelas dele e a cobriu com a sua. A excitação que tinha sentido antes não havia diminuído e a proximidade com seu corpo curvilíneo mexeu com ele. Uma ereção do tamanho de um cabo de machado pouco o ajudava a relaxar.

Ele deve ter adormecido, já que parecia só um pouco mais tarde quando despertou com a luz do sol que entrava pela janela do quarto. A cama ao seu lado estava vazia, com exceção de uma flor amassada descansando no travesseiro e ele sorriu, tomando a flor enquanto caminhava até a janela e olhava para a praça da aldeia. Dormir depois do amanhecer era incomum para ele. Embora desejasse que tudo estivesse bem com Jonis, estava contente que seu amigo não o tivesse esperado para o treino.

Ele rosnou, de repente percebendo que sua programação tinha sido perdida e teria que recuperar o tempo treinando até tarde. Depois de se lavar, vestiu suas calças e procurou por Susana na aldeia. Ele a achou no poço.

“Bom dia.” Ela sorriu.

Ele retornou o gesto enquanto desejava apertá-la em seus braços e procurar sua boca com a língua. Parte do plano de se manter em segredo era reprimir as exibições públicas de afeto romântico, pelo menos até a semana seguinte quando diriam a Linn sobre sua relação.

Era por isso que entrava em seu quarto tarde da noite e partia para treinar antes do amanhecer.

“Não vou voltar até mais tarde hoje. Dormi demais.”

“Você deve ter ficado fora até tarde.”



“Sim. Preciso passar na casa de Jonis antes de treinar para ter certeza que tudo está bem.”

“Falei com a esposa dele esta manhã e ela tem uma mensagem para você. É terrível e sobre a morte do irmão dele.”

Então esta era a emergência. “Ela disse o que aconteceu?”

“Acidente de carroça. Parece que ele e um amigo foram atacados por traficantes de escravos”

A sobancelha dele se levantou. “Ao redor daqui? Incomum.”

“A esposa de Jonis disse que ouviu das autoridades locais que eles pareciam estar passando pelo caminho das Montanhas Vertue. É terrível pensar que os traficantes de escravos ainda estão em atividade.”

“Lembro de anos atrás quando estava nos Guerreiros Lutadores, nós perseguimos vários bandos naquele local.”

“Vamos esperar que não estejam de volta. Seria terrível se comesçassem a seqüestrar pessoas ao redor daqui para vender como escravos.”

“Duvido que isso aconteça. Existem aldeias sem Guerreiros Lutadores que seriam mais fáceis de atacar. Estou indo para lá e ver se há qualquer coisa que eu possa fazer.”

“Vou vê-lo na hora do jantar?”

Ele prendeu seu olhar, resistindo ao desejo de beijá-la. A visão e o cheiro dela mexiam tanto com ele, que se maravilhou de seu autocontrole. Hoje à noite. Eles teriam hoje à noite.

“Jantar,” declarou antes de se dirigir aos estábulos.

Depois de se transformar em sua metade eqüina, tomou sua sela de trabalho e pesou os alforjes. Apesar de preferir treinar com um cavaleiro vivo em suas costas, o peso morto certamente funcionaria bem.

Momentos mais tarde, ele chegou à fazenda de Jonis. Seu cavaleiro tinha mandado dizer que precisaria se retirar da corrida, a administração dos negócios de seu irmão poderia levar meses e ele não podia mais dispor de tempo para treinar.



O vôo até a aldeia do irmão de Jonis foi curto e ele chegou a tempo para o enterro, oferecendo suas condolências e ajuda com qualquer trabalho necessário.

“Obrigado, Moor, mas não há realmente nada que você possa fazer. Quero apenas ter certeza que sua família está amparada e a fazenda está andando bem. Sinto muito sobre a corrida.”

“Não sinta. Encontrarei outro cavaleiro e talvez daqui um tempo se estiver disponível, nós podemos entrar em outra corrida.”

“Isso seria bom. Boa sorte.”

“Cuide-se.”

Moor saiu para seu vôo de treino perguntando-se quem poderia ser seu novo cavaleiro. Inez faria isso e ele alegremente a levaria, mas parte dele continuava brincando com a fantasia de Susana juntar-se a ele na corrida. Ele sabia que era impossível. O trabalho dela tomava a maior parte de seu tempo. Mas, podia sonhar...



Susana saiu da cabana e parou no poço da praça da aldeia.

Suspirando, olhou para lua, soltou os cabelos que estavam presos na nuca e esfregou seu couro cabeludo dolorido.

“Dia difícil?”

Olhando acima de seu ombro, ela sorriu para Moor. A visão dele a confortou e excitou.

“Algo assim.”

Ele massageou-lhe a nuca e sussurrou, “Relaxe.”

Ela fechou os olhos e se apoiou nele enquanto ele afastava seu cabelo e a beijava no pescoço. Era tarde e duvidava que alguém estivesse ao redor, mas ele provavelmente não deveria estar tocando-a tão intimamente em público. “E se alguém nos vê?”

“Por que não volta para casa comigo onde não teremos que nos preocupar sobre isto?”

O estômago de Susana estremeceu. Passar a noite em sua cabana soou maravilhoso.



Seu quarto pequeno na casa grande era bastante apertado e eles precisavam ser discretos quando ele rastejava para dentro e saía, pelo menos até que ela falasse com Linn.

“Preciso comer primeiro,” ela disse. “Tive várias emergências e não comi nada desde hoje cedo.”

“Tenho comida pronta. Não sou o melhor cozinheiro da aldeia, mas não acredito que a ache intragável.” Ele a girou de frente e acariciou sua bochecha. “Você gostaria de dar um passeio? Parece cansada.”

Ela agitou a cabeça. “Está uma noite agradável para um passeio. Esta tarde o Comandante me disse que recebeu uma mensagem sobre um novo curandeiro se mudando pra a aldeia.”

“Isso é bom para você ou ruim?”

“Bom, desde que ele seja competente. Eu amo o que faço, mas se tiver mais ajuda, isso significa que poderia passar mais tempo com você.”

“Ah.” Ele sorriu. “Eu gosto desta idéia. Agora quase desejaria não ter entrado na corrida. Ainda tenho que gastar a maior parte dos próximos meses treinando. Falando nisso, preciso achar outro cavaleiro.”

“Por quê?”

Depois de ouvir sobre a situação de Jonis, Susana o olhou com desejo em seus olhos.

“Gostaria de ser mais experiente assim poderia montá-lo.”

“Estava pensando a mesma coisa. A falta de experiência não me incomoda porque você está acostumada a montar cavalos de verdade e montar um de nós é muito mais fácil que isto. Nós só precisamos de tempo para praticar.”

“Talvez quando a outra curandeira vier, eu possa combinar algo com ela.”

Ele apertou sua mão. “Talvez. Enquanto isso, posso perguntar a Dav ou Inez se eles podem me montar. Ainda acho isso estúpido, fazer com que os cavaleiros sejam obrigatórios em uma corrida desse tipo.”

“É uma corrida tão longa, não seria agradável ter companhia?”



Sua sobrancelha se ergueu. “Não tinha pensado desta forma, mas sim, imagino que seja.”

Quando entraram na cabana, Susana olhou em torno da grande sala enquanto ele trazia a comida para a mesa. Ela tinha estado em sua casa antes com Inez, mas só por poucos momentos e agora tomou tempo realmente para olhar em volta. Sua coleção de livros a deixou pasma.

Ela própria tinha uma biblioteca, principalmente contendo livros sobre curas e ervas, mas a dele era preenchida com história e literatura. Conhecendo a natureza áspera e livre dos centauros, estava surpresa por seu interesse em um passatempo sedentário como a leitura.

Colocou uma tigela de guisado na frente dela e ela tomou uma porção ávida. “Não está ruim para um homem.”

“Quem disse que homens não podem cozinhar?”

“Eu não sei. Suponho que seja o mesmo que a idéia idiota de que mulheres não podem ser qualquer coisa exceto esposas e mães.”

“Estas coisas são tão ruins?”

“Não, é só que...” Ela fez uma pausa, um pouco surpresa quando ele arrastou sua cadeira mais próxima a dele e tomou seu rosto em suas mãos, beijando-a.

Susana fechou os olhos, rendendo-se completamente. Seus dedos passaram pelos cabelos dele e seus lábios eram tão suaves quanto seu corpo era duro. Cada vez que ele a beijava, era como se uma fantasia se realizasse. Os problemas diários eram esquecidos enquanto ela se rendia a seus tenros lábios e língua. O calor de sua pele passava para a dela, ao mesmo tempo reconfortante e excitante.

Lentamente, ele quebrou o beijo.

“Há muito para ser dito sobre ser uma esposa e mãe,” ela respirou, olhando fixamente em seus olhos. “Desde que você tenha o homem certo.”

“Você tem o homem certo?”

“Não posso imaginar nenhum outro.” Ela segurou sua nuca e o arrastou para outro beijo.



Fechando os olhos, Susana vagou em um quente mar de sensações. As mãos fortes de Moor pegaram sua cintura arrastando-a para ele e a montou em seu colo, os braços se envolveram ao redor de seu pescoço e seus seios se pressionaram tão forte em seu peito que ela sentiu seus corações batendo ao mesmo tempo.

Sua língua suavemente separou os lábios dela e a dela encontrou-se com a dele em golpes lentos e suaves.

Cercada por seu cheiro e toque, ela gemeu de prazer e tomou um afiado fôlego quando as mãos deslizaram sobre suas costelas e localizaram as curvas de seus seios. Mergulhando a língua mais profundamente em sua boca, explorou cada canto e fenda úmida.

Moor gemeu de prazer e o membro duro a pressionou através da calça e do vestido, provocando seu clitóris. Com a pulsação disparada, ela se esfregou nele agarrando-o com toda força, quase incapaz de respirar de tanto prazer.

“Oh, Deuses,” ela ofegou, afastando a boca e enterrando o rosto no ombro dele, sua bochecha descansou contra o lado de seu pescoço, sentindo a pulsação sob a carne aquecida.

Os braços dele se apertaram ao redor dela e a barba fez cócegas em seu rosto à medida que ele continuava beijando sua bochecha e têmporas. O homem sabia exatamente como tocá-la e não podia acreditar em todos os anos que tinham perdido, conformando-se com amizade quando podiam estarem experimentando a felicidade completa.

Ela parou, seu corpo inteiro tenso e à beira de um orgasmo.

“Não pare,” ele murmurou em um sussurro rouco, a respiração morna contra sua orelha.

O som daquela voz rouca de paixão a empurrou acima da extremidade e seus quadris se moveram quando esfregou seu dolorido clitóris contra o pênis duro como pedra. Não importava que estivessem ambos vestidos, as sensações se apropriaram dela em uma espera cruel quando atingiu o clímax, arquejando seu nome.

Momentos mais tarde, ela se sentou languidamente nos braços dele, o rubor tingindo suas bochechas. *Não tinha nem um pouco de autocontrole?*

Ele afastou seu cabelo ligeiramente e se moveu para beijá-la no rosto.



“E você?” Ela perguntou, endireitando sua postura e olhando em seus olhos.

Ele tocou seus lábios com um dedo, sorrindo ligeiramente. “Vou esperar até depois do jantar.”

Susana deu uma risada forçada enquanto relutantemente deixava seu colo e retornava à comida. Realmente, seu estômago rugia de fome e levou só poucos momentos para terminar o guisado e pegar uma segunda porção.

Quando terminaram de comer, optaram por ir à casa de banho privativa de Moor atrás de sua cabana. A aldeia tinha duas casas de banho públicas, uma para homens e outra para mulheres, mas não existia nada mais aprazível no meio do inverno que uma sala aquecida por uma fonte quente natural.

“Devia ter trazido uma muda de roupa comigo.”

Ele lançou-lhe um sorriso selvagem. “Você não vai precisar de roupas esta noite.”

“E amanhã de manhã? Acho que vou acordar cedo e voltar ao meu quarto.”

“Posso cavalgar com você porque levanto ao amanhecer para treinar.”

“Gostaria de poder ir com você,” ela disse enquanto caminhavam de mãos dadas para a casa de banho.

“Eu também.”

Chegando lá, ele acendeu as tochas em ambos os lados da piscina enquanto fechava a porta. O pungente odor de fumaça flutuava pelo ambiente e se movia para uma abertura no teto.

Susana tremeu quando tirou seu casaco, arrancou as botas e ficou nua.

Olhando através da sala, ela o notou observando-a enquanto tirava as roupas e tomou uma respiração profunda, sua barriga estremecendo enquanto a luz das tochas dançava através de seu peito largo coberto de pêlos. Deuses, ela não podia esperar para tocá-lo.

Então se apressou para a água quente. O vapor subia da piscina criando uma cobertura de névoa na superfície e a água acariciou sua pele e espirrou contra seus lábios. Ela lambeu as gotas enquanto ele nadava em direção a ela e a arrastou contra seu peito.



Susana ficou quieta, o rosto se movendo para encontrar o olhar dele. As palmas calosas das mãos dele, úmidas com a água da fonte, acariciaram a parte de cima de seus braços. Esticando as mãos para seu peito, ela relanceou o corpo bonito que tocava. Gotas de umidade brilhavam no tapete de pêlos que cobria seus músculos duros e a almofada suave parecia tragar seus dedos nos lugares que tocava.

Seus braços se envolveram ao redor dela, apertando-a mais intimamente e descansando o rosto contra seu tórax, ela escutou o ritmo lento e poderoso de seu coração. O coração e os pulmões dos centauros eram muito maiores e mais fortes que os dos humanos e seus corpos se curavam mais depressa. Tal poder físico deveria intimidá-la, mas ao invés disso, estava excitada com isso.

Tremia apenas pela necessidade de tocá-lo.

Os lábios dele passearam pela testa e pelas têmporas dela antes de beijar-lhe na boca.

Antes dele, ela nunca tinha imaginado uma comunicação profunda acontecendo através de um beijo. Claro que luxúria e até afeto podiam ser expressos, mas nunca o aspecto mais profundo do amor. Era como se palavras não fossem necessárias e sentiu o quanto ele a amava e através de cada movimento de seus lábios, cada golpe suave de sua língua, ela tentava dizer a ele o quanto o amava também.

As mãos de Susana deslizaram sobre suas costas e apertaram seus ombros, amando a dureza dos músculos. Como curandeira, tinha tocado em muitas pessoas, tanto humanos quanto cavaleiros, mas nada se comparava à força esbelta e crua dos portadores, especialmente os grandes como Moor. A rusticidade de seu estilo de vida era aparente em sua forma poderosa e a segurança em cada movimento. Ele podia tê-la esmagado com sua força, mas ao invés disso, isso a sustentou. Mãos gentis acariciavam seus ombros, braços e costas, então se fecharam sobre suas nádegas.

A ereção se pressionou contra sua barriga e ela alcançou entre eles envolvendo seu punho em torno do mastro rígido e duro, de pele aveludada. Tocá-lo a tinha emocionado. Cada parte daquele corpo magnífico a despertava de forma que nunca tinha imaginado.



A mão dele se envolveu ao redor de seu cabelo, segurando-o na nuca e suavemente o levantando. Então beijou sua garganta curvada e atacou com sua língua. Os olhos dela se fecharam conforme se rendia completamente.

Deslizando abaixo pelo corpo dela, beijou entre os seios e lambeu ambos os mamilos. Seguiu beijando sua barriga, a barba arranhando a carne macia enquanto apertava suas nádegas e acariciava suas coxas.

“Eu o amo tanto, Moor,” ela ofegou.

“Amo você também.” Ele a segurou em seus braços e a levou para a borda da piscina. Inclinando-se contra a borda, guiou-lhe as pernas ao redor de sua cintura e ela inspirou profundamente de prazer quando se deslizou dentro dela. Ainda segurando suas nádegas, usou os braços para movimentá-la contra ele. Parecia tão maravilhoso, mesmo que seus movimentos fossem tão lentos! Ela o queria rápido e forte e grudando em seu pescoço, apertou as pernas ao redor de sua cintura e empurrou os quadris contra ele. A fadiga do dia foi esquecida conforme seu corpo se esforçava para um clímax que pairava muito próximo.

“Impaciente?” Ele riu, entretanto o desejo se via queimando sob a superfície tranqüila de seus olhos.

“Muito.”

De repente, ele a empurrou e saiu da piscina.

“Onde inferno você está indo?” ela exigiu, chocada e irritada por seu estranho comportamento.

Entretanto ele não respondeu com palavras e ela notou quando retirou um cobertor grosso de um baú no canto do quarto e o abriu no chão. Pegando outro, acenou para ela com um olhar que a despertou ainda mais. Tremendo de frio, ela saiu da piscina e se aproximou. A mão dele fechou sobre a dela e a arrastou sobre o cobertor ao lado dele, envolvendo os dois com o outro. Seu corpo cobriu o dela enquanto separava suas pernas com os joelhos e a penetrou com uma punhalada longa e lenta.

Susana se agarrou a ele, os dedos se afundando em seus ombros e costas enquanto ele se lançava nela em um ritmo rápido e firme que logo a levou à beira do orgasmo. Que amante



fantástico ele era. Sabia exatamente como tocá-la e o que fazia com que se contorcesse de paixão. Sob sua cavalgada impiedosa, ela explodiu, arquejando e se contorcendo e os movimentos dele não pararam e pareciam crescer em intensidade.

Ofegante, tudo que podia fazer era se colar a ele, seus olhos se fecharam e sua cabeça caiu para trás no cobertor. O duro pênis parecia esfregar em todos os lugares certos enquanto outro orgasmo se formava, apertando sua barriga. Nada existia exceto os dois, a crueza de sua respiração perto de sua orelha, o calor de seu corpo e o odor de suas paixões entrosadas a encheram completamente. Seu coração batia contra as costelas enquanto o segurava tão apertado que seus braços e pernas doíam.

“Moor, oh, Deuses.”

Ele a beijou para silenciá-la, seus lábios e língua duelando e saboreando. Apesar de seus beijos, não podia parar de ofegar. Ele estava reivindicando seu corpo de um modo com o qual tinha apenas sonhado. Todo o poder de um animal e a gentileza de um homem fundido em uma criatura magnífica.

Ela explodiu, pulsando e tremendo e ele ainda continuava a empurrar. A língua dele traçou o contorno de sua boca enquanto as mãos pegaram seus pulsos e os prenderam dos lados de sua cabeça.

Sim, Moor, sim. Quero sentir o quão poderoso você é.

Forçando os olhos a se abrirem, ela o encontrou com o olhar ardente, seu rosto estava tenso e os lábios ligeiramente separados. Seu corpo tinha esquentado tanto que não sentia mais frio, mas sim aquecida da cabeça aos pés.

“Deixe-me tocar em você,” ela sussurrou.

Ele soltou suas mãos, o olhar preso ao dela enquanto ela traçava as linhas de seu rosto e garganta. As veias pulsavam sob seus dedos e o tapete de pêlos de seu tórax se esfregou contra seus mamilos, excitando-a ainda mais. Uma de suas mãos avançou entre eles e afagou seu clitóris enquanto estocava em sua vagina encharcada. As sensações eram enormes. Seu clitóris estava tão sensível que se a tocasse um pouco mais forte cruzaria a linha entre o prazer e a dor.



Ele parecia saber isto e aplicou a quantia certa de pressão enquanto ela ofegava nitidamente, fechando os olhos quando chegou perto de outro clímax. Quando iria parar?

“Esta não é uma... corrida de resistência, sabe,” ela arquejou.

Ele aninhou sua orelha. “Reclamando?”

“Não ainda.”

“Ótimo.”

Seus movimentos aumentaram, empurrando-a acima da extremidade novamente. Então diminuiu a velocidade dos movimentos, arrastando seu orgasmo para uma ondulação intensa e final. Retirando-se, ele a girou sobre seu estômago, envolveu um braço ao redor de sua cintura e a fez ficar de quatro. Penetrou-a por trás, preenchendo-a, tomando-a. Susana quase derreteu no cobertor quando suas punhaladas pequenas e rápidas batiam nela. Debruçou sobre os antebraços enquanto ele a agarrava pelos quadris, movendo-se com precisão surpreendente que a lançou em outro impetuoso orgasmo.

“Deuses, isso é demais,” ela gemeu.

Um estrondo soou do fundo do peito dele, se tinha sido um gemido ou uma risada, ela não pode definir e nem se importou com isso quando o clímax final a alcançou. Seu corpo cansado respondeu lentamente esta vez, ainda que ele não hesitasse. Quando sua respiração se entrecortou e seu grande corpo tremeu atrás dela, perguntou-se se tinha alcançado aquele plano que parecia fora de alcance.

Seus dedos apertaram os mamilos dela, beliscando suavemente. Susana gemeu, quase desmoronando enquanto tremia e se dobrava. As mãos dele voltaram para seus quadris, firmando-se enquanto seu corpo inteiro empurrava. Arquejando seu nome em uma voz crua de paixão, ele se cravava em seu contorcido corpo e seu último grito de prazer incitou a paixão dela novamente à medida que ele gozava, envolvendo-a profundamente.

Em seguida, girando e deitando de costas, ele a trouxe para seu peito e seus braços a envolveram languidamente. Susana saboreou aquele momento perfeito de comunicação muda quando falavam de seu amor através de sua respiração entrosada e a unificada pulsação de seus corações.



A respiração dele retornou ao normal muito mais rápido que a dela.

“Pronta para a cama?” ele perguntou.

“Uh-huh.”

Dando um beijo na parte de cima de sua cabeça, ele levantou e abriu a porta enquanto ela continuou deitada, agradavelmente atordoada, esperando-o apagar as tochas. Antes que percebesse, encontrava-se nos braços dele, seu corpo aquecido nos cobertores. Ele a levou através da neve para a cabana.

“E nossas roupas?” ela perguntou quando a colocou na cama.

“Vou buscá-las. Mantenha a cama quente para mim.”

“Manterei.”

Ela ficou de pé, tremendo no frescor da noite e reacendeu o fogo. Rastejando de volta para baixo dos cobertores, olhou fixamente para a porta, desejando que ele retornasse, embora tivesse ido apenas por alguns momentos. Quando voltou, ela sorriu quando se deitou ao lado dela e a apertou em seus braços.

“Boa noite, amor,” ele sussurrou em sua orelha.

“Boa noite, Moor.”



Capítulo Seis

O novo piloto

O coração de Susana batia atemorizado enquanto caminhava pelo quarto, parando vários momentos para mexer a comida que estava cozinhando.

Ela pensou que esperar para dizer a Linn sobre seu relacionamento com Moor seria melhor, mas agora que tinha chegado o momento, sentia-se como uma péssima mentirosa. Talvez devesse ter sido honesta com ele imediatamente. Não. Foi melhor assim. Entrar repentinamente pela Câmara dos Lutadores Guerreiros com a notícia de seu noivado com outro homem teria sido altamente inadequado e pelo menos agora eles teriam privacidade.

Saltou quando ouviu uma batida na porta. Disposta a se manter calma, cumprimentou Linn.

Ele sorriu e a abraçou e ela deslizou os braços em torno dele, seu toque familiar agora não mais a excitava. Ninguém, exceto Moor parecia interessá-la.

"É bom vê-lo, Linn.

"Você também."

Quando se separaram, seus olhares se encontraram. Ele poderia sentir o que estava prestes a dizer? Impossível. Então por que estava tão nervoso?

"Venha, sente aqui." Susana agarrou seu pulso e puxou-o para a mesa.

"Então o que você tem feito?" Linn perguntou, seu tom de voz um pouco afetado.

Ela levantou uma sobancelha enquanto distribuía o alimento em pratos e os trouxe para a mesa. Normalmente ele não tinha problemas para manter a conversa fluindo com muito mais conversa fiada.

"Tenho andado muito ocupada. Estou feliz porque uma curandeira nova virá para a aldeia em breve".



"Sim", murmurou Linn. "Realmente preciso falar com você sobre isso."

Ela franziu o cenho. "O que quer dizer?"

"Susana", ele se levantou, colocando as mãos nos ombros dela e sua expressão era de dor. "Não estou exatamente certo como dizer isto e sei que é algo que nós dois tínhamos desde o princípio."

"O que está errado?" Agora ela estava preocupada. Ele parecia tão sério, tão chateado.

"Susana, sobre a nova curandeira..."

"O que é? Ela é uma charlatã ou algo assim? Eu deveria estar preocupada?"

"Não, ela é excelente."

"Sério?" Embora contente de saber que sua colega era competente, ainda se sentia um pouco curiosa, ou seria a inveja? Excelente. A nova curandeira era excelente.

"Não posso mais fazer isso." Linn suspirou, correndo a mão pelo cabelo. "Susana, tenho tido sonhos partilhados com uma mulher e é a nova curandeira. Estou tão arrependido. Tentei pará-los, mas não pude evitar. Nunca imaginei que os sonhos pudessem ser assim... Por que está rindo?"

O alívio a inundou e apertou a mão de Linn. "Estive temendo isso, mas eu estava me preocupando com nada."

"O quê?" Ele olhou para ela, confuso. "Você ouviu o que eu disse? Eu estou partilhando sonhos com outra mulher."

"Eu ouvi. Estive compartilhando sonhos com outro cavaleiro."

As sobrancelhas de Linn enrugaram e sorriso de Susana enfraqueceu.

"Linn, o que está errado?"

"Nada. Quem é ele?"

"Você não acredita em mim, não é?"

"Parece apenas uma coincidência."

Susana riu de novo. "Eu deveria ter previsto isso. Vocês cavaleiros são tão cheios de si. Sim, Linn, realmente tenho um amante de sonho, na verdade, isso não poderia ser mais perfeito. Você acha que a sua curandeira consideraria me cobrir pelas manhãs durante os próximos dois



meses? Tenho a oportunidade de participar da Chama do Rei Montague, mas tenho necessidade de praticar."

"Chama do Rei Montague?" Linn parecia ainda mais confuso. "Susana, você não gosta de voar."

"Eu gosto agora."

"Você realmente tem um amante, então?"

"Sim, tenho."

"Isso é maravilhoso. Tenho certeza que Maria ficaria contente em cobrir as manhãs para você. Eu disse a ela que iria conversar com você sobre ajudá-la a se estabelecer em Hornview".

"Por que você e sua noiva não vêm para o jantar amanhã?"

"Acho que podemos arranjar isso. A propósito, qual é a aldeia de seu cavaleiro?"

"Esta aqui".

"Quem?"

"Moor".

Os olhos de Linn alargaram-se em choque e ele caiu para trás em sua cadeira. "Moor? Eu nunca teria imaginado."

"Veio como uma surpresa agradável para nós, também."

"Então, ele entrou na Chama do Rei Montague, não é? Faz bem. A maioria dos cavaleiros com a metade de sua idade não tem o poder de voar. Desde que ele mostre sua velocidade aos seus rivais, isso ele deve pelo menos mostrar."

"Chamem-me de tendenciosa, mas acredito que ele vai ser fantástico."

"Então, você e Moor, hein?" Linn sorriu. "Quando isso aconteceu?"

"Não vamos falar sobre quando, basta que aconteceu."

Ele balançou a cabeça, seu sorriso desaparecendo pouco, como se sentissem sua implicação de que ela tinha sonhando com Moor, mesmo quando eles estavam planejando uma possível relação juntos. Para manter a amizade intacta, dirigiu a conversa para outros assuntos.

Susana sentou-se a frente de Linn enquanto comiam. Incrivelmente aliviada, estava ansiosa para ver Moor e dizer-lhe que ela poderia, afinal, ficar em suas costas para a corrida.



"Isso é tão inacreditável". Linn sorriu, deslizando um braço ao redor de sua delicada e ruiva noiva.

Moor estudou o casal do outro lado da mesa em sua casa e, pela primeira vez desde que ele e Susana estavam juntos, começou a relaxar. Linn e Maria estavam obviamente se amando, o que significava que Susana verdadeiramente lhe pertencia.

Na noite anterior, quando ela encontrou o cavaleiro mais jovem para o jantar, manter-se afastado de seu quarto tinha sido uma tortura. Imagens dos braços de Linn envoltos nela inundaram seus pensamentos tanto que foi incapaz de se concentrar na leitura, assim optou por uma corrida de curta distância e um vôo de pouca velocidade e mal retornou quando Susana e Linn bateram em sua porta. A culpa por sua desconfiança o feriu quando Linn felicitou-lhes por suas núpcias e anunciou o seu próprio compromisso.

Muito melhor, Maria imediatamente concordou em assumir o comando da maior parte dos curativos em Hornview pelo próximo par de meses, assim Susana poderia praticar com Moor.

"Quais são as chances de nós dois compartilharmos sonhos ao mesmo tempo?" Linn sorriu para Susana.

Ela retribuiu o sorriso. Debaixo da mesa, a mão desviou para a coxa de Moor. "Acho que apenas estava destinado a ser. Obrigada mais uma vez, Maria. Estou tão ansiosa para a corrida."

"É uma oportunidade maravilhosa para fazer meu nome em Hornview", Maria disse, "Tenho certeza que outros curandeiros não seriam tão simpáticos como você."

"Estou muito feliz que possa ser de ajuda e que será melhor para nós duas compartilharmos a carga de trabalho."

"Concordo. Deve ter sido difícil para você ser o único curador na aldeia nestes últimos dois anos."



"Às vezes não é tão ruim, mas outras vezes sinto como se tivesse passado dias sem dormir."

"Como nós queremos começar família, será bom ter uma à outra para dependermos."

"A menos que acabemos grávidas ao mesmo tempo."

Linn olhou para Moor e sorriu. "Parece que elas planejam nos manter ocupados."

Moor sorriu levemente. Susana poderia "mantê-lo ocupado" a qualquer momento que quisesse, mas o sexo era algo que ele gostava de fazer em privado do que discutir na mesa de jantar.

"Nós realmente deveríamos ir." Linn ficou de pé, a mão de Maria na sua. "Tenho que voar até a casa dela e voltar à câmara dos portadores de combate."

"Vou ser deslocado para cá na próxima semana", disse Maria, "Então você poderá começar seu treinamento."

"Mal posso esperar." Susana olhou para Moor.

"Nem eu", disse ele, enquanto encaminhavam seus convidados para a porta.

Depois que Linn e Maria foram embora, ele a puxou para seus braços e a beijou.

Mesmo apreciando a companhia dos seus convidados, também queria ficar a sós com sua amante e por um momento, pensou que o jantar nunca terminaria.

Ela suspirou, acariciando seu rosto e entrelaçando os dedos em seus cabelos.

"Eu mal posso esperar até a corrida", ela murmurou contra seus lábios.

"Você tem certeza? É muito exigente, não só para mim, mas para você também. O vôo não vai ser ruim, mas a corrida na terra pode ser cansativa para um piloto."

"Porque é que todo mundo acha que os curandeiros são tão fracos e frágeis? Não me ouviu dizer que já passei dias sem descanso? Você não tem idéia."

Ele franziu o cenho. "Nunca disse que você é fraca, mas isso é diferente. É muito físico".

"Sei que não vai ser fácil", admitiu, "Mas realmente quero compartilhar isso com você, Moor. Não quero prejudicar suas chances de bom desempenho, apesar de tudo, se você achar que serei um prejuízo."



"Não." Ele segurou seus braços e a beijou. "Não acho isso e quero que você me monte. Não me importo se chegarmos mortos ou em último."

Ela riu. "Sim, você se importa."

"Tudo bem. Então não quero chegar morto ou em último."

"Só me prometa que, se durante o treino sentir que não vou ser um piloto bom o suficiente, você me dirá."

"Não se preocupe". Isso pode ser perigoso e não estou prestes a arriscar sua vida se sentir que não está pronta, mas você é um bom piloto. Como eu falei, o pior de tudo para você será a corrida na terra e teremos de manter um olho nos outros porque alguns deles fazem uma corrida suja. Já vi acontecer. "

"O que quer dizer?"

"Alguns cavaleiros pensam que bater seus competidores fora do curso é uma boa maneira de vitória, enquanto não percebem de uma vez que agressões físicas levam à desqualificação".

"Os ataques físicos?"

"Não se preocupe. Não vou deixar nada acontecer com você. Prometo."

De repente, ela sorriu e um olhar selvagem brilhou em seus olhos. "Deus, isso é tão excitante. Gostaria que pudéssemos voar agora."

Ele levantou-a nos braços e traçou a forma dos lábios com a língua. "Tudo o que tinha que fazer era pedir. Mude suas roupas e vou encontrá-la na frente da casa."

"Ohh". Ela estremeceu com o desejo. "Mal posso esperar."

"Nem eu". Mordiscou sua orelha.

"Moor"?

"Uh-huh", Ele sussurrou, absorto em lambe-la a orelha e beijar seu pescoço.

"Você precisa me colocar no chão em primeiro lugar."

Relutantemente, ele a colocou de pé. "Não use qualquer roupa íntima."

"Está nevando lá fora."

"Acredite em mim, não vai ser frio."



Quando ele saiu para mudar de forma, Susana despiu-se às pressas e vestiu a roupa que mantinha para ele, um vestido de lã pesada perfeito para viajar no inverno e um casaco de capuz.

Do lado de fora, fez uma pausa, o pulso pulando enquanto o observava caminhar na neve. Embora já não temesse voar, às vezes sentia uma pontada de nervosismo antes da decolagem e quando sua ansiedade diminuiu, olhou para ele, despertada pela sua beleza. Seu corpo perfeitamente proporcionado estava em condições de corrida e apenas o pensamento de montar em suas costas e sentir seus músculos abaixo dela a fez molhada de desejo.

Ele estendeu a mão. "Venha".

Ela o agarrou, permitindo-lhe ajudá-la em suas costas. Fechando os olhos por um momento, saboreou a maciez do seu casaco em suas pernas e os seus braços acondicionados em torno do torso de homem.

"Segure firme", disse ele e pulou para frente em um passo enorme que a deixou sem fôlego.

Ela se agarrou quando ele subiu rápido, pouco incomodando o galope em primeiro lugar. Os passos suavizaram no ar e ela relaxou um pouco embora mantivesse um firme aperto com os joelhos. Neste momento maravilhoso, as familiares sensações sexuais inundaram seu corpo quando ele varreu o céu.

Com o rosto e seios achatados contra as costas do seu homem, soltou um murmúrio de prazer enquanto ouvia a sua respiração e batimentos cardíacos. Esfregando seu clitóris contra ele, imitou o ritmo de seu galope no ar. Deuses, sentia-se tão bem montado nele!

Levantando-se mais, falou em seu ouvido: "Você consegue sentir como estou molhada?"

"Deuses, sim." A voz profunda estrondou através de suas costas, vibrando por seu vestido de lã para os mamilos animados. "Sente-se."

Fez o que ele mandou, acariciando-lhe as costelas quando abrandou o seu ritmo. Uma de suas mãos chegou por trás dela e levantou seu vestido. O arrepio de frio voltou-se para um



de luxúria quando os dedos encontraram seu clitóris nu e gentilmente, separou as dobras macias de carne e acariciou o botão rechonchudo. O coração dela disparou e cheia de vontade, proferiu gemidos descuidados de desejo quando o polegar, mergulhado em seus sucos, esfregou seu clitóris enquanto suas pernas agitaram-se enviando pulsações por todo o corpo.

"Oh, Moor," ela gemeu, certa de que sua voz perdia-se no vento.

"Sim, Susana, diga como se sente. Fale comigo, meu amor."

"É inacreditável. Eu me sinto tão..." Ela suspirou, segurando o ombro rígido com uma mão, enquanto a outra deslizou por trás dela, acariciando as costas, suavemente. "Eu me sinto livre, mas protegida e assim... Oh!".

As palavras foram esquecidas quando ele esfregou em um ritmo mais rápido. Seus dedos apertaram-lhe o ombro enquanto erguia os quadris quando se inclinou para trás, perdida na sensação e só rezou para não cair quando gozou. Não precisava ter se preocupado, a outra mão dele alcançou-a por trás e apertou sua coxa quando ela explodiu em um orgasmo que quase a deixou inconsciente. Magníficas pulsações a agitaram da cabeça aos pés quando suas asas bateram ao redor dela e o ar fresco estalou através de seu rosto virado para cima.

Suas asas se espalharam quando ele deslizou no vento e Susana sentou-se, suspirando com preguiçosa realização quando abraçou o tronco do homem. "Às vezes desejo que nós possamos voar para sempre."

"Eu também, minha querida." Suas mãos cobriram as dela, pressionando-as mais perto de seu peito. "Então, faça."



Menos de uma semana mais tarde, Susana agarrou-se à Moor quando suas pernas e asas devoraram o céu. Eles passaram a madrugada galopando sobre a terra e pulando cercas e muros de pedra espalhados por todo o campo.

Ao se aproximarem da arena de corrida de Hornview, ela suspirou de alívio. Cada músculo em seu corpo doía e Moor estava certo, iria demorar algum tempo para habituar-se.



Temia suas rondas da tarde, quando não queria nada mais do que ficar de molho na casa de banho e relaxar.

Moor diminuiu a velocidade e circulou a arena flutuando para um desembarque confortável.

"Você está bem?" Ele olhou para ela por cima do ombro enquanto caminhava para o perímetro.

"Tudo bem", disse ela, relaxando na sela e afrouxando seu controle sobre os arreios envoltos em torno de seus ombros e peito. Deslizando fora suas luvas, descansou a mão nas costas suadas dele. Seus músculos eram ondulados sob o casaco molhado de pêlos quando ela movia a mão para baixo do seu tronco de homem. Não tinha dúvida que a sela e o cobertor úmido em baixo dele pareciam desconfortáveis.

Desmontando, estava prestes a desatar o cinturão quando ele pegou suas mãos e beijou as costas de cada uma.

"Vá se limpar." Correu um dedo para baixo de seu nariz petulante. "Sei que tem que começar a trabalhar. Depois que tomar um fôlego, vou sair em outro voo."

"Não sei como faz isto às vezes." Ela o olhou com admiração. "Agora sei de onde vem aquela declaração "Forte como um cavaleiro. "

Ele sorriu. "Os portadores estão acostumados a exercícios pesados e só quero ter certeza que estou plenamente preparado para a corrida. Afinal, há comentários sobre mim por ser um dos mais velhos competidores e quero fazer pelo menos uma exibição decente."

"Acho que sou a única coisa que vai impedi-lo de ganhar."

"Você está indo bem."

"Eu me sinto toda dolorida."

"Você vai se acostumar com isso amor." Ele massageou seu pescoço quando ela fincou o passo ao lado dele.

Susana não estava tão certa sobre isso, precisava esfregar pomada em seus músculos, então talvez fosse sentir-se normal novamente.



"Se não quiser fazer isso, vou entender. Sei que isto não é fácil para você com os seus deveres de treinar a nova curandeira em formação."

"Eu quero, isso é a coisa mais emocionante que já fiz. Toda minha vida estive com medo de ser ousada e fiquei presa aos meus estudos e cura, mas isso é tudo."

"Acho que ser um curandeiro é uma das profissões mais arriscadas de todas."

Ela levantou o rosto para o dele, se perguntando se a surpresa brilhava nos olhos dela. Não tinha idéia que ele se sentia daquela maneira. Sua carreira parecia tão perigosa e excitante que nunca adivinhou que ele considerava arriscado curar. "A vida das pessoas está em suas mãos. O que poderia ser mais importante?"

Ela sorriu aquecida pelo orgulho. "A maioria das pessoas não olha para ela dessa forma."

"A maioria das pessoas não olha para nada além da superfície."

"Essa é uma das coisas que sempre admirei em você, Moor, desde a primeira vez que veio a Hornview. Está sempre disposto a olhar para dentro das pessoas."

"Obrigado." Olhou fixamente nos olhos dela. "Mal posso esperar até hoje à noite, quando poderemos estar juntos novamente."

"Nem eu poderia me sentir mais maravilhosa que estar em seus braços, aquecida pelo fogo e o calor de seu corpo maravilhoso de cavaleiro. "Mas realmente preciso ir agora, vou ter que aliviar Maria em breve".

Ele parou, erguendo a mão aos lábios. "Quero abraçá-la, mas estou muito suado."

Levantando os olhos ao céu, ela jogou os braços ao redor de sua cintura e beijou seu tórax coberto. "E daí? Estou uma bagunça também. Tenha cuidado ao praticar esta tarde."

"Estou sempre atento."

Ela levantou uma sobrancelha. "Isso vem do homem que quase sangrou até a morte depois de lutar contra um Lagarto de Gelo pouco tempo atrás."

Ele sorriu e encolheu os ombros. "Os riscos do trabalho."

"Eu sei." Ela deu uma tapa na garupa equina suavemente antes de ir para a casa de banho das mulheres. Quando olhou para ele por cima do ombro, ele acenou e ela sorriu com

Garanhão Cativo
Cavaleiros 02



Kate Hill

vertiginoso carinho. E pensar que o homem dos seus sonhos estava tão perto e demorou a percebê-lo!



Capítulo Sete

A Competição

Quatro dias antes da corrida, Susana e Moor chegaram a Kingsville acompanhados por Inez e Terra.

“Isto vai ser um inferno de uma corrida,” Terra disse enquanto ele e Moor voavam lado a lado com Inez e Susana em suas costas, respectivamente. “Invejo você por competir nisto.”

“Você tem se recuperado bem”, Susana disse a Terra.

“Não estou em forma para correr ainda.” Terra sorriu. “Ou em condição de ganhar, de toda forma. Vou estar pronto para estação de colheita, entretanto, então vou pensar sobre entrar em algumas corridas de curta distância na primavera.”

A velocidade de Terra era reconhecida em todo o território e muitos acreditavam que não existia um corredor que podia vencê-lo, tanto na terra como nos céus. Ele era mais rápido que Moor, com certeza, no entanto em um teste de resistência, eles estariam perto. Muito perto.

“Você ainda tem bastante tempo para isso.” Inez deu uma palmada no ombro de Terra.

“Quanto mais longe é isto?” Susana perguntou. “Quero dar uma olhada em nossa competição.”

“Moor, acho que você tem criado um monstro.” Inez sorriu. “Não posso acreditar que Susana é a mesma mulher que odiava voar.”

“Isso era antes de eu saber o quão excitante é,” Susana disse. “É intoxicante sentar montada sobre todo esse poder”.

Moor se aqueceu com orgulho com as palavras dela. Nunca sentiu necessidade de ter admiradores, mas era bom saber que ela o achava desejável. “Você pode ver Kingsville ao longe.” Ele apontou para um agrupamento de edifícios.



Enquanto circulavam o percurso da corrida, ele reconheceu vários de seus competidores abaixo. Alguns galopavam para decolar enquanto outros caminhavam pelo perímetro, acalmando-se depois de praticar vôos. Ele chegou cedo e planejou pelo menos mais dois treinamentos duros no percurso antes de descansar uns dias anteriores a corrida. Agitou sua perna de trás um pouco aborrecido. Mesmo nunca tivesse sido aficionado por sapatos, foi ao ferreiro para ajustá-los, já que não ousava arriscar-se a um dano durante a corrida no chão. Enquanto estava calçado, não podia mudar para a forma humana e isso o aborreceu mais que qualquer coisa já que não podia fazer amor com Susana enquanto estivesse com sua metade equina. Uma vez a corrida terminada, ele teria muito que compensar.

“Ei, aquele é o Rex.” Terra apontou para um alto cavaleiro de aparência rude e jovem, com uma pele preta azulada e de cabelo liso preto como o corvo na altura de sua nuca. Suas pernas longas e poderosas absorviam o percurso da corrida antes dele saltar num vôo, espalhando suas asas de ébano e subindo rapidamente passando por Terra e Moor.

“Ele é um dos melhores,” Terra disse. “Eu o vi ganhar várias corridas de resistência no ano passado.”

“Ele tem uma boa chance de ser premiado nesta aqui,” Moor disse. “Existem alguns outros com boas reputações. Marco da região dos trópicos e Soloman de Sparrow Hill.”

“Marco tem um registro melhor, mas ele não está acostumado ao tempo frio aqui em cima,” Terra disse.

A conversa foi desaparecendo enquanto os homens flutuavam para uma aterrissagem e apressando-se para o lado, evitando aqueles que galopavam para a decolagem.

Susana e Inez desmontaram e enquanto os homens se refrescavam, as mulheres se ofereceram para guardar seus pertences na pousada. Eles pagaram o dono da pousada com antecedência já que a maior parte dos quartos estava ocupada devido à corrida.

“Vou encontrar com você na pousada logo, amor.” Moor roçou um beijo na boca de Susana e ela correu sua mão pelo ombro equino. Como sempre, seu menor toque atingiu algo bem no fundo nele, agitando-o e aquecendo-o.



Pensando o quão sortudo era, olhou enquanto ela e Inez caminhavam em direção à pousada.



“Moor deve ir realmente bem,” Inez disse enquanto ela e Susana passeavam através da aldeia para a pousada. “Ele está numa condição maravilhosa.”

“Ele tem treinado duro,” Susana disse, com admiração na voz. Como curandeira da vila, entendia a energia que os cavaleiros expeliam nos vôos e até que realmente começou a montá-los, nunca tinha experimentado isto. Sentir o poder de seus corpos, o ritmo de alegria de seus corações e ouvir o uivo do vento enquanto viajavam, inspirava respeito.

“Você também,” Inez disse. “Tem treinado maravilhosamente.”

“Só amo estar com ele e espero que minha falta de experiência não vá arruinar a corrida.”

“Não vai. Só fique com ele e deixe-o fazer seu trabalho.”

“Eu irei.”

Enquanto Inez e Terra tomaram um quarto no andar superior da pousada, Susana e Moor ficaram em um dos mais espaçosos na parte inferior. O quarto extra confortavelmente iria acomodar sua metade besta. Já Susana sentia falta de compartilhar uma cama com ele, mas era só por alguns dias, então ele podia eliminar os sapatos e mudava de volta para a forma humana. Tinha muitos planos de fazer amor para eles pra depois da corrida.

Ela tinha acabado de terminar de lavar-se e trocar-se para roupas frescas quando ele entrou no quarto. Sorridente, ele a arrastou em um abraço rude e a beijou.

“Você conseguiu ver os outros competidores?”

“Sim. Um grupo de boa aparência.”

“Bem, você tem a melhor aparência de todos.”

“Bom saber que acha isso.” Ele a beijou novamente, mais longo dessa vez, sua língua golpeando a dela.



“Não, Moor,” ela respirou, emaranhando seus dedos no cabelo dele. “Você vai me fazer querê-lo agora mesmo e não podemos.”

“Talvez eu não possa, mas você pode. Tire suas roupas.”

“Mas...”

“Só faça.”

Sua barriga se apertou em antecipação, ela se despiu e se esticou na cama. O olhar dela seguiu o movimento dos lisos e duros músculos de Moor embaixo de sua pele marrom enquanto ele se aproximava da cama e sentava ao seu lado. O que ele iria fazer? Não tinha nenhuma maneira de poder fazer amor com ela em sua forma metade-cavalo.

“Essa posição não é desconfortável para você na sua forma... eqüina...” A voz dela foi enfraquecendo enquanto as mãos dele a acariciavam dos seios à pélvis. Ele baixou a cabeça, capturando um de seus mamilos entre os lábios. Enquanto a língua úmida chicoteava levemente a sua elevada protuberância, a mão acariciava suas coxas, dividindo-as suavemente. Puxando uma forte respiração, Susana contorceu seus dedões do pé contra o colchão. Ele estava dando prazer a ela, como prometeu. O quão decadente ela sentiu, apreciando seus toques provocativos, entretanto ele era incapaz de preencher suas necessidades. Cobrindo seu clitóris com a palma da mão, ele o massageou e logo, um de seus dedos longos se deslizou dentro dela, golpeando, juntando umidade que ele usou para circular em volta de seu clitóris. O desejo a atingiu como flecha em chamas.

Susana suspirou e agarrou punhados do cabelo dele enquanto seus beijos choviam abaixo de seu estômago. Quando os lábios cobriram seu clitóris, ela gemeu, fechando seus olhos e arqueando a cabeça no travesseiro. O cheiro da cama era de linho fresco e Moor tinha o seu odor de couro e brisa fresca do inverno, cada cheiro estimulando-a toda junto de suas carícias. Ele sabia exatamente como tocá-la e usando sua língua e lábios, rodou e puxou-lhe a carne. Ela estremecia à divina sensação da barba dele contra sua carne macia e se contorceu de prazer, seu corpo em chamas.

“Oh, Moor,” ela arquejou. “Oh, Deuses.”



Seu toque era implacável. A língua se movia de seu clitóris até sua vagina, empurrando-a e explorando até onde podia alcançar, girando, dando um tormento aprazível. Suas fortes e calosas mãos tocavam suas coxas e seios. Elas aqueceram sua barriga e acariciaram o triângulo de cabelos cor de mel entre suas pernas.

Novamente, a boca cobriu seu clitóris, a ponta da língua correndo pelos lados, a planície dela banhando o pequeno botão úmido. Sua língua maravilhosa não parou seu ritmo até ela explodir, seu pulso acelerado e o corpo se contorcendo. Susana veio a uma maravilhosa e pulsante escuridão e se tornou uma criatura de sensação apenas, não se importando com nada exceto o toque dos lábios e língua e as carícias das mãos sobre seu corpo.

Permaneceu deitada por vários momentos com os olhos fechados, acalmando sua respiração. As mãos dele permaneceram no corpo dela, golpeando languidamente até que ela o ouviu se levantar, seus cascos tinindo no chão.

Abrindo os olhos, um sorriso lento se espalhou em seu rosto enquanto o olhava. Os olhos castanhos dele, ainda ardendo de desejo, seguravam um toque de diversão e tudo sobre este homem a enchia com calor e alegria. Embora seus olhares bonitos a provocassem, era seu espírito que mais a tocava e sua força interna combinada com ternura tinha agarrado-a de primeira e finalmente percebeu que o sonho compartilhando somente tinha influenciado o afeto que sempre existiu entre eles. Sorridente, levantou-se de joelhos, deslizando seus braços ao redor da cintura dele e descansando a cabeça contra seu tórax quente. Seu coração batia muito mais depressa que o normal, revelando ainda mais sua excitação, ela ficou na cama, tomou-lhe o rosto em suas mãos e o beijou. Seus dedos acariciaram-lhe a barba enquanto ela fechava seus olhos e apreciava a sensação de seus lábios contra os dela. Deslizando sua língua na boca dele, saboreou e explorou cada canto morno e úmido e suas mãos vaguearam pelo seu tórax. Suavemente, ela comprimiu e apertou os mamilos dele enquanto empurrava a língua mais profundamente em sua boca e acariciava seu peito.

Como amava tocá-lo! Parte animal, parte homem, ele era a realização de sua fantasia mais profunda. Estendendo seus braços para baixo, alisou a união de seu torso de homem e a



metade eqüina - seu ponto de transformação. Moor arquejou, empurrando-a, sua respiração puxada e seus olhos vítreos de paixão.

“Preciso ir para o rio,” ele disse.

“O rio? Para que?”

“Preciso de um mergulho.”

“Mas estamos no meio do inverno. A água deve estar congelada.”

“Ótimo,” Ele ofegou enquanto pisava através do quarto. Antes de partir, ela conseguiu um vislumbre de um centauro excitado fora da forma humana e atordoada, acomodou-se de volta na cama.

“Deuses,” Sussurrou para si mesma, “Ele faz um verdadeiro cavalo parecer destituído”.

No entanto, a idéia que o tinha excitado o suficiente para mandá-lo galopante para o lago a emocionava. Uma vez que a corrida estivesse terminada e ele voltasse à forma humana, planejava dar a ele uma noite que não esqueceria tão cedo.



Ao amanhecer, eles caminharam pelo percurso da corrida. Rex e seu cavaleiro chegaram ao mesmo horário, seguido por um cavaleiro de cabelo e pele castanhos. O de pele castanha era alto, esguio e parecia muito jovem e enquanto Rex e seu cavaleiro murmuravam um para o outro e olhavam para Moor, ele se aproximou. Seu cavaleiro, um jovem homem de cabelo marrom, acenou em saudação.

“Oi. Eu sou Marco.” O jovem estendeu sua mão, a qual Moor agitou. “Este é meu piloto, Jake.”

“Eu sou Moor. Essa é Susana.”

O olhar do piloto varreu Susana. “Bonita amazona. Então como você entrou em uma profissão tão dura como essa, querida?”

“Fácil, quando se está comprometida com seu cavaleiro,” Susana disse.

“Ah.” Ele sorriu.



Rex se aproximou e disse, “Estou achando que você é Moor, já que ouvi dizer que Alexander é cinza.”

“Alexander?” Susana perguntou.

“Existem só dois cavaleiros mais velhos registrados,” Ele disse. “De vez em quando, é agradável ver competidores mais velhos em uma corrida como essa.”

“Dá ao resto de vocês esperança para o futuro,” Moor disse. Susana quase riu de seu tom sarcástico, mas o outro não pareceu notar.

“Penso que essa será uma boa corrida,” Marco disse. “Eu não gosto desse clima frio, entretanto.”

“Leva algum tempo pra se acostumar,” Rex admitiu. “Eu gosto do oeste porque é seco, não muito frio nem muito quente.”

“Um cavaleiro precisa ser duro para ter um vôo consistente no Norte,” Susana disse. “Nós somos de uma aldeia de colheita e temos visto tantos virem e irem devido às condições do tempo.”

“Então você é um transportador?” Marco perguntou a Moor.

“Por mais ou menos vinte e um anos.”

Os olhos de Marco se arregalaram. “Maldição, isso é mais tempo do que eu tenho vivido.”

“Impressionante,” Rex disse. “Tentei transportar por pouco tempo, mas não pagam tão bem como tinha ouvido falar.”

“Você precisa de experiência para ganhar bom dinheiro,” Moor disse a ele. Aquele cavaleiro precisava de um bom chute nos quartos e ele adoraria dar um nele.

Rex encolheu os ombros. “Corridas rápidas, desde que você consiga velocidade e resistência pra isso.”

“É melhor irmos andando.” Jake apertou seu punho nos arreios de Marco. “Antes que a manhã se acabe.”

Rex e Moor deram um passo para o lado enquanto o castanho galopava de volta ao percurso da corrida e ascendeu.



“Boa sorte na sexta-feira. Com toda sua experiência, vou vencê-lo no fim.” Rex sorriu com afetação enquanto ele se afastava, indo para o céu com um poderoso impulso.

“Que maldito idiota!”, Susana rosnou de ódio, seu corpo tenso montado nele e sua ira passando através dele. Estranhamente, a raiva dele se dissipou ao saber que ela se sentia tão protetora em relação a ele, isso agitou seu amor. Rex e os outros não significavam nada, só Susana importava. Ele correria por ela e por ele mesmo, qualquer outra coisa seria um desperdício de esforço. “E ele não parece tão novo assim. Não como Marco.”

“Aquele menino parece desesperadamente deixar a barba crescer,” Moor admitiu. “Ele teve uma boa partida, entretanto.”

“Rex pareceu que estava decolando para uma corrida de velocidade ao invés de uma de resistência.”

“Se ele puder segurar aquela velocidade toda por uma boa distância, o resto de nós estará em apuros.”

Susana articulou um som aborrecido e Moor sorriu pra ela por cima de seu ombro. “Esqueça-o. Nós temos trabalho pra fazer.”

“Espero que ele perca.”

“Qualquer coisa pode acontecer durante uma corrida.”

“Eu. esqueça isso.”

“O quê?” ele perguntou.

“Nada.”

“Diga pra mim.”

“Estava pensando que seria bom se você pudesse vencê-lo, mas não quero pôr nenhuma pressão em você.”

“Não se preocupe.” Ele piscou pra ela. “Eu estava pensando a mesma coisa.”

Susana bateu levemente em seu braço antes de apertar firmemente enquanto ele galopava para partir.





Dois dias antes da corrida, Moor teve seu último treino duro, quarenta milhas de viagem de chão intercaladas com cem milhas de vôo.

Eles aterrissaram de volta em Kingsville no início da tarde e depois que ele deu uma parada, Susana se ofereceu para lhe dar uma massagem e tratamento no estábulo da pousada.

Moor fechou seus olhos com prazer enquanto as pequenas e hábeis mãos dela esfregavam unguento nas pernas dele. Ele resistiu ao desejo de gemer quando ela massageou suas costas e seus quadris.

“Deuses, você tem a pele tão bonita,” ela murmurou, correndo suas mãos sobre seus ombros equinos antes de deslizá-las sobre seu torso humano.

Os olhos dele se abriram e encararam os dela e ela ficou na ponta dos pés enquanto ele se curvou para beijá-la. Os lábios se moviam lentamente contra a sua boca, a língua deslizava em sua boca e golpeava-a ternamente. Os lábios dela eram tão suaves, tão mornos. Deuses, como ele sentia falta de fazer amor com ela. Tão cedo a corrida estivesse terminada, a primeira coisa que iria fazer era mudar-se para a forma humana e fodê-la até que nenhum deles pudesse caminhar.

“Parece que existem benefícios em estar comprometido com seu cavaleiro.”

Lançaram um olhar cortante para Rex enquanto este andava a passos largos no estábulo, sua pele preta ensaboada de seu treinamento.

Tomando a mão de Susana, Moor lançou a Rex um olhar de advertência, enquanto eles partiam.

“Típico lixo de corrida,” Moor disse.

“Eu não gosto dele mesmo.” Susana pressionou seu corpo mais perto do dele. “Quer cochilar antes de encontrar Terra e Inez para a ceia?”

“Soa bem pra mim.” Apertou-a afetuosamente enquanto iam para o quarto deles.

“Mais três dias e poderemos compartilhar uma cama novamente. Finalmente.”

“Mal posso esperar.”



Capítulo Oito

A Chama do Rei Montague.

Na manhã da corrida, Susana acordou ao nascer do sol com Moor observando-a do outro lado do quarto. Apesar de ele parecer calmo, ela sentia que a inquietude e a excitação dele eram tão intensas quanto as suas.

Eles trocaram sorrisos antes dela sair da cama e se lavar na bacia de água em cima da mesa.

“Como você se sente?” ela perguntou.

“Forte como um Highlander. Mal posso esperar pelo início da corrida.”

“Quanto tempo ainda tem?”

“Três horas. Está pronta para encontrar Inez e Terra para o café-da-manhã?”

“Assim que trançar meus cabelos.” Susana se vestiu. Ela tremia e seu estômago estava tão embrulhado que se perguntava como conseguiria comer.

“Você está bem?” Moor colocou uma mão firme em suas costas.

“Só um pouco nervosa.”

“Um pouco de nervos é bom, mas não tenha medo.”

“Não estou com medo.”

Ele pegou seu rosto em suas mãos e a beijou. “Estou tão feliz que você estará me montando.”

Sorrindo, ela o abraçou forte. Esse seria o dia mais excitante de sua vida. Logo ela estaria montada nele, galopando em campos com neve e subindo pelos céus. Quase podia sentir o ar fresco e já ouvia o bater das asas dele. “Eu amo você, Moor.”

“Eu também amo você.”

Durante o café, ela tentou entrar nas conversas, mas seus pensamentos retornavam à corrida. Ela era realmente capaz de cavalgá-lo sem sacrificar seu estilo? E quanto ao jogo sujo



que ele havia contado? Cavaleiros como Rex fariam provavelmente qualquer coisa, perigosa ou não, para garantir uma vitória. Moor não era um homem velho em nenhum quesito, mas a maioria dos competidores era muito mais nova e no ápice do vigor, mas não de sua força, ela disse a si mesma. A maioria deles não possuía o poder de um cavaleiro com a experiência dele.

Nada disso importava. Eles não estavam realmente competindo pelo dinheiro do prêmio, mas pelo prazer da corrida e seria uma experiência de ligação notável para eles, sobre a qual contariam a seus filhos.

“Você está bem?” Inez colocou uma mão no joelho de Susana.

“Desculpe. Minha mente está divagando.”

“Não se preocupe com a corrida, você estará segura. Ele me protegeu por anos durante colheitas perigosas. Além de Terra, não consigo pensar em nenhum cavaleiro melhor de se viajar.”

“Só não quero falhar com ele.”

“Você não vai falhar. Se ele não pensasse que está pronta, não a permitiria voar com ele. Uma coisa sobre Moor, ele é cuidadoso.”

“Não vou deixar nada acontecer com você,” Moor sussurrou em seu ouvido.
“Prometo.”

“Não sei porque estou tão nervosa.”

“É normal,” Inez disse. “Na minha primeira colheita, estava apavorada, mesmo já tendo voado antes. Poucos minutos de corrida e você estará bem.”

Susana assentiu, forçando-se a permanecer calma. Ela era uma curandeira, pelo amor de Deus! Vidas dependiam dela e se podia lidar com tamanha responsabilidade, podia lidar com uma corrida para a qual eles vinham treinando.



Na estribaria, ela enfaixou as pernas de Moor para lhe dar mais suporte durante a corrida.

“Tudo bem?” ela perguntou, passando a mão por cima de uma das bandagens.



“Perfeito.” Ele sorriu. “Você sabe colocar bandagens melhor do que ninguém.”

“Provavelmente porque sou uma curandeira.” Apesar de tentar soar calma, seu coração batia loucamente. Em poucos momentos, a corrida começaria.

Ele colocou sua sela em suas costas e quando Susana apertou as cordas, a família de Moor chegou para desejá-lo boa sorte e esperar na linha de chegada.

“Boa sorte, tio,” disse Silas.

“Tenha cuidado,” disse-lhe Lina.

“Meta a surra em quantos deles você puder,” Peter murmurou, torcendo para que seu filho não o escutasse.

Moor ergueu uma sobrancelha. “Achei que você tinha falado que eu era velho demais?”

“Claro que não, se bem que não iria querer ser você amanhã de manhã quando sentir cada músculo de seu corpo.”

“Estou acostumado com isso. Eu sou um Portador.”

“Certo. Boa sorte a vocês dois.”

“Obrigada,” Susana murmurou torcendo para suas mãos não tremerem enquanto agarrava os arreios e montava.

“Você vai ficar bem,” disse Inez.

“Não se esgote muito cedo.” Terra andou ao lado de Moor enquanto ele se dirigia para a linha de partida. “Já vi Rex antes, ele normalmente explode em velocidade cedo, mas guarda um pouco para o final. Ele vai ser duro. Marco mantém um passo rápido, porém firme, se bem que acho que o tempo pode acabar com ele. Ele está muito acostumado com os trópicos.”

Moor assentiu. “Vou manter isso em mente.”

“Tome cuidado e boa sorte.” Terra deu uma tapinha no ombro de seu amigo antes de Moor começar a trotar, juntando-se aos outros em uma corrida de aquecimento ao redor do campo.

A maioria dos cavaleiros e pilotos estava focada em si mesma durante o aquecimento. Rex, no entanto, lançou um sorrisinho condescendente para Moor quando eles passaram um



pelo outro e Susana rangeu os dentes. Como o odiava! Torcia para que Moor o fizesse comer poeira.

O chefe da vila chamou para os competidores se alinharem. Vinte Cavaleiros tinham se inscrito na corrida mais famosa de resistência do mundo. Para a maioria deles, a estima de ganhar valia tanto quanto, se não mais, do que o prêmio de quinhentas peças de ouro.

O segundo e terceiro lugares receberiam trezentas peças de prata e uma taça de bronze, respectivamente.

Ela ficou tensa enquanto esperava o sinal verde.

“Relaxe, ou você não vai chegar até o final,” Moor lhe disse.

“Estou relaxada.”

Olhando por cima de seu ombro, ele ergueu uma sobrancelha. Subitamente toda a tensão realmente a deixou. Esse era Moor, o cavaleiro que ela conhecia melhor do que nenhum outro. Do quê tinha que ter medo?

Assim que ele retornou seu olhar para o campo, o chefe sinalizou para o começo da corrida.

Marco e Rex tomaram a dianteira. Moor manteve um passo mediano com a maioria dos corredores enquanto alguns ficaram para trás, guardando a si mesmos para os quilômetros finais.

Quando Susana subiu para as costas de Moor e pressionou o corpo para perto de seu dorso humano, esqueceu dos outros. Apenas ele existia, seus músculos poderosos queimando debaixo dela, suas asas fechadas próximo ao seu lado encostando-se a suas pernas enquanto eles voaram através da primeira porção de terra da corrida.

Após uma extensão de cinco quilômetros, os saltos começaram. Moor corria a um ritmo acelerado, porém constante, nem um pouco próximo de sua velocidade mais rápida, mas o suficiente para manter os líderes em vista. Marco, Rex e outros quatro cavaleiros corriam a um passo intenso.

Duvido que eles consigam manter esse ritmo durante toda a corrida.



Moor havia explicado as táticas dos cavaleiros na liderança, no entanto. Se eles conseguissem colocar bastante distância entre eles e o resto dos cavaleiros, poderiam ganhar um avanço suficiente para vencer, mesmo que desacelerassem na reta final.

A três quartos da primeira parte, a pulsação de Moor acelerou sob a bochecha de Susana pressionada contra suas costas. Seu pêlo estava úmido, seu físico de centauro gerando calor o suficiente para mantê-la aquecida apesar da leve neve que caía.

Ele aumentou sua velocidade de leve quando Marco e Rex quase desapareceram no horizonte e logo eles estavam à vista novamente.

“Está indo bem?” Susana o chamou.

“Tranquilo,” ele respondeu, quase sem fôlego.

Ela não voltou a falar, permitindo que ele guardasse sua energia para o voo a seguir. Quando chegaram ao salto final, ela estava mais do que pronta para o voo. Manter-se junto a ele no chão era cansativo, mas no ar, seu trabalho diminuía em grande parte.

Os líderes já haviam alçado voo quando Moor chegou ao ponto de decolagem. Um pequeno grupo de humanos e centauros estava a postos em diferentes pontos ao longo da rota para garantir que nenhum cavaleiro pegasse um atalho ou usasse suas asas para mais velocidade antes da parte aérea da corrida. Vários dos juízes estavam aglomerados em volta de fogueiras no litoral, observando os corredores começarem seu voo sobre o congelado Mar do Norte.

Susana agarrou fortemente a sela, suas mãos apertadas no arreio quando Moor ascendeu e uma vez no ar, ela relaxou um pouco.

Ao invés de manter um voo moderado, ele aumentou sua velocidade até que os líderes estavam pertos o suficiente para que ela visse seus flancos e traseiros trabalhando e asas batendo. Dois dos quatro haviam ficado para trás, deixando Rex e Marco duelando pela liderança antes de chegar ao ponto de pouso.

Ela se aproximou das costas encharcadas de suor de Moor. Sua respiração estava mais forçada agora e seu coração um ritmo poderoso, firme contra seu rosto. Uma de suas mãos



desviou do arreio e deslizou por sua cintura. Ela sabia que ele estava indo mais rápido do que haviam praticado, mas essa era uma reação normal à corrida.

“Não se esgote muito cedo,” ela o lembrou como uma boa parceira deveria.

“Ainda tenho bastante força, amor. Além do mais, estamos na metade do voo.”

Ela não podia resistir de sorrir. Eles estavam indo maravilhosamente bem e em menos de duas horas, a corrida terminaria. Apesar de ser muito cedo para dizer, tinha certeza que Moor iria se dar bem porque um dos líderes já havia ficado para trás dele e alguns dos corredores do final haviam quase se igualados com eles, mas ele não os deixaria passar. Apenas Marco, Rex, e um cavaleiro de pêlo vermelho permaneciam à frente.

O litoral apareceu na distância e juízes esperavam os competidores no ponto de pouso. Tendas haviam sido erguidas para eles descansarem, comerem uma refeição leve e cuidar de alguma ferida antes das duas últimas partes da corrida.

“Segure-se firme,” Moor gritou para Susana.

Ela o agarrou com força quando ele foi à frente a uma explosão de velocidade, ultrapassando o cavaleiro de pêlo vermelho e correndo asa a asa com Rex.

O jovem e seu cavaleiro lançaram olhares ferozes para Moor e Susana quando eles tomaram a frente e a natureza competitiva dela, normalmente reservada apenas para suas habilidades de cura, surgiu ao ver seus rivais.

Moor seguiu, cabeça a cabeça com Rex, mas nenhum alcançou Marco que já havia descido. Eles pousaram juntos, correndo para a arena de corrida temporária enquanto outros cavaleiros chegavam.

Susana se sentou mais reta enquanto trotavam a uma pequena distância da tenda e percebeu que levava apenas poucos instantes para sua respiração forçada voltar ao normal. Finalmente ele parou e ela atendeu o sinal de desmontar.

“Você está bem?” ela perguntou com seu coração batendo de excitação.

“Tranquilo.”

“Você foi ótimo.” Não podia deixar de sorrir quando pegou em sua mão e a apertou.

“Vamos. Você pode remover a sela por um tempo e vou lhe escovar.”



“Parece ótimo.”

“Estou faminta e você?”

Ele assentiu. “Eu poderia comer, mas estou com mais sede do que qualquer outra coisa.”

Ela não duvidava dele. Saía fumaça de seu pêlo castanho molhado no frio ar do Norte e como os outros, ele começara a tremer assim que pousou, o tempo do inverno chocando seus corpos quentes quando seu voo terminara.

Ainda assim, Moor se permitiu apenas alguns goles de água antes de remover sua sela, cobertor e arreios, colocando-os sob a guarda dos juízes enquanto se resfriava.

Muita água muito rápido após um exercício físico intenso causava uma dor excruciante.

Susana retirou uma manta e um cobertor da bolsa presa à sela dele e enquanto ele cobria seu torso de homem com a manta, ela jogou o cobertor por cima de sua metade equina. Apesar de ela não estar mais com medo de correr, sua excitação não havia diminuído e dividir essa experiência a emocionava e excitava. Nada se comparava a esse companheirismo maravilhoso que eles haviam criado.

Ela se colocou ao lado dele enquanto ele andava.

“Você pode ir se sentar perto do fogo,” ele disse a ela.

“Prefiro ficar com você.” Ela se pressionou contra o lado dele.

Moor pegou a mão dela na sua coberta de pêlos. Susana olhou para seus dedos entrelaçados e sorriu.

Quando ele havia se resfriado, andaram até a tenda onde ela removeu as ataduras das pernas dele e massageou óleo em cada centímetro do corpo dele. Como amava tocar nele!

Sob suas mãos, os músculos poderosos se flexionavam e relaxavam e um olhar em seu rosto revelava o prazer intenso que ele obtinha de seus movimentos. Uma coisa sobre centauros, eles viviam para serem cuidados.

Quando terminou, ele a ofereceu uma massagem no pescoço, que muito apreciada. Seus dedos fortes massageavam com a dose certa de pressão e fechando seus olhos, Susana se inclinou para mais perto dele e soltou um suspiro de contentamento.



“Está bom?” ele sussurrou em seu ouvido.

“Deus, sim.”

Quando terminou a massagem, comeram uma refeição leve e então descansaram por pouco tempo. Marco e Rex foram os primeiros a sair e Moor esperou que eles saíssem galopando antes de sugerir que ele e Susana começassem a próxima parte da corrida.

Ela o ajudou a prender seus arreios e a sela, usando um cobertor seco e guardando o encharcado de suor dentro da bolsa. Então o montou e saíram galopando para a última parte no chão. Essa seria a parte mais difícil, pois o terreno era acidentado e sinuoso em alguns lugares e a neve caía mais forte, tornando o chão escorregadio.

Moor manteve um ritmo rápido, porém seguro, tomando cuidado quando completavam os saltos. Devido a acidentes e machucados, não era incomum para alguns dos competidores saírem da corrida e mais cedo, ela havia visto alguns corredores caírem durante os saltos, por mais que uma olhada por cima de seus ombros lhe dissesse que eles não haviam se machucado muito.

Desta vez, ele havia saído cedo e estava viajando rápido, mantendo uma pequena distância atrás dos líderes. Susana não tinha como saber quem estava atrás deles e, na altura da metade do caminho, dois outros cavaleiros passaram galopando por eles. Mantiveram o ritmo rápido por muitos quilômetros, então ficaram para trás antes do Pico do Desafio, a parte mais perigosa e cansativa da corrida no chão.

Os cavaleiros tinham de galopar montanha acima em um caminho estreito e gelado e uma segunda montanha ficava próxima da primeira, deixando uma pequena porém mortal queda na ravina abaixo.

Se um cavaleiro escorregasse, não haveria espaço o suficiente para ele abrir suas asas para voar em segurança.

Susana e Moor chegaram ao pé da montanha sozinhos. À frente, Marco e Rex batalhavam pela liderança.

“Loucos,” Moor ofegou enquanto galopava firmemente montanha acima. “Duelar por velocidade nessa parte é suicídio.”



“Essa montanha num todo é suicídio.” Ela percebeu a força da respiração dele enquanto enfrentava o pico elevado e escorregadio. “Você quer que eu desmonte e suba a pé?”

“Não. Eu estou bem.”

Susana não duvidava que ele soubesse os limites de seu corpo, mas até que eles chegassem ao topo, não relaxaria. O coração dele batia tão forte em suas costas que podia senti-lo como se estivesse em seu próprio corpo. Ela se perguntava como ele, Marco, e Rex conseguiam manter o ritmo.

Os cavaleiros, negro e castanho, estavam agora perto o suficiente que ela conseguia ver seus corpos encharcados de suor lutando pela liderança na beirada estreita.

De repente, Rex escorregou e bateu em Marco. O cavaleiro negro recuperou sua posição e continuou galopando, mas para o horror de Susana, Marco e seu cavaleiro caíram pela beirada.

“Maldição,” Moor resmungou, apertando o passo.

“Deuses.” Susana sentiu-se doente de medo. Não havia como eles terem sobrevivido tal queda.

Para o alívio dela, quando chegaram ao local do acidente, Marco havia conseguido de alguma forma se segurar em uma raiz grossa que saía da montanha e Jake estava agarrado em suas costas, seu rosto branco de terror.

Eles olharam para o topo do monte onde Rex estava parado e por um momento, pareceu que o cavaleiro negro iria ajudá-los, mas então saiu correndo para terminar a corrida.

“Filho da puta,” Moor resmungou através de dentes truncados.

“Ajude-me,” Marco gritou. “Estou escorregando.”

“Não entre em pânico,” Moor ordenou, pegando a corda em sua bolsa atrás de si.

Susana desmontou enquanto ele baixava a corda para o piloto, que a passou em volta da barriga de Marco e a amarrou da melhor forma possível.

“Não consigo me segurar,” Marco gritou com a expressão frenética.

Ela se levantou e seu coração batia forte de medo, enquanto Moor vagorosamente retrocedia descendo a montanha gelada, seus cascos derrapando. O peso do outro centauro e



seu cavaleiro teria sido nada para ele normalmente, mas o gelo em uma superfície tão íngreme fazia com que fosse quase impossível manter o passo.

“Eles estão quase aqui!” Susana gritou, olhando por cima da beirada. “Só um pouco mais.”

Moor puxou e ela estendeu a mão para Jake e o ergueu enquanto Marco era arrastado em segurança.

“Vocês estão machucados?” Ela perguntou a eles.

“Deus,” Marco ofegou, tremendo da cabeça aos pés. Jake sentou-se ao lado dele, respirando com dificuldade, enquanto a cor voltava a seu rosto.

“Eu sou uma curandeira.” Susana ajoelhou ao lado deles.

“Acho que estou bem,” o cavaleiro disse, mas permaneceu parado enquanto ela o examinava.

“Minha perna.” Marco olhou para sua perna dianteira direita. “Acho que a torci.”

Susana a inspecionou, concordando que parecia torcida e enfaixou a perna para Marco e dizendo-lhe para voar de volta para a vila assim que conseguisse.

O som de cascos batendo ecoou abaixo.

Marco se virou para Moor. “Obrigado pelo o que fez.”

“Se não tivesse parado, estaríamos mortos,” Jake lhe disse.

“Sem problemas. Esse tipo de corrida é mais sobre sobrevivência do que ganhar.” Sua resposta encheu Susana de orgulho. Caso ele ganhasse ou não, para ela, ele era o melhor.

“Falando em ganhar, se você for agora, ainda terá uma chance,” Marco disse.

Moor olhou para Susana.

“Você está disposto?” ela perguntou.

“Mais do que nunca.”

Susana notou a raiva que igualava a sua queimando nos olhos dele. Como Rex pôde derrubar dois homens no abismo e simplesmente sair galopando?

Ela montou e ele começou a correr, suas pernas engolindo a montanha, se bem que ele tomava cuidado para se manter para dentro e não arriscar machucar Susana ou a si mesmo.



Quando chegaram ao topo da montanha, saltou para o voo e vislumbraram a forma negra que voava à distância.

Cem quilômetros sobre o oceano de volta para Kingsville e a corrida chegaria ao fim. Um olhar para trás revelou a Susana nenhum outro cavaleiro à vista.

“Não ligo se você vai ganhar ou não,” Susana falou para Moor. “Estou tão orgulhosa de você.”

“Você também,” ele gritou, suas asas consumindo o ar.

Apesar de saber que ele queria perseguir o cavaleiro mais jovem, seu ritmo permaneceu rápido e firme, mantendo Rex à vista. Justamente quando ela achou que ele poderia manter a velocidade rápida por toda a corrida, ele reduziu.

O ritmo acelerado também começou a atingir Moor. Manter-se a frente de outros competidores era difícil o suficiente em corridas mais curtas, quanto mais em uma como a Chama do Rei Montague.

A corrida se aproximou do fim e o verdadeiro teste começou. Susana permaneceu quieta na sela, mantendo seu corpo pressionado de um jeito que aprendera, o qual tornava seu voo mais fácil.

Não tentava mais falar com ele, uma vez que sua respiração estava trabalhosa e seus músculos tensos embaixo dela. Montar seu corpo encharcado de suor era como estar montada em um rio de lava. A forma negra e brilhante de Rex aparecia logo à frente e seu cavaleiro olhou por cima do ombro com sua expressão preocupada. Ele gritou algo e o cavaleiro negro esticou suas pernas e asas e voou mais rápido, se bem que um olhar para seu rosto a revelou que o aumento na velocidade fora doloroso.

Quando o litoral se aproximou, Moor a surpreendeu ao acelerar seu ritmo. Quando eles estavam sobre o chão, Moor e Rex voavam lado a lado. Faltavam apenas alguns poucos quilômetros até Kingsville.

O coração dela batia descontrolado, não com o desejo de vencer, mas com a necessidade de acabar logo com a maldita corrida. O resgate na montanha havia consumido energia que Moor precisava na corrida e não sabia como ele havia conseguido alcançar Rex.



Ambos os cavaleiros lutavam para manter a posição, mas o ritmo, particularmente nos últimos quilômetros, os havia levado aos seus limites.

Susana tentou ignorar a respiração forçada de Moor e a forma com que seu coração batia contra seu rosto. Ela tentou bloquear a força do vento quando ele novamente tomou a dianteira, suas asas batendo forte, mantendo-se casco a casco, galope a galope com Rex. Através de olhos desfocados pelo vento, mal podia discernir a multidão de espectadores reunida próxima à linha de chegada.

De repente, Rex tomou a dianteira com uma explosão final de velocidade, ultrapassando-os e deslizando para a chegada.

“Eu sinto muito,” Ele ofegou.

“Pelo o quê? Você foi ótimo.” Ela beijou sua nuca, repleta de felicidade. Eles haviam terminado a corrida e ele havia sido fantástico. Ela duvidava que qualquer mulher conseguisse se sentir mais orgulhosa de seu parceiro do que ela naquele momento.

Pousaram e ele trotou para o campo, sua respiração forte enquanto reduzia o andar até parar. Susana desmontou, olhando em seus olhos que estavam vermelhos pelo voo. Veias distendidas criavam padrões sob seu pêlo encharcado de suor e seus flancos e peito de homem subiam e desciam, no entanto suas pernas estavam firmes e sua postura ereta enquanto circulava pelo campo.

“Estou tão orgulhosa de você.” Ela o abraçou na frente de uma pequena multidão que se formara ao redor deles.

“Que corrida,” Terra disse quando se aproximou, sorrindo e se oferecendo para pegar os equipamentos. “Ambos você e Rex quebraram o recorde de velocidade da história da Chama.”

“Você foi ótimo.” Inez beijou-lhe o rosto e então abraçou Susana. “E eu sabia que você seria fantástica.”

Susana abraçou sua amiga forte. “Obrigada, mas Moor é que foi fantástico.”

“Boa corrida,” alguém gritou. “Não esperávamos que você conseguisse fazer o Rex suar, meu velho.”



“Fazer o Rex...” A raiva de Susana veio à tona. “Se não tivéssemos...”

“Susana.” Moor agarrou seu braço, balançando a cabeça.

“Mas você perdeu tempo quando Marco...”

“Tomei uma decisão e estou satisfeito com o segundo lugar.”

Raiva queimou fundo dentro de Susana. Ela apertou os punhos e sussurrou, “Mas não é justo.”

“É uma corrida, amor.” Ele tocou com um dedo em seu queixo e se inclinou para frente, sussurrando em seu ouvido, “Nós sabemos o que fizemos.”

“Se é assim que você quer.” Ela se acalmou um pouco, por mais que internamente sua raiva ainda queimava. Se não tivesse parado para limpar a sujeira de Rex, não tinha dúvida sobre quem teria vencido.

Moor aceitou os cumprimentos de sua família e de vários espectadores, então se retirou para resfriar.

Outros competidores começaram a chegar e somente quando Marco e Jake chegaram e revelaram o que havia acontecido na montanha é que perguntas sobre a veracidade de Rex ter ganhado a corrida ou não surgiram.

Os prêmios foram distribuídos, mas pela expressão de Rex e a reação da multidão, boa parte da glória havia caído do vencedor.

“Essa foi uma corrida excelente,” o Chefe entoou quando o último prêmio havia sido dado. “Rex tem o tempo mais rápido da história da Chama e Moor foi um poderoso e inesperado vencedor do segundo lugar. Soloman seguia bem atrás em terceiro. Espero ver todos vocês no ano que vem.”

“É, então vamos ver quem vai realmente ganhar,” alguém gritou.

“Já existe uma conversa sobre uma revanche entre Rex e Moor,” o Chefe anunciou. “O que vocês me dizem?”

“Eu topo,” Rex disse quase que imediatamente. O ponto obscuro em sua brilhante reputação obviamente o irritava.

Ótimo.



“Sinto muito, mas não estou planejando nenhuma corrida para o futuro.” Moor passou um braço pela cintura de Susana. “Minha prioridade agora é começar uma família com a minha futura esposa.”

A multidão resmungou e Rex lançou-lhe um olhar crítico.

“Nós esperamos que você mude de idéia,” disse o Chefe.

“Acho que não.” Ele pegou a mão de Susana, jogando seu prêmio nas costas, enquanto desapareciam na multidão.

“Rex não vai gostar de não correr com você novamente,” Susana sussurrou. “Ele não tem certeza de que ganharia em uma corrida justa, não mais do que os espectadores têm certeza.”

“Exatamente como deve ser.” Ele sorriu ligeiramente enquanto mantinha o olhar de Susana. “A vida é feita de escolhas e fizemos a nossa no desfile. Eu consigo viver com o segundo lugar, mas um cavaleiro como aquele não consegue suportar não saber se ele é realmente o melhor ou não.”

Ela sorriu. “Nunca achei que fosse dizer isso, mas você é bem vingativo.”

“Só quando é necessário. Eu adoraria um longo descanso agora.”

“Que tal trocar para a forma humana e lhe darei uma longa massagem?”

“Você não faz idéia do quão bom isso soa.”

Susana passou os dedos através de seu abdômen liso. “Garanto que vai ser tão bom quanto soa.”



Capítulo Nove

Recém-Casados

De volta ao seu quarto na pousada, Moor ergueu as bolsas pesadas de moeda e empurrou-as sob a cama. Depois colocou de lado seus arreios e se esticou. A dormência que o tinha atingia depois da corrida tinha acabado passando a ter algumas dores musculares e sensação geral de cansaço. Ele ficou satisfeito com seu desempenho e completamente orgulhoso de Susana. Não tinha palavras para descrever o quão maravilhoso sentiu ao tê-la compartilhando a corrida muito intimamente e tudo o que o incomodou foi o acidente potencialmente trágico.

Entretanto, mesmo que tenha tentado disfarçar, estava um pouco frustrado por Rex ter vencido. Ele teria adorado bater no irritante jovem e apesar de toda sua conversa sobre como o importante não é ganhar, ele tentou seu melhor — Mesmo que fosse só para roubar uma honra que ele não merecia depois de deixar dois homens para morrer. A corrida tinha sido tão difícil quanto lembrava e depois de ajudar Marco e Jake, ele duvidava de sua habilidade de pegar o jovem voador Rex.

Dominado pela raiva, empurrou o extremo de seu poder, mas durante aquele passeio para a prova final, estava muito cansado para corresponder a última explosão de velocidade de Rex. Ainda assim, a dúvida foi colocada na mente do voador bem como nas mentes dos espectadores. Por lei, o jovem tinha ganhado a corrida, mas todo mundo sabia, Moor não tinha parado, ele poderia ter ultrapassado o concorrente mais novo. Nada mau para — como o tinham chamado? — um cavaleiro maduro.

Sinceramente, o segundo lugar ficou bem para ele. Depois de uma longa ausência, ele retornou para corrida com uma apresentação muito boa e teve uma segunda chance no amor sob a forma de sua bela e pequena parceira. Sim, segundo lhe agradou muito.



Pareceria bom finalmente mudar-se para sua forma humana e esticar-se na cama com Susana em seus braços.

O ferreiro local havia retirado os sapatos malditos logo após a corrida, apesar de que durante a subida do Pico do Desafio, Moor tenha ficado feliz por eles.

"Deixe-me olhar melhor para você." Susana ficou ao lado dele, passando as mãos sobre o seu traseiro e se inclinando enquanto sentia as pernas para os pontos de concurso que seria um sinal ferimento.

"Eu disse que estou bem."

"Às vezes você não pode dizer imediatamente se está machucado."

Com suas mãos suaves, mas fortes, correu cada uma de suas pernas e ele sorriu, quando ela o tocou assim. Finalmente, ela se afastou, mas a puxou para seus braços.

"Obrigado."

"O prazer é meu." Ela ficou na ponta dos pés quando ele se inclinou para beijá-la.

Enquanto ela se despia, ele fechou os olhos, concentrando-se em seu ponto decisivo e com um tremor que agitou o chão, transformou-se em humano.

Desnuda, Susana se aproximou. Quando ele acariciou seus ombros, suas mãos espalmaram em seu peito. Abraçá-la era tão bom, especialmente agora que suas pernas podiam se entrelaçar e, uma vez descansado, ele podia encher a suave e úmida vagina com o seu pênis e saciar o desejo que havia segurado na baía.

"Pronto para aquela massagem?" ela perguntou.

Ela aguardou a resposta dele, suas mãos já doloridas para tocar em toda plegada dele.

"Oh sim. Mais que pronto" ele disse em uma voz rouca.

"Ótimo." Ela beijou o centro do seu peito e seus lábios percorrem o tórax peludo. Suavemente beliscou um de seus mamilos antes de empurrá-lo em direção à cama.

Ele se deitou de bruços, sua cabeça descansando nos braços dobrados. "Você não tem que fazer isto, deve estar cansada também."

"Confie em mim. Eu quero." Ela ajoelhou-se aos seus pés no colchão e acariciou seus tornozelos. Seus pés humanos eram tão bem formados, grandes e com os arcos perfeitos e ela



correu o dedo polegar ao longo da sola. Ele tremeu um pouco e grunhiu com riso e ela sorriu, amando como ele sentia cócegas em certos lugares. Inclinação para frente, correu seus lábios sobre as costas de seus joelhos, enquanto as mãos acariciavam-lhe as coxas. Os músculos eram extremamente rígidos e a pele morna encrespada por cabelo escasso e escuro.

Luxúria torceu-lhe o ventre, deixando-a molhada enquanto esfregava cada centímetro de suas pernas, nádegas e quadris. Sua forma humana era a perfeição do sexo masculino com pernas fortemente musculosas e duras e nádegas proeminentes.

Finalmente, ela chegou ao seu ponto de transformação, que parecia uma volta normal mais baixa, magra e com uma escassa penugem polvilhando a carne, mas sob a superfície agitavam-se as mais sensíveis partes de um cavaleiro.

Embora ele quase fosse embalado para dormir por suas carícias anteriores, gemeu quando os dedos e palmas das mãos acariciavam seu ponto decisivo. Ela se curvou e beijou mais abaixo, sua língua pintando com traços lânguidos.

A reação dele foi inconstante, sua respiração se aprofundou e as nádegas se crisparam. Ela sabia de seus movimentos mal contidos, que estava disposto a não se contorcer de prazer.

Susana sorriu. Deuses, ela amava excitá-lo.

“Não se mova,” murmurou, sentindo que ele estava para saltar em cima e alfinetá-la embaixo dele. O pensamento era suficiente para fazer seu clitóris doer, mas tinha tempo para se preocupar com seu próprio prazer. Naquele momento, queria se entregar a ele em todos os sentidos. Montá-lo na corrida tinha sido a experiência mais emocionante de sua vida e queria mostrar o quanto tinha apreciado e o quanto o amava.

Moor fez como ela pediu, deitando tão quieto quanto possível enquanto ela continuava a beijar e lambe seu ponto decisivo. As mãos estavam espalmadas na parte inferior de suas costas e os dedos polegares apertaram a base de sua espinha.

O controle dele chegou ao fim e com um gemido de pura luxúria, ele se voltou, pegando-a pelos braços e empurrando-a de costas.

Susana ofegou de prazer quando ele beijou seus seios, seus dentes e língua arreliando primeiro um mamilo então o outro.



"Pensei que estava cansado?" ela arquejou.

"Consigo meu segundo tempo," ele rosnou, beijando sua barriga e parte interna de suas coxas.

De repente a boca fixou em seu clitóris e Susana articulou um grito afiado na ferocidade de seu ataque. Sua língua era quente e molhada, enquanto seus dedos exploravam sua vagina. O coração dela disparou quando fechou seus olhos, perdida em sensação.

"Moor," ela arquejou. "Eu amo você tanto. Oh. Moor. Ah."

A ponta de sua língua achou o lugar mais sensível ao lado de seu clitóris e a sensação era tão dolorosamente aprazível que ela podia não mais parar as ondas de orgasmo que a percorriam.

Ele cobriu-lhe o corpo com o seu e num impulso enterrou seu pênis duro de pele aveludada profundamente dentro da vagina latejante.

Susana colocou os braços e as pernas em torno dele, agarrando-se tanto que suas pernas doíam. *Sim, oh, sim. Nunca me senti tão bem sendo reivindicada por um cavaleiro.* Seus impulsos prolongaram os orgasmos dela e continuou por muito tempo depois, dirigindo-a para a borda novamente.

Acima de seu próprio prazer, ela lembrou que queria agradá-lo e mais uma vez, suas mãos se desviaram para a parte inferior das costas dele. Sua carne tinha aquecido, parecendo banhar-lhe com energia e carinho. As pontas dos dedos firmemente pressionaram contra seu ponto decisivo, esfregando em círculos profundos.

"Deuses, Susana," ele arquejou, tencionando seu corpo inteiro e ela percebeu sua tentativa de prender de volta com suas estocadas, mas as mãos sobre o único outro lugar tão sensível quanto seu pênis o levou à loucura. Seu coração disparou contra ela e seu pescoço se arqueou para trás, os tendões tensos.

Ela ronronou seu incentivo, enquanto continuava esfregando e seus quadris seguindo o ritmo natural quando olhou para ele com os olhos semicerrados.

"Susana, devagar", ele arquejou.



Ela não o fez. As almofadas de seus dedos pressionaram mais, circulando mais rapidamente, quando a empurrou contra a sua pélvis.

"Susana". Forçou os olhos abertos e olhava para os dela. Sua profundidade geralmente calma parecia selvagem e tão desesperada para liberação quanto ela e sua respiração irregular lhe disse que ele estava perto. Resumidamente, ela perguntou se ele poderia reter o tempo suficiente para levá-la ao clímax.

Como curandeira, ela sabia da importância do ponto decisivo de um centauro, mas até tomar um como um amante, nunca havia entendido a sua verdadeira magia. Tocar e acariciar no caminho certo lhe deu tal poder sobre esta criatura dominante. Sua incrível força e resistência ficavam literalmente à mercê de suas duas mãos pequenas e esse conhecimento lhe despertou, emocionando-a ainda mais em sua corrida.

A mais leve pressão sobre a sua parte inferior das costas, cinco duros impulsos rápidos e foi o suficiente. Susana explodiu quase no mesmo momento que ele, que gritou seu orgasmo com o corpo todo rígido, todos os duros músculos esticados sobre a carne lisa e úmida.

Ele conseguiu se mover ligeiramente para o lado antes de desabar, a sua metade do corpo cobrindo ao longo do dela, os lábios abertos tão perto de seu pescoço que sentiu sua maciez úmida, juntamente com seu hálito quente ventilando sua pele.

O coração de Susana pareceu durar uma eternidade a abrandar e ela ficou imóvel, totalmente satisfeita e com um meio sorriso nos lábios.

Após um momento, Moor afastou-a completamente, virando para o lado e embalando-a contra o peito. Sabia que por sua profundidade, respirações e batimentos cardíacos lentos que ele estava quase dormindo. Ela mesma estava apenas meio acordada. A corrida tinha deixado os dois cansados.

Fazer amor os tinha relaxado o suficiente para uma agradável sesta antes do jantar. Balançando-se um pouco mais perto, ela suspirou. Pela primeira vez em sua vida, tinha tudo que sempre quis.





"Vamos casar." Susana fez uma pausa ao escovar os cabelos e olhou para Moor que se sentou na beira da cama, arrastando as botas. Depois de um descanso glorioso de duas horas, já era tempo para encontrar os outros para o jantar.

Seu olhar encontrou o dela. "Eu pensei que já tínhamos resolvido."

"Quero dizer hoje à noite, em vez de esperar até a primavera."

"Hoje á noite?"

"Sim. Terra e Inez estão aqui, como também seu irmão e a família dele."

"Mas pensei que você queria planejar o casamento?"

Susana colocou a escova de lado e sentou-se perto dele, curvando-se em seu braço. "Eu não quero esperar tanto tempo. Quem se preocupa com os planos? A espontaneidade é mais divertida. A menos que você não queira fazê-lo esta noite.

"Eu entendo quanto mais cedo melhor." Ele sorriu, puxando-a para o seu colo e empurrando o seu pescoço. "Vamos ver se podemos chegar a um compromisso de falar com o chefe e perguntar se ele realiza a cerimônia. Se não, podemos tentar uma das pequenas aldeias na periferia."

Depois que terminaram de se vestir, caminharam para o Chefe da Aldeia e tiveram a sorte de ser premiado com um encontro com ele quase que imediatamente, que se ofereceu para realizar uma cerimônia rápida para antes do jantar.

Tomou-lhes apenas o momento de encontrar Terra, Inez e os outros. Quando Susana ficou ao lado dele, enquanto o chefe começava a ler os ritos de casamento, seu coração batia forte de emoção. Moor nunca deixou seu olhar e ela ficou emocionada ao ver amor e emoção refletidos em seus grandes olhos castanhos.

"Parabéns". Inez a abraçou logo que a cerimônia terminou.

"Estou casada". Susana sorriu a realidade de repente golpeando-a.

"Sorte de vocês dois", disse Pete.

Lina a abraçou. "Você tem um bom cavaleiro."

"Oh, eu sei." Susana deslizou seus braços ao redor da cintura de Moor quando ele puxou-a para seu lado. Para ela, não existia melhor cavaleiro.



O pequeno grupo deixou a aldeia e atravessou a praça, parando na pousada para o jantar e ao longo da refeição, Susana e Moor mal podiam manter os olhos longes um do outro. Seu perfume e toque a excitavam e melhor ainda era a afeição e a sólida compreensão mútua que havia entre eles. Essas emoções mais profundas durariam por tempos difíceis e em seus anos mais velhos. O amor físico era uma maravilha a ser apreciada, mas sabia em seu coração que eles compartilhavam algo muito mais profundo também.

"Quando voltarmos para Hornview, a primeira coisa que vamos fazer é ver o ourives sobre os anéis de casamento", ele disse. "Que tipo de jóia você gostaria?"

"Vá para o diamante." Inez sorriu.

"Acho que uma esmeralda", disse Susana.

Moor acariciou as costas de sua mão suavemente, com o olhar fixo no dela. "Então, será uma esmeralda."



Um dia depois, eles voltaram para Hornview e para retribuir Maria por cobrir seus pacientes durante todo o treinamento para a corrida, Susana trabalhou freqüentemente longas horas. Embora Moor perdesse muito de sua companhia, ele usou seu tempo livre para ajudar Terra rastrear Kraig. A obsessão deles trouxe queixas de Inez e Susana, embora ambos foram enfáticos em ver Kraig pagar por seus crimes.

Seus esforços foram adiados, dois meses depois, quando começou a temporada. Moor esteve a cargo da primeira viagem noturna da aldeia e passou a maior parte da tarde fazendo a verificação de arte e encontro com os cavaleiros e coletores que o acompanhavam.

Susana estava ocupada entregando um bebê, mas o surpreendeu por chegar à arena correndo pouco antes da decolagem. Ele trotou para o perímetro ao vê-la, Jonis estava em suas costas.

"Queria desejar-lhe boa sorte." Deslizou os braços em volta da cintura dele e o prendeu com força, seu rosto suave pressionado contra o peito cheio revestido. Vê-la antes do vôo o aqueceu.



"Obrigado." Ele beijou o topo de sua cabeça. "Como foi o parto?"

"Mãe e filho estão bem."

"Bom". Inclinou o rosto para cima, o polegar acariciando seu rosto. "Vá para casa e descanse um pouco. Você está acordada desde a meia-noite."

"Acho que vou conseguir dormir algumas horas." Ela abraçou-o novamente e sussurrou: "Eu te amo".

"Eu também te amo."

"Tenha uma boa viagem. E para você também." Susana olhou para Jonis.

O piloto sorriu e acenou enquanto Moor galopava pelo caminho. Uma vez no ar, ele olhou para baixo e Susana ficou observando-o desaparecer no céu noturno claro.

Moor voltou sua atenção à frente, empurrando-se mais para evitar uma forte corrente. Naquela manhã, Terra tinha levado a primeira colheita da época e relataram que as condições meteorológicas eram ainda mais graves do que o habitual nas Spikelands.

"Foi um inverno curto", murmurou Jonis, ajustando-se mais confortavelmente quando o vento ficou mais frio.

"Muito curto".

"E a temporada de colheita sempre parece tão longa."

Moor sorriu. Ele amava o desafio das colheitas e agora que ele e Susana tinham se apaixonado, tudo parecia muito rápido. Cada momento de casado era tão maravilhoso e ele nunca queria que acabasse.

Logo após a aterrissagem nas Spikelands, entretanto, quase concordou com Jonis. Apesar de seu casaco, o vento gelado cortava os corpos aquecidos dos Cavaleiros e o gelo parecia ainda mais espesso do que o habitual porque precisavam picá-lo com ferramentas de metal para chegar ao Rock Blood. Embora tivessem esperado quase duas semanas mais do que no ano passado antes de enviar as partes em primeiro lugar, o clima ainda era tão grave que só alguns Lagartos de Gelo os atacaram e não reclamou disso. Ele e vários cavaleiros expulsaram os animais antes dos Rock Bloods serem carregados em suas embalagens para as selas.



A viagem de volta foi ainda pior, uma vez que bateu uma tempestade de granizo com ventos tão fortes que dois cavaleiros menores foram quase jogados no mar.

No meio do caminho para casa, Moor circulou todo o seu pessoal, assegurando que ninguém estava em perigo, antes de tomar a liderança novamente.

"Acho que os portadores de combate deviam atirar no explorador que mandaram para ver se as condições satisfatórias para a colheita de estação começar", Jonis gritou e apertou o tronco perto de Moor para evitar o vento e gelo cortando a escuridão.

"Vai ser um daqueles períodos em que nós realmente iremos ganhar o nosso dinheiro", Moor disse ofegante, piscando os olhos ardendo. "Já posso dizer."

Com suas asas e pernas cortando o céu, ele se permitiu alguns breves momentos imaginar se enrolando na cama com Susana em seus braços. Em poucas horas, ele estaria lá. Apesar dos ajuntamentos serem difíceis como este, não faria comércio de sua vida pra qualquer outro porque tinha uma carreira, e, mais importante, ele tinha amor.



Apesar de Susana sempre se preocupar com os cavaleiros e os pilotos, era a primeira vez que se apaixonava por um deles e não podia evitar se sentir um pouco super protetora, embora tentasse disfarçar. Foi despertada pouco depois da meia-noite quando uma das mulheres da aldeia tinha começado um difícil trabalho de parto, que durou até início da noite. Felizmente, tudo tinha funcionado bem e mais tarde, ficou muito contente de ter tido tempo para ver Moor sair antes de sua primeira missão na temporada.

Ela adormeceu quase no momento seguinte em que se deitou em sua cama no antigo quarto da casa grande. Quando acordou, horas mais tarde, adivinhou que já passava da meia-noite e eles deveriam ter retornado horas atrás. Ela tinha avisado que iria dormir no seu antigo quarto, mas não havia nenhuma indicação de que ele havia estado na cama com ela.



Preocupada, lavou-se em uma bacia de água perto da cama e trocou a camisola por uma blusa, calça e sapatos. Quando saiu para a casa grande, vários guardas que acabaram de deixar seu turno estavam desfrutando de uma refeição tranqüila na mesa.

"Moor ainda não voltou?" Perguntou-lhes.

"Ainda não", respondeu um.

"O grupo de Terra disse que o clima nas Spikelands foi brutal esta tarde", disse o outro.

"Assim, eles podem demorar mais que o habitual."

Ela acenou com a cabeça, sentindo-se ainda mais preocupada do que antes. O que havia de errado com ela? Era uma curandeira, treinada para manter a calma em todas as situações. Era perfeitamente razoável que se as condições eram ruins, as colheitas levariam mais tempo, especialmente se houvesse acidentes, danos ou enfermidade.

Quando saiu da casa grande, ficou aliviada ao ouvir batida de asas e olhando para o céu notou vários cavaleiros correndo.

Ela se apressou depois deles.

Eles aterrissaram ambos parecendo desordenados pelo voo, Moor estava respirando fortemente, seu casaco escuro coberto de um suor espumoso. Jonis desmontou quase imediatamente e os dois dirigiram-se à casa de provisão onde podiam se aliviar da carga em sua sela.

Susana os seguiu, mantendo distância para não interferir com seu trabalho, mas deveria saber que não conseguiria se esconder dele. Olhando por cima de seu ombro, ele lançou-lhe um sorriso afetuoso e fez uma pausa, esperando por ela para se recuperar.

"O que você está ainda fazendo na aldeia?" Inclinando-se, juntou-a em seu abraço quando ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço e beijou sua bochecha. Agradeceu aos deuses por ele finalmente está em casa. "Eu vou lhe fazer uma bagunça. Estou encharcado."

"Eu sou resistente. Montei em um piloto, lembra?" ela arreliou, roçando seu rosto contra o peito peludo. Ele estava certo, entretanto. A umidade de seu casaco inteiro atravessou sua camisa.

Ela andou na frente dele quando acertou o passo ao lado dele e Jonis.



"Foi uma viagem terrível", disse o piloto. "Parecia que as Spikes mal chegavam ao fim. Nós deveríamos ter esperado mais uma semana pelo menos."

"Foi tão ruim assim?" Ela olhou nos olhos de Moor, injetados pelo voo e queria saber se parecia preocupada o quanto se sentia.

"Nós já tínhamos percorrido o pior. Por outro lado, certamente voamos melhor".

"Isso é um eufemismo", disse Jonis. "Susana, você quer inspecionar o Rock Blood agora ou no período da manhã?"

Como curandeira primária da aldeia, era dever dela fiscalizar cada fonte de Rock Blood, a qualidade para garantir que faria o seu trabalho e curar a peste.

"Na parte da manhã porque ainda quero obter algumas horas de sono, se puder."

"Vou dizer aos outros", Jonis disse enquanto tomava um saco de fora da casa.

Quando Susana ajudou a descarregar, outros que partiram para o recolhimento começaram a chegar todos olhando para frente a poucas horas de sono antes de começar o dia.

Ela esperou enquanto arreios e sela eram devolvidos à estrebaria e depois andou ao lado dele ao longo do perímetro. Passou a mão em suas costas e lançou-lhe um olhar malicioso através de seus cílios. "Vou massageá-lo antes de irmos para a cama."

"Pela expressão em seu rosto, vou dormir imediatamente."

"Claro, está muito cansado?"

Ele parou, puxando-a em seu férreo abraço e lambendo os lábios com um beijo delicado que a fazia rir. "Pareço cansado?"

"Não é o suficiente para perder...", inclinou-se e sussurrou no ouvido dele, "Ter suas bolas e seu pênis sugados e lambidos".

Bastou mencionar tais coisas que enviou uma pontada de desejo por todo o corpo, se concentrando principalmente em seu clitóris e sua vagina.

Ele respirou afiado, o riso estrondoso em seu peito. "Continue a falar assim e nunca vou me relaxar."

"Só mantenha a caminhada". Ela sorriu, deslizando seus braços e levando a mão quando eles deixaram o caminho correndo e caminhando para casa.



Menos de uma hora mais tarde, após o banho no lago, Moor estava atrás de sua casa de campo e deslocando para fora do casaco, deixando apenas a sua metade eqüina elegante para Susana.

Enquanto ela escovava, ele esfregava a pomada em seu torso e quando ela terminou, passou os dedos no pote de pomada e espalmou as mãos sobre o tórax, alisando os músculos rígidos debaixo do tapete de pêlo e pele morna. Deuses, ele se sentia tão bem. Duro, liso e emanava tanta energia e sensualidade.

"Eu quero tanto você, Moor".

Embrulhando um braço firmemente ao redor da cintura dela, inclinou-se e beijou-a. Susana ficou na ponta dos pés e deslizou os braços em volta do pescoço, agarrando-se firmemente, enquanto seus lábios quentes moviam-se sensualmente contra os dela. A língua deslizou em sua boca e encontrou com a dela.

Ele sabia muito bem como beijar, como usar sua língua para provocar e carinho de uma forma que fez seu pulso acelerar-se. Susana queria devorá-lo, queria dar-lhe prazer até ele implorar por misericórdia.

Relutantemente, ele quebrou o beijo e segurou-a no comprimento dos braços, os olhos castanhos olhando profundamente nos dela e quando falou, sua voz era suave, quase um sussurro. "Vá para a cama. Vou para lá assim que me mudar para humano".

Susana sentiu seu estômago se apertar com antecipação antes de caminhar em direção a casa. Olhando por cima do ombro, encontrou o olhar dele, sua cauda varrendo seu elegante traseiro de veludo marrom. O largo tórax expandiu quando ele respirou fundo e umedeceu os lábios com a ponta de sua língua. Susana quase tremeu com o pensamento daquela língua em suas coxas, ou ainda melhor, em seu clitóris.

Virando, ela praticamente correu para a casa, arrancou suas roupas e deslizou para a cama. Momentos mais tarde, ele entrou, sua alta silhueta brilhando pelo luar através da porta aberta. Fechou a porta e acendeu duas velas na coluna sobre o manto.

A luz escura cintilou ao longo do quarto e dançou através de sua forma desnuda quando ele aproximou-se da cama. Sob sua carne bronzeada, os músculos se dobravam e sua



beleza simétrica foi suficiente para levantar-lhe a temperatura e inundar sua vagina com puro desejo.

Abriu seus braços para ele com um sorriso arrastando seus lábios e ele deslizou na cama com seu corpo cobrindo o dela e seus lábios enterrados em seu pescoço.

"Deuses, eu amo você tanto, Susana." Ele ergueu a cabeça e olhou em seus olhos.

"Não posso acreditar em todos esses anos que desperdiçamos."

"Não pense dessa maneira." Ele beijou sua sobrancelha. "Imagine o tempo que temos agora."

Deslizando os braços em volta de seu pescoço, ela puxou-se para cima, achatando os seios contra o peito peludo e quente. Seu calor a envolvia e era reconfortante e estimulante.

Com uma de suas pernas, os enlaçou amando a sensação de sentir outras partes dele e com o pênis pressionado contra seu clitóris moveu os quadris, amando a sensação da haste quente e do cetim de pele. Deuses, ela o queria profundamente dentro dela.

Oh e como estava pronta para ele.

"Por favor, Moor", estava ofegante e incapaz de se controlar e seus braços deslizaram, agarrando as costas largas. Os músculos ondulavam sob suas mãos quando ele mudou de posição.

A ponta do pênis sondou sua vagina e lentamente ele empurrou dentro dela, um gemido baixo de desejo estrondando no peito. Susana gemia com os olhos fechados e seu corpo enrolado em torno dele até que ele parou enterrado até ao fim dentro dela. Em vez de se mover, permaneceu imóvel, mantendo-a presa em seu abraço.

Ela pressionou sua bochecha contra a dele antes de lamber sua orelha e sussurrar:

"Diga-me o que sente dentro de mim."

"Macio", ele respondeu após um momento. Descansando a cabeça sobre o travesseiro, ela o olhou nos olhos e ele continuou. "Quente, como um lugar perfeito onde tudo é puro, a sensação é magnífica e nada poderia arruiná-lo."

Ela não achou que era possível sentir-se mais excitada do que estava, mas de alguma forma, ele fez isso acontecer. "É a coisa mais bela que alguém já me disse."



Tocar seus lábios na boca dela e bochecha tornou-se um processo lento e compassado. Retirou-se quase inteiramente dela para em seguida, enchê-la novamente em um movimento que inflamou o seu desejo. O desejo de fechar os olhos era quase irresistível, mas não queria perder o carinho e o desejo ardente em sua expressão.

"Amo seus olhos", ela murmurou pegando ar. Suas costas se arquearam e seus quadris se levantaram para ele e tomou-lhe o rosto nas mãos acariciando o queixo com barba por fazer, explorando-o. "Eles são da cor de mel. Tão grandes e bonitos... Oh. Oh, Deus."

As estocadas aumentaram e ela não podia mais manter os olhos abertos. Fechando-os bem, se agarrou a ele, apreciando cada centímetro do membro quente e duro enquanto se dirigia para dentro e fora de sua vagina. Seus braços e pernas estavam presos ao redor dele e o peito se moveu com um rugido de riso e um gemido de puro prazer.

"Abrace-me mais forte."

Ela fez como ele pediu, agarrando-se com toda sua força e um orgasmo profundo se construiu dentro dela, apertando e pulsando.

"Oh, Moor. Não pare, não pare." Agarrou-lhe o pescoço em um aperto de morte, enquanto as pernas se travaram em torno dele, seus saltos afundando em suas coxas.

Ela explodiu, sua visão ficou escura e seu pulso bateu nos ouvidos com ondas de puro prazer que caíram sobre seu corpo. Estava ofegante, à beira de um profundo e perfeito sono.

Gemia baixinho, em protesto quando o pênis escorregou para fora dela e ele a encontrou em seus braços, enrolando-se ao seu lado e acariciando seus cabelos.

"E você?", Ela murmurou ainda incapaz de abrir os olhos. O pênis duro pressionava contra suas costas, a prova de seu desejo insatisfeito.

"Em outra hora".

"Não é justo."

"Está tudo certo." Ele beijou o topo de sua cabeça. "Está cansada. Foi um dia longo, muito longo para você."

"Mas prometi dar-lhe alguma coisa..."

"Não se preocupe querida". Vou lembrar-me de reivindicá-lo. "



"Mas..." Susana murmurou incapaz de terminar seu pensamento quando a bruma suave prateada do sono roubou sua consciência.



Capítulo Dez

Capturado

Um Ano Mais tarde

Os cascos de Moor dançaram ansiosamente acima das pedras enquanto ele caminhava do lado de fora da cabana de Inez e Terra.

Sonhava em ter um bebê com Susana e normalmente empregava um pequeno pensamento nisso, mas no final da temporada passada de colheita, se tornou muito real.

Olhando ansiosamente para a cabana, considerou os eventos do último ano. Depois da corrida Chama do Rei Montague, eles retornaram a e entre as colheitas, expandiu sua cabana com inclusive um herbário para Susana. Ela tinha prazer em cultivar e guardar suas ervas em casa em vez de viajar diariamente para a casa grande na praça da aldeia. O espaço também permitiu que ela tratasse pacientes em casa, algo que apreciava agora que esperava passar mais tempo como uma esposa e mãe.

Com Maria na aldeia, a carga de trabalho de Susana diminuiu e ele era grato por isto. Embora admirasse suas habilidades, houve momentos em que não se sentiu exatamente invejoso, mas desejoso que ela pertencesse a ele somente. Naturalmente, teve o mesmo sentimento dela durante o tempo em que foi forçado a cobrir várias colheitas em um dia. Depois de tantos voos, muitas vezes ele não queria mais nada do que subir na cama, enrolar os braços em torno dela e dormir. Ela nunca reclamou, porém, estava sempre disposta a dar-lhe carícias e massagens. Ele sabia a sorte em tê-la, não podia ter sido mais feliz no casamento e gostava de pensar que ela sentia o mesmo.

Quando a estação da colheita chegou ao fim aquele ano, Terra foi chamado para preencher o lugar de um portador ferido em uma das aldeias tropicais e menos de duas semanas mais tarde, ele e Inez retornaram com duas notícias importantes. Kraig estava finalmente morto. Parecia que o ladrão maligno tinha por acaso aterrissado na mesma aldeia



onde Terra e Inez estavam trabalhando e novamente, quase matou Inez, mas desta vez não escapou da ira de Terra.

O negro portador salvou sua esposa e destruiu seu inimigo, o que Inez descreveu como uma incrível batalha no ar. Moor não tinha dúvida por um segundo do perigo e magnificência de tal briga. Os centauros raramente atacam um ao outro no ar, mas quando o fazem, quase sempre resulta na morte de um ou ambos os oponentes.

A segunda notícia importante, até mais excitante que a primeira. Inez estava grávida!

Rapidamente os meses passaram.

Ele mal podia acreditar que agora aguardava Susana que estava ocupada dentro da cabana fazendo parto de Inez.

A porta se abriu e saiu Terra, olhando estranhamente em desalinho.

"Como ela está?" Moor perguntou.

"Susana disse que ela está indo muito bem, mas parece o inferno para mim." Terra parecia preocupado. "Deuses, odiaria ser uma mulher."

Seu estômago se apertou quando seguiu Terra para fora da cabana onde o alto cavaleiro de cabelos negros foi atrás de um arbusto para aliviar-se. Ele rezou silenciosamente pela segurança de Inez e o bebê.

"Exceto para falar com Susana, tenho estado fora daquela cabana desde ontem à noite quando seu confinamento começou." Terra vestiu sua calça comprida e correu de volta pra casa.

"Quanto tempo acha que vai demorar?"

"Inferno, como eu deveria saber? Pareço com uma parteira? Susana disse provavelmente dentro de uma hora. Eu tenho voado em algumas missões horríveis em meu tempo, mas nunca estive tão ansioso sobre qualquer outra coisa em minha vida."

Moor ligeiramente sorriu. "O que podia ser mais importante que o nascimento de sua criança?"

"Nada. Eu...—" Terra pausou quando Inez gritou para ele. Sem outra palavra, ele correu para a cabana, deixando Moor em seu encalço.



Do lado de dentro, Inez clamou nitidamente e berrou, “Maldição! Oh, se você tentar dormir comigo novamente, Terra, juro para os Deuses que vou castrar você.”

Moor fez careta. O som não saiu muito promissor, entretanto de acordo com Susana era a dor falando. Ele perguntou-se se ouviria a mesma ameaça dela algum dia.

O grito estridente de uma criança ecoou pela janela aberta da cabana. Moor rapidamente trocou para sua forma humana e vestiu uma calça comprida trazida com ele. Resistiu ao desejo de gritar para dentro e descobrir se Inez estava bem, pois pareceu demorar muito antes que Susana abrisse a porta. Ele tomou seu sorriso como um bom sinal.

Ela estendeu sua mão para ele. “Entre.”

“Eles estão bem?”

“Muito bem,” Inez disse quando ele entrou e sentou-se na cama, feita recentemente, com o cabelo amarrado e um sorriso em seus lábios. O bebê se contorcia em seus braços. Terra se sentou em uma cadeira ao lado dela, incapaz de manter seus olhos afastados de sua esposa e filho.

“É um menino,” Inez disse. “Nós o chamaremos de Canyon.”

“Um bom nome. Soa forte e livre, como um cavaleiro devia ser. Parabéns.” Moor se aproximou, olhando no surpreendentemente rosto rechonchudo. “Ele é grande.”

“E está dizendo isso a mim?” Inez levantou seus olhos para céu então olhou para seu filho. “

“Não se parece com Terra?”

Susana deslizou seu braço para Moor quando eles olharam para o recém-chegado.

“Sim,” Susana disse. “Pela boca.”

“Oh sim, eu vejo isto,” Moor disse. “Mas ele tem os olhos de Inez.”

“Você gostaria de segurá-lo?” Inez ofereceu-lhe o bebê.

Ele se sentiu um pouco desajeitado a princípio, mas levou só um minuto para acostumar com o morno e pequeno pacote. De repente armou uma sobrancelha e disse: “Eu sou um avô.”

“Sim, acho que você é.” Inez riu.



“É um tipo de pensamento assustador, velho?” Susana arreliou.

Ele piscou. “Vou mostrar-lhe o quanto sou velho hoje à noite.”

“Ótimo. Talvez em alguns meses nós tenhamos um nosso também.”

Moor sorriu. O pensamento era bastante atraente. Ele retornou a criança para Inez e beijou sua fronte. “Descanse um pouco.”

“Eu irei.”

“Parabéns novamente, Terra.” Ele apertou a mão do portador. “Quando Canyon for velho o suficiente para mudar de forma, terá uma vantagem como um grande portador, com seu sangue nas veias.”

“Depois que Inez se levantar, teremos que nos reunir para a ceia,” Terra disse a eles enquanto caminhava até a porta. “Obrigado por tudo, Susana.”

“Foi um prazer. Você lembra como preparar o chá de ervas que dei no caso de Inez precisar para dor?”

“Sim, lembro. Vou cuidar bem dela e de Canyon.”

Enquanto caminhavam de mãos dadas para a aldeia, ele perguntou “Você realmente quer filhos?”

“Sim. E você?”

“Muito e só espero que possamos. Você sabe como é difícil para os centauros procriarem.”

“Bom...” Sorriu para ele, “Podemos praticar várias vezes.”

“Muitas vezes.” Ele a levantou em seus braços e a beijou.



Vários meses depois começou a temporada de colheita e Terra novamente tinha sido chamado à região dos trópicos. Inez decidiu acompanhá-lo com Canyon, já que ele poderia ficar várias semanas. Sem o portador, a carga de trabalho de Moor aumentou.

No entanto, ela nunca reclamou e ele sabia que Susana sentia falta dele tanto quanto sentia dela. Entre seu trabalho e o dela, eles raramente viam um ao outro e quando Terra



retornasse, as coisas voltariam ao normal pelo menos até o fim da estação. Então ele seria inundado com voos extras para acumular tanto Rock Blood quanto possível para durar pelo inverno.

Apenas um pouco mais e teremos tempo para ficar juntos. Era uma tarde rara quando ele não tinha colheitas agendadas e esperava que ela pudesse poupar pelo menos algumas horas aquele dia, mas estava ocupada cuidando de dois homens que tinham sido envolvidos em um acidente numa madeireira.

Depois de trabalhar em torno da cabana, ele decidiu por um pequeno voo de prazer e foi visitar seu irmão. Retornaria a tempo o suficiente para cozinhar a ceia para Susana e talvez dar-lhe uma massagem. Sorrindo ao pensar, galopou através do campo atrás da cabana.

O dia estava morno e uma brisa agradável o abanou quando espalhou suas asas e subiu. Voar por lazer lhe pareceu maravilhoso, subia rapidamente, relaxado sem a pressão de lutar contra o tempo das Spikeland congelado e carregando o peso da sela e dos pacotes cheios. Com Susana em suas costas teria feito o vôo perfeito, imaginava suas pernas lisas contra seus lados e seus peitos suaves apertados contra seu corpo. A umidade de sua vagina escorria em suas costas, mexendo com seu pênis e aumentando sua pulsação quando voava cinquenta milhas em velocidade superior.

"Deuses," ele respirou, agitando sua cabeça. "É melhor pensar em qualquer outra coisa." Uma ereção do tamanho de um tronco de fogueira de acampamento tornava o vôo bastante difícil e certamente não poderia aparecer na casa de seu irmão em tal condição.

Empurrando-se a uma maior velocidade forçou-se a se concentrar somente em seu voo. Alcançou a fazenda de seu irmão ensopado de suor e completamente revigorado pela corrida de curta distância.

Pete e Silas acenaram para ele de onde estavam lavrando o campo.

"Moor, bom ver você. Como está sua esposa e o neto de vocês?" Pete sorriu quando ele trotou em direção a ele. "Susana está ocupada, mas maravilhosa. Não vou ver Canyon por um tempo, no entanto. Ele está no sul com seus pais."

"Como estão as colheitas, tio?" Silas perguntou.



"Indo bem." Moor arrepiou o cabelo de Silas e seu olhar varreu o campo. "Parece que vocês tiveram um bom dia de trabalho."

"Estamos quase prontos para o jantar," Pete disse. "Queira juntar-se a nós?"

"Obrigado, mas estou indo para casa. Susana estará esperando por mim."

"Ouvimos dizer que esteve muito ocupado com as colheitas." Pete o olhou por cima da cabeça à cauda. "Deve ser verdade. Está ficando forte novamente. "

Moor encolheu os ombros. "Eu deixo cair algumas libras a cada ano por essa época. Muitos vôos, mas você conhece o velho ditado do portador, desafio serve para a alma."

"Oi." Lina saiu da casa e cruzou o campo. "A ceia está quase pronta. Você vai ficar?"

"Não, obrigado. Só desci para dizer oi."

"Como esta Susa..." A frase de Lina foi sumindo enquanto ela e os outros olhavam para o céu.

O som do bater de asas combinado com ferozes mensagens chamou a sua atenção a um grupo de seis cavaleiros, os pilotos em suas costas, subindo rapidamente. Cavaleiros e humanos usavam couro e correntes. Espadas, arcos e flechas descansavam em suas mãos.

O estômago dele se apertou e seu velho instinto de lutador reassumiu o comando.

"Que diabo é isto?" Pete rosnou, olhando tão preocupado quanto ele. "Silas, volte para casa com sua mãe."

"Silas. Venha aqui," Lina gritou com pânico em sua voz quando correu para seu filho que se desatrelava do arado. Antes que o menino pudesse obedecer a seus pais, os cavaleiros desembarcaram em torno deles.

"O que vocês querem?" Pete exigiu também se desatrelando do arado.

"Silas," Lina gritou novamente e um dos Cavaleiros agarrou sua cintura e a arrastou para seu tórax.

"Tire suas mãos dela," Pete rugiu, enfrentando-os. Dois dos outros giraram e chutaram suas pernas traseiras, acertando também as costelas do equino de ambos os lados.



“Papai.” Silas arremessou para Pete que cambaleou para sua esposa.

Outro cavaleiro bateu com a correia no rosto de Silas. Apesar de sua mocidade, Silas era poderoso e o físico de cavaleiro o servia bem. O menino retornou o soco, quase batendo o cavaleiro mais velho para seus joelhos. Lina gritou, forçando seus cotovelos no peito de seu capturador.

Os outros abordaram Moor com suas espadas levantadas e para surpresa de seu atacante, ele evitou seu sopro e o desarmou em segundos, cortando-o no peito. O sangue pulverizou a grama e o cheiro de raiva e medo era espesso no ar. Se aqueles bastardos pensaram que seria fácil levar vantagem, eram mais estúpidos que pareciam. Dois outros atacaram e sua espada colidiu quando um terceiro pulou por trás dele, que chutou para trás, batendo o cavaleiro sobre seu traseiro e enviando-o para o chão.

Ele reconheceu que eram comerciantes de escravo, como aqueles que atacaram o irmão de Jonis no ano passado. As vis criaturas que se voltaram contra sua própria espécie, capturavam cavaleiros e seres humanos para vender ou transportar para as minas nas temidas Montanhas de Vertue. Centauros eram particularmente cobiçados, especialmente jovens como Silas que podiam moldar em escravos descuidados, cavando e se arrastando em cavernas úmidas até que morressem de doença e excesso de trabalho.

Mal sabiam eles que iria precisar mais que seis deles para capturar um portador como Moor, que era acostumado a lutar com Lagartos de Gelo nas Spikelands.

Dentro de segundos, ele desarmou dois dos cavaleiros, matando um e ferindo o outro. Seu pulso corria com ira da batalha e seu poderoso corpo respondeu com rajadas de energia que podiam facilmente superar seus atacantes. Pete livrou Lina do capturador dela, mas foi atingido pela terceira vez e sangrava a seu lado. Lina tinha sido batida inconsciente em seu caminho para Silas que tropeçou fraco, com um dardo saliente em seu ombro. O olhar do menino nebuloso, apavorado movia-se em direção a Moor.

Quase cego pela fúria, as patas de Moor atingiram o cavaleiro se aproximando por trás dele e apenas um ficou a pouca distância. Quando carregou em direção a ele, o cavaleiro o golpeou com um tubo que foi direto para seus lábios e uma dor afiada rasgou seu peito.



Olhando para baixo, arrastou o dardo saliente de sua carne.

A visão enegreceu quando a força deixou suas pernas e ele desmoronou no campo.



Susana saltou da cadeira e saiu correndo pela porta da frente da casa. Seu coração martelou quando olhou para o céu, esperando que o bater de asas que ouviu pertencesse a seu marido. Decepção apertou seu coração quando reconheceu um dos portadores voando em direção à praça da aldeia.

Onde ele estava? Não estava na cabana quando ela voltou para casa mais cedo esta noite. Ele prometeu cozinhar o jantar e planejaram um voo romântico antes de fazer amor. Já tinha se passado muito tempo e a cada momento que passava, sua preocupação crescia. Não que ele não fosse manter sua promessa ou desaparecer sem uma palavra.

Superando a preocupação, sufocou o que restava do fogo e foi para a praça da aldeia. Talvez os outros portadores ajudassem a procurá-lo.

E se ele tivesse feito um vôo de prazer e estava machucado em algum lugar? Deuses, por que ela esperou tanto tempo antes de procurar? Desejou que Terra e Inez estivessem ainda em Hornview.

Susana correu a distância toda para a aldeia e chegou arquejando e mais preocupada do que nunca. Dois portadores estavam conversando na frente da estrebaria e depressa, disse a eles seu problema e perguntou se um deles lhe daria uma carona.

"Claro," disse Bailey, um homem jovem com sua metade besta acinzentada. "Entretanto, não se preocupe, tenho certeza que está tudo bem, você sabe que nós cavaleiros estamos sempre voando mais que precisamos."

"Não Moor", disse Susana. "Ele nunca fez nada como isso antes."

"Se você quiser, posso procurar por ele também," disse o outro, um robusto e mais velho do mesmo tipo, com um pelo mais claro.

"Muito obrigada," Susana disse a ele.



“Você vai para o sul, Mac,” Bailey disse a seu companheiro. “Susana e eu iremos para o norte.”

“Ótimo,” Susana disse enquanto o seguia para dentro da casa de onde ele vestiu sua sela e equipamento. “Dessa maneira podemos parar no irmão dele, será algum problema? Ele poderia ter visitado lá.”

“Não é um problema.” Ele permaneceu parado quando Susana o montou. Fora, galopou para a arena e correndo decolou.

Era a primeira vez que Susana voava com outra pessoa. Entretanto Bailey viajava suavemente, era quase tão maravilhoso quanto voar com seu marido. Como ela desejou que Moor estivesse com ela agora.

No meio do caminho para a fazenda de Pete, notaram um cavalo verdadeiro e seu cavaleiro galopando em vertiginosa velocidade na estrada para a vila.

“Parece um mensageiro,” Bailey disse. “Pergunto-me qual a pressa.”

“Pare e pergunte a ele.” O medo apertou o coração dela. Um sentimento doente adaptou-se em seu intestino.

De alguma forma sabia que a mensagem era para ela.

“Ei,” Ele gritou para o piloto à medida que aterrissava, galopando ao lado dele.

“Emergência,” o cavaleiro berrou.

Bailey correu na frente e bloqueou a estrada.

O cavaleiro parou com os olhos brilhantes e com sua montaria e pé, seu corpo estava suado.

“Tenho uma mensagem urgente para uma curandeira chamada Susana.”

“Eu sou Susana. É de meu marido?”

“Sinto muito, senhora. É de sua cunhada. Seu marido foi raptado por traficantes de escravos.”

Por um momento ela ficou muito atordoada para falar.

“Onde está a cunhada dela agora?” Bailey perguntou.



“Square Gullville. Eles tiveram que levar o marido dela lá numa carroça para ver o curandeiro.”

“Uma carroça.” As sobranceiras de Susana se enrugaram.

“Os flancos dele estão quebrados e os traficantes tomaram o menino também.”

“Deuses,” Susana murmurou.

“Vou levá-la para Gullville,” Bailey disse a ela.

“Estou contente por que me choquei com você,” o mensageiro disse. “Caso contrário a corrida para a vila poderia matar meu cavalo.”

“Deixe-o se acalmar,” Ele falou por cima de seu ombro quando galopou para partida.

Em menos de meia hora, eles chegaram à aldeia e como Pete estava inconsciente por causa das ervas que lhe foram dadas, Lina os informou sobre o ataque à fazenda.

“Espero que eles não matem Silas.” Ela enxugou as lágrimas de seu rosto machucado e cortado. O bando tinha batido nela e quebraram sua perna enquanto estava ainda inconsciente. Quando ela acordou, Pete estava quase morto pelos seus ferimentos e Silas e Moor tinham ido embora.

“Não. Um grande menino assim eles vão mantê-lo vivo. Ele será um bom trabalhador,” Bailey disse. “Tenho certeza que o mesmo acontece com Moor porque eles querem o trabalho que podem obter deles.”

“Você tem certeza que eram traficantes de escravos?” Susana perguntou.

Lina agitou sua cabeça. “Não tenho muita certeza, mas não se sabe de outros que usam dardos envenenados.”

“Nós temos que ir para a Câmara dos Guerreiros Lutadores,” Susana disse.

“Vamos sair agora mesmo,” Bailey disse a ela.

“Preciso enviar uma mensagem para Maria em primeiro lugar e deixá-la saber onde estamos e também enviar uma para Terra e Inez.”

“Boa idéia”.

Susana abraçou Lina antes de partir. Embora tremesse por dentro, ela conseguiu que sua voz saísse tranqüila enquanto falava, “Nós vamos encontrá-los.”



“Se não tiver meu filho de volta, não sei o que vou fazer. Quando Pete acordou, ele quis procurar e se o curandeiro não tivesse dado a ele aquela poção, ele...”

“Considerando os machucados nas costas que ele tem,” Susana disse a ela. “Somente tenha certeza que ele descanse.”

Quando deixaram a vila para a rota da Câmara, ela orou silenciosamente para Silas e Moor estarem em segurança. *Eu vou encontrá-lo, meu amor e não vou parar até que você esteja em casa novamente.*



Moor despertou gemendo, seu corpo inteiro doía em lugares e ardia em outros.

“Deuses,” murmurou, empurrando-se de joelhos para se levantar, piscando os olhos turvos, olhou em torno da caverna escura. Teto e paredes eram feitos de pedras escarpadas e o chão só ligeiramente melhor. O lugar inteiro emitia cheiro forte de chão úmido e suor velho. Vários centauros estavam por perto, olhando fixamente para ele, enquanto outros estavam deitados ao seu lado, aparentemente exaustos. Todos pareciam à beira da inanição. Seus torsos humanos e metades eqüinas eram cheias de contusões, inchaços e cicatrizes velhas. Correntes se penduravam de suas asas e pulsos.

Notando as correntes nos outros, ele percebeu suas próprias asas bastante pesadas e tentou levantá-las, só para garantir que estavam ainda trabalhando, quando uma dor rasgou seus testículos e cambaleou.

“Que diabo...” Olhou por cima de seu ombro e horrorizado, viu que havia sido perfurado com anéis de metal afiados anexados a uma pequena corrente. Qualquer tentativa para espalhar suas asas resultaria em testículos rasgados.

“Bem-vindo às Montanhas de Vertue,” disse uma voz profunda.

Ele girou seu olhar varrendo um dos maiores cavaleiros que já tinha visto. Ele tinha tudo para ser Highlander puro. Seu corpo inteiro, ambos o humano e eqüino, era feito de sólido músculo. Ainda assim, era muito magro para um cavaleiro de seu tamanho. Seu pêlo era



castanho escuro em baixo de camadas de sujeira e tecido de cicatriz. Se não fosse pelo tapete de sujeira, seria de um puro branco.

Moor adivinhou, olhando para o rosto do cavaleiro, que ele era muito mais jovem do que seu físico impressionante levava a crer, não mais que vinte e cinco ou algo assim.

"As Montanhas de Vertue?" Ele disse. "Aqueles onde há escravos nas minas?"

"Essas onde você está," disse outro, mal-encarado, mais velho e com um pêlo cinza cheio de cicatrizes. "Por enquanto a última."

A caverna ficou em silêncio quando três homens entraram vestindo armaduras, ladeados por dois centauros altos que rosnavam também com armaduras e espadas.

"Tudo bem. Todo mundo começa a trabalhar", gritou um dos seres humanos.

Os escravos se alinharam, com exceção de um que parecia ter dificuldade em ficar de pé. Moor podia ver o porquê, uma de suas patas estava inchada, talvez torcida.

"Mova-se pedaço de merda", Outro agarrado traficante estava batendo nos feridos com um chicote, Moor cerrou os dentes e deu um passo adiante. Uma mão caiu sobre o seu braço e ele virou-se, olhando nos olhos de um escravo magro e de cabelos vermelhos, que balançou a cabeça.

O cavaleiro ferido entrou em linha e as batidas pararam quando os outros escravos caminharam em fila única para sair da caverna.

Como diabos isto tinha acontecido? Ele fechou seus olhos momentaneamente, imaginando Susana.

Ela deve estar tão preocupada. E Silas. O que aconteceu com ele?

"Onde está o menino que foi seqüestrado comigo?" Ele exigiu de um dos cavaleiros com espada que caminhava ao lado dos escravos.

"Não fale a menos que seja solicitado." O cavaleiro agarrou a alça das correntes presas aos testículos e puxou. Os anéis de metais cortaram a carne sensível e uma agonia se atirou por ele que rangeu seus dentes para não gritar.

"Eu quero saber onde..."



O alvo de uma espada o atingiu duro através dos flancos. "Feche sua boca, seu cavalo de merda."

O corredor abria-se para uma caverna grande onde os escravos, ambos humanos e centauros, balançavam pesados cinzeiros nas paredes de pedra. Ao verem reforços, eles soltaram suas ferramentas e tropeçaram para fora da caverna enquanto os trabalhadores novatos as apanhavam.

"O menino que veio com você foi trazido para baixo," sussurrou o cavaleiro mais velho de pêlo cinza quando passou por ele. "Ele não foi machucado, agora pegue uma picareta e comece a trabalhar antes que seja morto."

"Aquele menino é meu sobrinho e preciso encontrá-lo. Eu..."

"Você"! Um dos traficantes de escravos o bateu no flanco com seu chicote. "Venha comigo. Precisamos de um mensageiro de substituição."

Moor o seguiu, na esperança de um vislumbre de Silas ao longo do caminho. Odiava pensar em seu sobrinho sozinho naquele buraco e orou para que Pete e Lina ainda estivessem vivos e capazes de atingir as autoridades da aldeia. Pelo menos, teriam uma chance de ser resgatados. De uma forma ou outra, iria encontrar um caminho para libertar seu sobrinho e ele próprio.

Susana, amo você e sinto tanto a sua falta! Acharei um modo de voltar para você. Não consigo imaginar o contrário.



"Não acredito nisto, Linn," Susana rugiu quando marchou para fora da Câmara. Sendo um domínio exclusivamente de cavaleiros, os habitantes andavam nus pelas salas e nos campos de treinamento. Roupas tinham sido aprovadas por respeito a sensibilidades humanas como também para fornecerem calor enquanto estivessem na forma humana durante os meses do inverno.

Normalmente a visão de tantos guerreiros desnudos a teria impressionado, mas ela estava extremamente preocupada e profundamente furiosa com os Portadores de Combate.



Depois dela e Linn pleitearam com seu General Sota para enviar um grupo de resgate para o salvamento de Moor e Silas, tinham ficado desapontados. Já que Moor deixou de lutar e também como não existia prova que realmente haviam sido seqüestrados, uma tropa não seria colocada para procurá-los. Se o paradeiro deles fosse oficialmente determinado e traficantes de escravos estivessem envolvidos, então Sota mandaria guerreiros.

Linn voluntariamente se ofereceu para localizá-los, mas Sota estava inflexível que ele permanecesse na Câmara até que um instrutor de substituição fosse achado.

“É por causa da marca em seu registro quando ele deixou os Portadores de Combate,” Ele disse.

“Odeio o general de vocês,” Susana estalou. “Sei que assim que Inez e Terra recebam a mensagem, eles irão me ajudar a encontrá-lo.”

“Eu vou ajudar você,” Ele disse. “Tenho certeza que posso encontrar um substituto pela manhã.”

“Manhã? Toda hora pode significar a vida deles.”

“Susana, não sabemos onde eles estão.”

“As Montanhas de Vertue, onde mais poderiam ter um jovem highlander e um cavaleiro do físico de Moor?”

“Você provavelmente tem razão, mas...”

“Obrigada por sua ajuda. Entendo que tenha seu dever a cumprir.”

Susana girou e continuou fora do corredor, a raiva fervendo dentro dela. Deuses, ela nunca tinha estado tão louca em sua vida.

“Susana, não faça nada até amanhã,” Ele gritou. “Susana!”

Ela o ignorou quando encontrou Bailey, que a aguardava do lado de fora. O transportador parecia tão zangado quanto ela com a decisão do general Sota. Ele ofereceu-se para levá-la até a Planície de Diamonds, cem milhas das Montanhas de Vertue, mas não poderia ir mais longe devido sua esposa e filhos.

“Eu entendo,” Susana disse a ele. “E obrigada.”

“Seria melhor se você esperar por Terra e Inez, ou Linn,” Bailey sugeriu.



“Pode levar dias para minha mensagem alcançar Terra e Inez. Vou enviar-lhes outra dizendo para me alcançarem assim que puderem.”

“Você correrá um grande risco indo atrás deles. Como é que pensa em ajudá-los sem ser tomada como escrava?”

“Não tenho certeza ainda, mas vou pensar em alguma coisa. Tenho que achar Moor e Silas.”

“E se não estiverem nas montanhas? Eles podiam estar em qualquer lugar, Susana. Talvez até...”

“Não diga isto. Ele não está morto.”

Assim como sentia a presença viva de seu amor em seus sonhos, saberia se ele estivesse morto.



Moor tentava manter seu passo no caminho pedregoso, fazendo seu melhor para ignorar o bofetão constante do chicote contra seus flancos. O traficante em suas costas era um cavaleiro abominável. Em primeiro lugar, Moor o tinha derrubado várias vezes na fila, mas sempre que o cavaleiro aterrissava no chão, ele tinha sido espancado por dois dos outros. Teria lutado se não tivesse outro lhe puxando através de um gancho, um pólo de metal para puxar a corrente que prendia seus testículos.

Finalmente, ele permitiu ao cavaleiro permanecer em suas costas. Com a raiva latente em suas entranhas, andou quilômetros e quilômetros de íngremes e sinuosos túneis que atravessavam a enorme mina. Seu dever era levar mensagens ou transportar cargas mais leves de pedras preciosas para a entrada da mina. O trabalho em si não seria tão mal se estivesse calçado, mas as pedras afiadas nas trilhas rasgavam seus cascos, especialmente quando o piloto pedia velocidade. Notou outros cavaleiros, mensageiros como ele, tropeçando junto nos cascos quebrados, alguns desgastados ao cerne e pingando sangue. Deuses, como ele odiava aqueles nojentos traficantes. Com todas as viagens que fez como um mensageiro, esperava ver Silas em algum lugar, mas tinha se passado mais de uma semana e não havia sinal de seu sobrinho. O



cavaleiro cinza disse que um menino tinha sido trazido com ele, mas se não fosse Silas? E se ele tinha sido enviado para outro lugar, ou, pior ainda, tivesse sido morto?

De repente, ele prendeu a pata em um buraco.

"Desajeitado bastardo!" seu piloto rosnou.

Seu coração martelou. Um pouco mais e sua perna poderia ter sido quebrada. Já a dor tinha começado a escorrer em suas pernas, embora fosse mais da condição da trilha do que da viagem em si.

"Se você soubesse como montar em vez de ficar só sentado, como um saco de tijolos, seria mais fácil para nós dois", rosnou.

A ponta do chicote bateu em seus ombros humanos e ele grunhiu se contorcendo para estrangular o idiota, mas suas mãos estavam algemadas na frente dele, uma precaução que eles tomavam por causa das brigas que aconteciam.

"Você não está aqui para uma vida fácil. Está aqui para trabalhar."

"Ei". Outro cavaleiro alto e de cabelos escuros, com seu torso coberto de armadura de couro preto, aproximou-se. Moor sabia que ele era um dos líderes. "Como esse cavaleiro trabalha?"

"Além de ter uma boca afiada, ele é forte como dez bois", disse o piloto. "Ele corre estes túneis o dia todo e a maior parte da noite e não acho que fique quebrado ou suado".

Moor rosnou de volta como resposta. Assim que chegava à mina, mal passava uma hora e começava a pingar de calor pelo trabalho pesado. Os modos que ele e os outros estavam amarrados não permitiam o cuidado adequado da sua pele e seu pêlo e sentia-se tão sujo que precisaria de uma serra para raspar a sujeira. Com as correntes presas às suas asas e nos testículos, era incapaz de mudar para sua forma humana, pois não havia maneira de saber onde o gancho de metal iria perfurar em sua carne e podiam causar danos internos graves. As correntes eram os únicos meios que os traficantes tinham de manter o controle dos cavaleiros. Caso contrário, lutariam por suas vidas e voariam para longe.



Qualquer período de tempo gasto naquele lugar, ele sabia que seria destruído, assim como muitos dos cavaleiros em torno dele que ficaram feridos além do conserto. Ele ansiava por estar de volta à sua casa de campo com Susana aconchegada em seus braços. Aqueles doces momentos passados com ela pareciam tão distantes.

"Ele tem mais energia do que todos os nossos melhores mensageiros juntos", disse o piloto.

"Ótimo! Um dos puxadores ficou doente esta manhã e precisamos de uma substituição. Se ele é tão forte como você diz, vai fazer bem, mesmo que não seja tão grande como a maioria dos outros cavaleiros lá embaixo."

Pela primeira vez em sua vida, ele lamentou o sangue escocês de sua herança.

"Maldição!" resmungou o piloto, batendo com o chicote em seu traseiro. "Eu estava acostumando a ele."

"Se a maioria das cargas for retirada esta semana, você pode tê-lo de volta." Enquanto seguia o cavaleiro escravo mais fundo na mina, ele olhou fixamente para cada trabalhador que passava, tentando ver o vislumbre de Silas. Quanto mais se aprofundavam, mais pesado o ar se tornava, espesso com a fumaça das tochas que forneciam a única luz nas cavernas.

O ranger das rodas da carroça, o eco de picaretas e as tosses e gemidos de escravos doentes sobrecarregava os corredores.

O traficante usava o alvo de seu chicote para deslocá-lo em uma grande caverna, onde vários trabalhadores humanos esculpiam nas paredes e três cavaleiros rebocavam carroças enormes de pedra. Moor reconheceu imediatamente o cavaleiro enorme que havia falado com ele após a sua chegada nas minas.

"Puxe até ali." O bajular apontou para um abastecimento de carroça com pedras em um canto da caverna. Moor fez como fora informado, caindo em passo atrás dos outros puxadores à medida que partiram da câmara e dirigiam-se a outra caverna onde as pedras estavam empilhadas. Pelo menos sua algema tinha sido removida antes dele começar a puxar.

Enquanto trabalhava, ele notou que nenhum dos traficantes ficou para trás para supervisionar.



"Não há supervisores aqui", ele comentou. "Parece estranho que..."

"Não pense sequer em não trabalhar ou tentar fugir", disse o cavaleiro que puxava logo atrás dele. "Eles inspecionam cada hora ou assim e se o trabalho não for feito, eles espancam todos nós."

"Seria difícil bater em todos nós se tentássemos lutar para sair daqui."

"Não adianta mesmo pensar sobre isto," o cavaleiro enorme olhou por cima de seu ombro. "Há mais escravos aqui do que você pensa e mesmo que escapem, as montanhas são carregadas com as serpentes das pedras."

Moor ouviu falar das serpentes das pedras. Quase tão grandes quantos Lagartos de Gelo, podiam acabar com a vida de um cavaleiro adulto — até um dos cavaleiros de proporções enormes.

"Acho que devia me arriscar com as serpentes de pedra," Moor disse. "Pelo menos elas matam rápido, não lento como estes malditos traficantes."

O cavaleiro rosnou com seus olhos escuros e ardentes. "Pareço um covarde para você? E para o resto de nós? Confie quando eu disser que não existe como escapar daqui porque tentei e falhei e não sou o único."

"Eu não estou prestes a desistir e cair na linha," Moor disse. "Tenho uma esposa, um..."

"Todos nós tivemos famílias uma vez," estalou um puxador na parte de trás da linha. "É melhor você esquecer todo mundo e tudo de sua velha vida."

Moor não estava certo se estava mais enfurecido ou repugnado. Como podiam estas pessoas somente desistir assim?

"Não crie problemas aqui," disse o cavaleiro atrás de Moor. "Os traficantes são os únicos que ficam violentos quando as regras são quebradas. "Nossas vidas são ruins suficientes sem algum novo herói entrando aqui tornando piores."

"Se você pode brigar comigo, pode lutar com eles," Moor disse.

"Há apenas um de você. Lembre disto."

Ele olhou para o homem.



“Obedeça. Será mais fácil para você,” disse o maior. Estranhamente, sua voz e expressão não seguraram uma sugestão de ameaça, só uma quieta resignação. “Não há como lutar entre si.”

Moor teve que concordar. O grandalhão pareceu o mais acessível, então ele perguntou, “Você viu um menino chamado Silas? Ele é meu sobrinho e nós fomos raptados juntos.”

Ninguém respondeu e ele suspirou, inclinando-se para o equipamento envolto do seu torso de homem e barriga de cavalo. Era realmente muito grande para ele e sabia que depois de tantas horas, sua pele ficaria em carne viva.

Como os outros advertiram, o traficante verificava seu progresso toda hora. Qualquer pessoa, humano ou cavaleiro, que não parecia estar trabalhando no seu potencial, era chicoteada e devolvida para mineração sem água para aliviar sua pele quebrada.

Para Moor, as horas arrastadas eram uma lentidão agonizante. Como havia predito, o equipamento mal-adaptado esfregou sua pele nua em vários lugares e, embora grande para um transportador, ele não tinha a capacidade de um highlander puro. Quando o próximo turno os aliviou pela noite, sentiu-se muito exausto para mover-se, todo músculo em seu corpo queimava.

Seus cascos doíam pelas vias irregulares e sentia a falta de Susana mais que nunca.

“Você se acostuma às cargas.”

Ele olhou para o cavaleiro enorme que andava ao lado dele e notou-lhe o torso fortemente musculoso e equino com feridas abertas por chicotes, apesar de uma formação de tecido de cicatriz não esconder a crueldade visível para Moor.

“Você é forte para seu tamanho,” o homem mais jovem continuou.

Os lábios de Moor torceram em um sorriso torto. Ele certamente não se sentia forte, mas sabia que era bastante um elogio de um cavaleiro tão poderoso. “Não acho que já vi qualquer outro cavaleiro puxar tanto quanto você.”

O jovem ergueu o queixo e enquadrou seus ombros volumosos. “Não há nada que estes escravos podem dar-me que não posso puxar. É uma maneira de eles nunca me baterem.”

“Qual é o seu nome?” Moor perguntou.



O homem endureceu a expressão. “Nós não temos nomes aqui.”

“Eu sou Moor.”

“Eu disse que não temos nomes aqui.”

Eles caminharam lentamente para os quartos de dormir onde vários cavaleiros e humanos já dormiam no chão duro. Enquanto muitos deles estavam cansados o suficiente para se deitarem, outros, como Moor e seu forte companheiro dormiam em pé.

Embora detestasse deitar em sua forma eqüina, ele decidiu que estava exausto o suficiente para fazer exatamente isto.

O grande cavaleiro permaneceu ao lado dele e estava quase adormecido quando o homem jovem sussurrou, “Vi o seu sobrinho.”

“Silas?” Moor estalou acordado.

“Sim. Ele está puxando carga em uma das cavernas superiores. Estive com ele nos primeiros dias, ele teve dificuldade para se ajustar, mas está tudo certo. Eu disse que ele fizesse o que mandassem para ele ficar bem. Ele é um menino forte.”

“Obrigado.”

Tristeza relampejada através do cavaleiro de características pedregosas. “Sei que ele vai. Eu era muito mais jovem que ele quando vim para cá.”

“Quanto tempo você está aqui?”

O cavaleiro encolheu os ombros. “Perdi a conta muito tempo atrás.”

“Por que algum de vocês...”

“Chega de conversa. Temos pouco tempo para descansar.” Ele andou a passos largos para longe, surpreendentemente rápidos para uma criatura de seu tamanho. Se o jovem tivesse uma chance de sair daquelas minas, Moor tinha um pressentimento de que um cavaleiro de tal qualidade podia ir longe.

Infelizmente, a escravidão pareceu ter roubado até a partícula menor de esperança daqueles.

Moor estava muito cansado para pensar mais. Permitindo a imagem de Susana encher sua mente, ele passou a dormir... e foi acordado o que pareceu como momentos mais tarde por



um pontapé duro na parte traseira. Seus olhos se abriram a tempo de rolar para fora do caminho de outro chute que visava a sua face. Enquanto lutava para ficar de pé, outro conjunto de cascos o golpeou na lateral. Ele resmungou, levantando os braços para bloquear uma barragem de chutes e provou o sangue, sua visão ficando escura. Fúria e medo empurraram-no para seus pés. Falhando com seus cascos traseiros, ele bateu um dos seus atacantes na parede da caverna e saltando de lado, evitou um soco no rosto e bateu com o seu próprio cambaleando outro escravo que ele reconheceu como o cavaleiro que puxou a carroça atrás dele mais cedo naquele dia.

"Basta!" berrou uma voz profunda. O maior dos cavaleiros abriu caminho empurrando, chutando e esmurrando os outros.

O grupo circulou Moor, mas não atacou.

"Ele é um desordeiro," estalou um dos cavaleiros que foi esmurrado, o qual enxugava o sangue de seus lábios.

"Alguém como ele pode tornar a vida difícil para o resto de nós", disse outro.

"Eu disse que isso é o suficiente", repetiu o rapaz com seu olhar varrendo os homens.

"Ele é novo", disse o escravo mais velho revestido de cinza que tinha falado com Moor no dia da sua chegada. "Ele estará acostumado com as minas em breve, mas se você me perguntar, é bom ver um cavaleiro que ainda não perdeu seu espírito".

"É difícil manter o espírito neste lugar", alguém murmurou.

Moor limpou o sangue de um corte acima do olho e apertou a mão contundida no peito. Olhou para seus dois defensores. "Obrigado."

"Você pode nos agradecer mantendo sua boca fechada e fazendo o que lhe é dito," disse o jovem.

"Nunca fui bom nisto."

"Melhor você aprender." A expressão do jovem cavaleiro endureceu quando foi embora.

"Ele está certo", aquele revestido de cinza disse. "Eu era como você uma vez e ele... ele era mesmo o pior. Nós dois aprendemos da maneira dura que a fuga é impossível."



"Tenho que encontrar uma saída. Minha esposa..."

"Esqueça-a."

Moor cerrou os punhos e seu pulso disparou. Esqueça Susana. "Não posso fazer isso."

"Então, sua vida será ainda mais miserável do que tem que ser." Quando o mais velho cavaleiro se afastou, deixou-o passar o resto da noite em pensamento, já que não ousou correr o risco de dormir novamente.



Durante o próximo par de semanas, Moor continuou puxando cargas pesadas na mina de níveis mais baixos. Só o mais forte dos trabalhadores com a melhor resistência foi enviado para lá para que trabalhassem duro e também percebeu que eram os cavaleiros que recebiam apenas alimentos e água suficientes para realmente manter a sua força para cima. Ainda assim, não era o suficiente para satisfazer. Ele sempre sentiu fome e sede e embora se acostumasse a puxar peso, seu corpo sempre doía da cabeça à cauda quando se retirava para dormir.

Os outros escravos falavam poucos uns com os outros e muito menos com ele. Ninguém chamava ninguém pelo nome e o único que lhe dava uma palavra decente era o mais velho, o cavaleiro revestido de cinza. Este homem parecia ser um amigo próximo dos poderosos cavaleiros. O jovem olhava para ele quase como uma figura paterna, estranho, já que os outros escravos pareciam tratar o homem jovem como um líder. Se existiam argumentos, ele os estabelecia e se os guardas deixavam trabalhos para serem divididos entre um grupo, os escravos sempre contavam com o cavaleiro para tomar carga. Não só o menino tinha tamanho e força tremenda em seu favor, mas tinha um temperamento calmo e tranquilo e apesar de sua aceitação aparente de sua vida, Moor viu uma raiva profunda nos olhos do jovem — e desejo. O desejo de estar livre de suas obrigações nas minas.

Se ele pudesse só apresentar um plano para escapar e então convencê-lo a reunir outros... Não. Não ia funcionar, ele deixaram tudo suficientemente claro. Mas, do que eles tinham tanto medo? Seguramente até morte era melhor que esta escravidão.



Capítulo Onze

A Curandeira

Moor fechou seus olhos por um momento e esticou seus ombros enquanto soltava o arnês no chão da caverna.

Deu um passo para o lado quando o escravo que o substituíra abordou a carroça e pegou o arnês. Normalmente, estaria ansioso por algumas horas de sono no duro e rochoso chão, mas hoje tinha permissão para tomar banho. Os guardas raramente permitiam escravos na fonte e nunca era dado suficiente tempo verdadeiramente para apreciar a água fresca que fluía por uma das cavernas no nível superior.

Mais que perder Susana, Inez e Hornview propriamente, a falta de se lavar o aborrecia mais. Não parecia poder se acostumar ao fedor de corpos, o seu parecendo o pior. Provavelmente porque sua pele e casaco de pêlos estavam tão grudentos de sujeira e doloridos da roçadura constante do arnês. Se permanecesse na mina tempo suficiente, as cicatrizes provavelmente seriam permanentes.

A troca entre a forma humana e a equina dos cavaleiros acelerava processo curativo e até ajudava que se recuperassem de doenças mais rapidamente que os humanos, mas por causa das amarras, fazia muito tempo que não podia fazê-la e perguntou-se se lembraria como. Ele não duvidava que seria extremamente desconfortável. A menos que cavaleiros tomassem adequadamente o cuidado com sua pele, casacos e músculos, mudar a forma era doloroso. A mina o destruiria e aos outros e ele tinha que achar uma saída.

“Levante, seu saco cheio de merda de cavalo,” rosnou um dos guardas, batendo com seu chicote os flancos de um escravo que tinha tropeçado e caído de joelhos antes de alcançar sua carroça. O escravo tossiu fundo e forte, incapaz de pegar sua respiração. Um olhar em seus olhos febris e viu-se que ele estava muito mal.



Abordando-o, ele ofereceu uma mão ao escravo, só para sentir o corte de um chicote através de suas costas.

“Seu turno está terminado. Dê o fora daqui e vá para os banhos, você está fedendo cavaleiro,” rugiu o guarda.

“Ele está doente.” Moor encarou.

“Ninguém falta um turno.”

“Se você o deixar descansar, então ele se recuperará e pode fazer um dia decente de trabalho novamente.”

“Ele trabalhará até que caia, como o resto de vocês fedorentos animais.”

Suas entranhas queimaram de ódio. “Não seria mais lucrativo permitir a recuperação em vez de ir pela dificuldade de substituí-lo com outro escravo, se ele morrer?”

“Você não está aqui para pensar, seu saco de merda de cavalo.”

“Espere um minuto. Ele poderia estar certo.” O guarda de pé na entrada avançou com um sorriso mau em seus lábios. Ele olhou fixamente em Moor. “Você se acha tão esperto, quer trabalhar o turno dele em vez de se lavar e dormir? Não soa como uma idéia tão boa agora, não é seu estúpido?”

“Certo.” Moor continuou a ajudar o escravo a ficar de pé. A carne do cavaleiro estava perigosamente quente e seus olhos sanguinolentos se fixaram nele com descrença. Movimentando a cabeça ligeiramente para o cavaleiro doente, ele levantou o arnês e o colocou.

Através da caverna, o grande highlander o olhou fixamente com seus olhos estreitados e depois de um momento, continuou para fora da caverna, provavelmente para o banho. Moor suspirou quando se debruçou no arnês e continuou a puxar. Lavar-se seria muito condenadamente bom agora mesmo.

O primeiro bandido crispou seu lábio e começou a falar, mas o outro o parou e encolheu os ombros. “Desde que o trabalho seja feito. Só tenha certeza que nosso salvador aqui faça sua parte.”

“Que tal este aqui?” O primeiro guarda picou o cavaleiro doente com seu chicote.



“Devolva-o para o quarto dos escravos. Se ele se recuperar, ótimo, se não, corte em pedaços seu fraco corpo e lança para as cobras das pedras.”



Moor gemeu quando foi para o quarto dos escravos. Seu corpo inteiro doía, mas suas pernas eram o pior de tudo. Era um esforço só para levantar seus cascos e caminhar de uma caverna para outra. Depois de se voluntariar para trabalhar o turno do escravo doente, tinha trabalhado seu próprio turno regular a seguir e três turnos arrastando cargas pesadas eram suficientes deixar um highlander exausto e como ele dolorosamente lembrou, não era um verdadeiro deles.

Antes de suas quatro pernas cederem completamente, ele deitou-se no chão em um canto da caverna e fechou os olhos. O arnês esfregou seu torso de homem e o equino, quebrado pelos calos que arranhou durante as últimas semanas. Entretanto, cansado além da convicção, sua pele doía demais para ele dormir.

“Você.”

Ele abriu seus olhos e olhou o enorme highlander.

“O que?” ele murmurou.

“Venha comigo.”

Fechou seus olhos novamente. “Não vou me mover.”

“Eu disse que venha comigo.”

“E eu disse...— Ei,” Moor rosnou quando o homem jovem o arrastou para seus pés como se ele fosse uma boneca de criança. O filho de uma cadela deveria ter a força de dez cavaleiros.

Ele o seguiu fora da caverna para a escuridão, ventando corredores.

“Onde estamos indo?” Sussurrou.

“Quieto ou os guardas nos ouvirão.”

Eles seguiram através de uma tocha meio iluminada da caverna até uma fonte de água meio cheia.



“Apreste-se e se lave,” o cavaleiro disse.

Moor não hesitou. A água fresca acalmou sua carne e ele suspirou, fechando seus olhos quando cuidadosamente lavou seu torso de homem.

“Vamos,” disse o highlander. “Os guardas estão vindo.”

Ele apressou-se para fora da fonte e se sacudiu, usando as mãos para enxugar a água de seu rosto e de seu cabelo.

Silenciosamente, retornaram ao quarto dos escravos.

“Obrigado,” Moor disse, prostrando-se ao seu lado. Sua pele secou, mas a água limpou o suor e ele se sentiu mais refrescado que em dias.

“Por que ajudou aquele escravo hoje?”

“Porque alguém tinha que fazer.”

“Se você se importar com qualquer um além de si mesmo, é como uma sentença de morte neste lugar.”

“Você se importa. Por isso tenta manter paz entre os escravos e por isso, até os encoraja a obedecer os guardas. Acha que esse é o caminho para fazer a vida mais fácil para eles, mas não é.”

“Você não está aqui o mesmo tempo que eu. Sei que escutar e obedecer é o único caminho para ficar vivo.”

“Você chama isto de viver?”

“É sobreviver.”

Ele o olhou fixamente. “Não quer mais que isto? Você é jovem, é poderoso e se sair destas minas, pode fazer tanto com sua vida.”

“Nunca irei sair destas minas, nem você.”

Moor calou-se e acenou para um canto da caverna, longe do outros. “Já pensou em reunir os escravos e planejar uma fuga?”

O jovem apertou o queixo e o encarou “Você deve estar louco para falar assim.”

“Este lugar é suficiente para deixá-lo louco.”

“Escute, eu...”



“O que é isto?” O cavaleiro cinza abordou.

“Nada,” disse o cavaleiro grande.

“Deixe-me adivinhar, você acha que pode encontrar uma saída daqui?” O homem mais velho ofereceu-lhe um sorriso horrendo.

“Alguém já tentou?”

“Tentou? Sim. Teve sucesso? Nunca.”

“Este homem é louco,” o highlander continuou. “Você sabe que ele trabalhou o turno de alguém hoje?”

“Ah, então é verdade.” O velho homem sorriu. “Ouvimos esse rumor nos andares de cima.”

“Ninguém faz isto,” disse o grandalhão. “Pelo menos suas ações refletem suas palavras. Eu respeito isto.”

“Obrigado,” Moor disse. Finalmente, alguém que apreciava o espírito de um lutador.

“Mas temo que suas boas intenções sejam inúteis aqui. A fuga é impossível. Se os guardas não o pegarem, as cobras pegam.”

“Não posso perder a esperança.”

Susana e Inez devem estar preocupadas com ele, e que tal Silas? Até agora tinha ouvido que seu sobrinho estava vivo e bem, mas como podia permitir que ele crescesse em cativo? Simplesmente não podia aceitar escravidão quando ele — e Silas — Tinham tanto para viver fora daquelas montanhas.

“Se você deve se agarrar na esperança, então faça isto,” disse o escravo cinza. “Agora, sugiro que todos nós durmamos um pouco antes de nossos turnos amanhã.”



Dois dias mais tarde, Moor e o grandalhão trabalhavam juntos para limpar um dos abastecimentos das cavernas que estavam cheios de pedregulhos e com os guardas indo por pouco tempo, podiam conversar um pouco enquanto trabalhavam. No entanto, o jovem estava quieto por natureza e Moor aprendeu apreciar sua tranquilidade e determinação subjacente. O



grandalhão quase pareceu ter orgulho de sua habilidade de puxar cargas mais pesadas que qualquer escravo e não permitir que nenhum guarda o batesse, ou por excesso de trabalho ou por preguiça.

“De onde você veio antes de ser seqüestrado?” Moor perguntou enquanto carregavam suas carroças.

“De uma aldeia a oeste daqui. A maioria dos highlanders morava lá. Era pequena, mas eu gostava dela.”

“Seus pais foram tomados para escravidão também?”

“Eles foram mortos.”

“Sinto muito.”

O cavaleiro meneou a cabeça. “Não importa agora porque dificilmente lembro-me deles.”

“Então eu realmente sinto.”

O homem jovem olhou fixamente para ele por um momento. “Você é muito estranho.”

Ele sorriu. “Tomarei como um elogio.”

Trabalharam em silêncio por vários momentos antes de o outro cavaleiro perguntar “Você partilhou sonhos com sua esposa?”

Moor pausou atordoado por uma pergunta tão pessoal, especialmente daquele homem jovem.

“Sim, partilhei.”

“Então é verdade. Tenho ouvido sobre compartilhar sonhos.”

“É uma coisa maravilhosa. Se você experimentar isto algum dia, saberá porque quero tanto escapar daqui.”

“Espero que isto nunca aconteça para mim. Não neste lugar.”

Antes da conversa continuar, o som de bater de cascos ecoou no corredor. Um esquelético e ofegante cavaleiro correu pela caverna. “Tam caiu.”

“O quê?” o highlander berrou, arrancando seu arnês e correndo para fora da caverna.

Moor arrancou seu arnês e o seguiu.



“Onde?” Pediram ao mensageiro que foi à frente mais fundo nas minas.

“Siga-me. É num dos andares de baixo.”

Os três entraram repentinamente em uma caverna onde os escravos humanos cortavam pedras enquanto três cavaleiros arrastavam as cargas. Seu olhar ficou tristemente fixo no cavaleiro que estava deitado a um canto, ainda atrelado em sua carroça, sua pele era quase tão cinza quanto sua sujeira no pêlo emaranhado.

O cavaleiro ficou de joelhos ao lado dele, agitando-o. “Tam!”

Moor se aproximou, no entanto, conheceu imediatamente que o cavaleiro cinza estava morto.

Sentiu-lhe o pulso para comprovar.

“Que diabo estava fazendo arrastando carregamento aqui?” o grandalhão rugiu. “Ele era muito velho e deveria estar nos andares de cima.”

“Eles precisaram de outro puxador.” Um dos escravos humanos olhou por cima do ombro. “Pobre velho bastardo. Não durou uma hora aqui.”

Os olhos do grandalhão brilharam de lágrimas não derramadas quando removeu o arnês de seu amigo.

Dois cavaleiros guardas andaram na caverna e se aproximaram.

“Merda,” um deles disse. “Sabia que não devíamos trazer aquele velho aqui.”

“É melhor cortarmos em pedaços e darmos para as serpentes antes da carcaça feder em todo esse lugar,” disse o outro. Ele usou o alvo de seu chicote para picar o jovem que ainda segurava o corpo de Tam. “Arraste esta carcaça fora assim podemos fazer a mudança.”

“Você não mexerá nele,” o jovem disse e sua mandíbula estava tensa.

“O quê?” rugiu o guarda, chicoteando-o no rosto.

O jovem colocou Tam de lado, mas para surpresa de Moor, pegou o lado da carroça e os músculos se incharam em seus grandes braços quando a virou. As pedras que estavam dentro da carroça caíram no chão da caverna e se espalharam por vários dos escravos humanos.

“O que você está fazendo?” Berrou um dos guardas quando ele e seu companheiro puxaram seus chicotes e começaram a bater no jovem.



“O que você *está* fazendo?” Moor falou.

“Enterrando-o.”

Ignorando os golpes que chicoteavam sua sangrenta parte eqüina, o highlander colocou o corpo na carroça e o levou para fora. Empurrando e passando pelos guardas, ele se prolongou para fora da caverna.

A lealdade e pesar do jovem tocaram Moor que o seguiu.

“Onde inferno você *está* indo?” Um dos guardas berrou, girando seu chicote em Moor também.

“Esqueça-os,” o outro traficante rosnou. “Se ele quiser enterrar a carcaça fedorenta, deixe-o. Pelo menos ele *está* fora daqui. O resto de vocês, volte a trabalhar.”

Moor seguia a carroça pelo caminho rugoso da entrada da mina, levantando duas pás com ele. A uma distância pequena da caverna, o grandalhão parou.

“Nós não podemos ir longe,” o jovem disse. “Este lugar *está* fervilhando de serpentes.”

“Certo.” Moor olhou ao redor. Completamente cercado por altas e áridas montanhas, ele sentiu o frio no ar e não era só do tempo fresco. Não havia vegetação e nenhum animal à vista. Ao contrário dos sons de seus cascos na sujeira, eles estavam cercados por um horripilante silêncio. Ele se aproximou do cavaleiro com sua sobrelance enrugada quando notou os cortes sangrentos. “Nós devíamos achar alguma água. Alguns desses cortes são fundos.”

“Mais tarde.” Os dentes do jovem se apertaram visivelmente quando ele levantou uma pá e cavou. “Você não tem que me ajudar.”

“Eu não me importo.”

Levou horas para cavar um buraco fundo suficiente no chão duro e rochoso para enterrar o corpo de Tam. Moor olhou várias vezes para o highlander. Não podia evitar sentir pena do homem mais jovem cuja expressão revelava sua atenção para o cavaleiro cinzento.

Era quase escuro quando terminaram e o highlander ficou de joelhos olhando fixamente para a cova recentemente cavada.



Moor se aproximou e colocou uma mão firme em seu ombro. “Eu sinto muito. Sei que você e ele eram próximos.”

“Eu era uma criança quando vim para cá e ele cuidou de mim, ajudou-me a sobreviver. Você aprende a não se importar com pessoas aqui, mas não posso evitar estar agradecido a ...” ele pausou, incapaz de continuar.

“Tudo bem, filho.” Moor colocou um braço em torno do outro cavaleiro. Devia ter parecido estranho, um portador mais velho e robusto abraçando um grandalhão rude e jovem enquanto ele chorava, mas ele não parou e posteriormente, nenhum deles mencionou o fato. Moor arrastou um balde de água de uma fonte bem próxima a entrada da mina e o ajudou a lavar seus machucados. Cicatrizes velhas cortavam sua pele, obviamente os resultados de batidas severas ao longo dos anos. Apesar de seu grande tamanho e força, o pêlo marrom escuro era quase tão suave quanto um potro recém nascido. Alguns centauros nasciam com suas metades eqüinas aveludadas e as mulheres pareciam amar isto, mas Moor odiava pensar sobre o quanto era mais doloroso para um cavaleiro um tratamento rude naquele tipo de pele.

“Eu tenho uma idéia,” disse. “Ajoelhe naquela pedra.”

“Por quê?”

“Apenas faça.”

O grandalhão obedeceu e Moor se aproximou, colocando parte da corrente que prendias os testículos do jovem sobre uma pedra, ele bateu com a pá.

Depois de várias tentativas, o highlander permaneceu quieto e disse, “Eu podia ter dito a você que não funciona. Você acha que o resto de nós ainda não tentou? As correntes são feitas de metal mais forte que as ferramentas.”

Agitando sua cabeça, Moor o seguiu para dentro de onde aceitaram o castigo dos guardas de cada um trabalhar um turno extra. Tinha tido algum valor naquilo e pelo menos um escravo tinha sido enterrado com dignidade.

No fim de seu turno estendido, eles se arrastaram para o quarto dos escravos.

“Meu nome é Zach,” o cavaleiro grandalhão disse.

Ele meneou a cabeça. “Contente por finalmente conhecer você, Zach.”



“Amanhã à noite, levarei você para ver seu sobrinho.”

Moor retraiu uma respiração afiada. “Você pode fazer isto?”

“Será perigoso, mas se formos cuidadosos, é possível.”

“Obrigado.”

“Não me agradeça ainda. Se formos pegos, pode significar todas as nossas vidas.”



“Tio Moor!” Silas lançou os braços ao seu redor que firmemente o abraçou. Alívio por ver seu sobrinho seguro o inundou, quase tinha começado a pensar que ele não estava na mina, afinal.

“Silas, sinto muito por você ter acabado aqui, está machucado?” ele abraçou o menino. Como o resto dos escravos, ele estava muito magro e com arranhões por causa do arnês, mas não tinha cortes ou marcas de chicote.

“Para falar a verdade não. Desde que eu faça o que me mandam, eles não me batem. Zach me ajudou.”

Moor olhou para Zach. “Aprecio tudo que você tem feito.” Então se voltou para Silas. “Vou fazer tudo que posso para achar uma saída daqui.”

Ele ficou contente pela esperança nos olhos do garoto. Pelo menos seu espírito não tinha sido quebrado. Ainda.

“Por que está dando falsa esperança ao menino?” Zach estalou.

“Vou tentar nos tirar fora daqui.”

Silas olhou para o highlander. “Você não quer escapar?”

“É impossível. Desejava que pudesse dizer a você algo diferente, mas já sei.” Ele olhou para fora da caverna pequena e escura em que se encontravam. “Precisamos ir antes dos guardas chegarem.”

Moor abraçou Silas novamente e arrepiou o cabelo do menino. “Faça o que ele diz a você e estará bem.”



“Eu farei.” Silas seguiu Zach para fora da caverna, olhando uma vez acima de seu ombro. “Nós vamos sair daqui, não vamos tio?”

“Farei tudo que puder.” Desejou que pudesse oferecer uma promessa ao invés.

Ele esperou até o grandalhão retornar.

“Então que plano você tem para a fuga?” Zach perguntou.

“Você está realmente interessado ou está sendo sarcástico?”

“Um pouco de ambos.”

“Eu não estou certo ainda. O melhor que posso pensar é sobre a maior parte de nós escravos se reunirem e dominar os guardas.”

“Impossível.”

“Que nós os dominamos ou que os escravos se reúnam?”

“Que eles se reúnam. Eles estão com muito medo.”

“Você podia convencê-los.”

“Eu?” Zach franziu o cenho. “Por que eu?”

“É óbvio que eles contam com você para liderança.”

“Eu não farei isto. Se nos rebelarmos, escravos serão mortos. Há suficiente violência e morte aqui já.”

“Exatamente. Então se é para nos escondermos, para começar, por que não tentamos conseguir benefícios para nós mesmos ao invés destes malditos traficantes de escravos?”

Zach suspirou. “Pensarei sobre isto.”

“Tudo bem, é um começo.”

“É tudo que poderia ser.”

Apesar de sua frustração, ele absteve-se de falar mais. Zach passou a maior parte da sua vida na mina e suportou muita coisa para que fosse convencido em algumas poucas semanas que devia ajudar levar uma rebelião. Tempo. Com o tempo, ele podia ser convencido e não poderia nem perceber isto por si só, mas a vontade, não só para sobreviver como para viver, queimava sem chama bem no fundo dele. Moor faria tudo em seu poder para escapar, mas sem a ajuda de Zach seu plano poderia nunca funcionar.



A manhã seguiu enquanto Moor fazia seu caminho para os níveis mais baixos, com um guarda puxando-o fora da linha.

“Nós precisamos de você como um mensageiro hoje,” ele disse.

Seu lábio se encrespou. Apesar das cargas pesadas, preferiu trabalhar em baixo. As trilhas eram muito mais fáceis em seus cascos.

Ele logo percebeu que cascos era a menor de suas preocupações. Quando alcançou o nível superior nível, três cavaleiros traficantes se aproximaram e um torceu sua corrente dos testículos enquanto o outro o atingiu no rosto com cabo de sua espada. Tiro de dor o atravessou da cabeça à cauda. Que diabos estavam fazendo para ele agora? Cambaleou por causa da pancada quando o terceiro lançou uma corda pelo seu torso de homem e firmemente puxou, ligando seus braços aos seus flancos.

“Você tem criado problemas com essa sua boca,” rosnou um dos cavaleiros. “É um animal, mas parece ter esquecido e isto o ajudará a lembrar.”

Moor lutou quando uma barra de ferro espessa era forçada em sua boca e firmada no lugar com uma corda amarrada atrás de sua cabeça. O gosto frio e metálico encheu sua boca, quase o amordaçando. Outra corda prendeu-se ao ferro e foi pendurada em suas costas. A engenhoca inteira imitava as rédeas de um cavalo verdadeiro.

Um humano traficante lançou uma sela em suas costas, puxando o cinturão muito firmemente e montou com a corrente que se prendia a seus testículos na mão, destruindo o desejo de Moor de lançá-lo para fora.

“Talvez agora você aprenda seu lugar,” disse o guarda que tinha forçado a barra em seus lábios.

O cavaleiro chutou os lados de Moor, suas esporas quase desenhando sangue.

O dia infernal começou.

O bandido cavalgava descuidadamente, puxando fortemente a corda até que Moor saboreou seu próprio sangue dos cantos rasgados de sua boca. Tentou se mover



cuidadosamente pelo chão rochoso, mas sempre que seu passo diminuía a velocidade, o guarda torcia a corrente e cravava os saltos das botas esporeadas em seus flancos.

Se sobreviver a isto, vou matar o bastardo. Ele pensou para si mesmo quando suportava um momento, pegando sua respiração, enquanto seu cavaleiro parou para conversar com outro traficante. Deuses, ele desejava uma bebida. Ensopado de suor, incrivelmente sedento e fraco de dor, perguntou-se se sua vida possivelmente podia ficar pior.

Durante a próxima corrida, suas patas dianteiras se separaram por causa do caminho rochoso e ele tropeçou na parede da caverna. O cavaleiro puxou sua corrente tão forte que quase caiu de suas costas e meio desmaiado pela dor, Moor tentou manter suas pernas trêmulas fixas. Quase rezou para a morte ou pelo menos um pouco de descanso. Onde estavam as mãos gentis de Susana e beijos calmantes quando ele mais precisava deles?

“Maldição!” O cavaleiro rosnou e para seu alívio, desmontou e olhou para suas patas, amaldiçoando. “Inútil, não vou montar você assim. É um bom modo de um homem conseguir se matar.”

Antes de ele poder se recuperar completamente, o guarda arrastou sua corrente e exausto, Moor o seguiu como o pônei de uma criança para um cavaleiro guarda que o levou aos andares de baixo.

“Não está tão forte agora, não é?” O cavaleiro zombou quando o empurrou para uma carroça carregada.

Zach e vários outros o olharam. A boca do grandalhão se abriu como se ele estivesse para falar, seus olhos refletindo piedade e uma faísca de raiva.

“Comece a trabalhar.” O chicote do guarda atacou as costas humanas de Moor.

Ele permaneceu de pé, sem se mover. Não havia modo que ele pudesse puxar aquela carroça, não com sua pata em tal condição.

Outro puxão em sua corrente e Moor deu um passo agonizante, debruçando no arnês. Ofegando pela dor que crescia rapidamente em sua perna ferida, não soube como conseguiu puxar o vagão para seu destino. A viagem de volta não era tão ruim, mas ele duvidava que pudesse fazer outra. Vários escravos humanos encheram a carroça e na metade do caminho fora



da caverna, suas pernas acabaram e ele caiu duro. Gemendo, tentou se levantar e sentiu a ferroada do chicote arder em sua carne quando o guarda berrou para ele.

Seus olhos se abriram ligeiramente, alguém estava removendo seu arnês. Zach o arrastou de lado e se atrelou à carroça. O guarda parou de bater em Moor e girou seu chicote para Zach.

Outro bandido entrou na caverna e disse, “Parece que agora é uma boa hora para testar aquela nova curandeira. Veja se ela vale o que nós estamos pagando a ela.”

“Eu ainda digo que isto é uma idéia estúpida, ter um curandeiro para escravos,” disse o guarda que tinha parado para bater em Zach quando o escocês deixou a caverna, arrastando a carroça de Moor.

Os guardas se aproximaram justo quando ele desmaiava.



O estômago de Susana se agitou quando caminhou em torno da caverna pequena que o traficante tinha fornecido para uma enfermaria. Já o quarto estava quase cheio de escravos gravemente feridos, ambos humanos e centauros. Ela mal podia acreditar que seu plano de se introduzir nas minas tinha funcionado. Tinha levado duas semanas para achar e convencer os traficantes de escravos que seria mais rentável para eles contratarem um curandeiro para reabilitar mineiros em vez de deixá-los morrer, então sendo forçados a substituí-los. Quanto mais os trabalhadores durassem, mais lucro o traficante fazia por vender os recentemente capturados. Eles tinham finalmente concordado em testar sua idéia pondo-a para trabalhar nas minas e seria paga com uma taxa de seus lucros. Já ela tinha trabalhado em duas diferentes minas e não tendo achado Moor em nenhuma, partiu para uma terceira.

Ela tinha esperado que Terra e Inez se juntassem a ela, mas não tinha esperado por eles uma vez que tinha se decidido por um plano. Tudo no que podia se agarrar era no pensamento de que eles viriam por ela.

Depois que achasse Moor, ela não tinha a mínima ideia de como escapariam.



“Aqui está outro para você,” uma voz áspera chamou da entrada da caverna. Um cavaleiro que tinha sido designado para trazer os trabalhadores gravemente feridos puxava uma carroça.

O coração de Susana momentaneamente parou de bater quando reconheceu Moor e apressando-se para a carroça, horror e ira quase a superaram.

Aqueles bastardos o arruinaram. Sua pele que uma vez fora bonita estava uma massa encharcada de suor, cicatrizes e cortes sangrentos. Sangue manchava seu rosto e escoava dos cantos de sua boca tampada com alguma coisa de metal horrível. Os ossos se esticavam embaixo da pele imunda e seu peso era inferior ao normal.

Eu vou matá-los.

Ela apontou para um canto vazio. “Ponha-o ali.”

Reunindo uma bacia de água, vários panos limpos, pomada e bandagens, ela ajoelhou ao lado dele, querendo que suas mãos permanecessem firmes enquanto trabalhava.

Primeiro tinha que tirar o metal e as cordas e as desatou por trás da cabeça dele cuidadosamente arrastando a barra de metal de sua boca, estremecendo quando um fluxo fresco de sangue gotejou dos lábios abertos. Ele gemeu, movendo sua cabeça ligeiramente.

“Está tudo bem,” ela murmurou, suavemente limpando seu rosto e lábios. Sob o olhar dos outros escravos e dos guardas que iam e vinha aleatoriamente, não podia arriscar que eles descobrissem que era sua esposa. Inclinando-se para perto de seu ouvido, ela sussurrou, “É Susana. Eu o amo muito, meu bem.”

Os olhos dele se abriram um pouco e seu olhar fixou-se nela. Seus lábios formaram palavras que foram muito suaves para ouvir antes que perdesse a consciência novamente. Pelo que ela estava agradecida. Ao menos podia esfregar seus machucados sem machucá-lo mais. Ela terminou com os cortes e começou a tocar seu corpo inteiro para sentir deslocamentos e ossos quebrados, pausando com desgosto nas correntes que ligavam suas asas a seus testículos. Quando tinha visto pela primeira vez o horrível dispositivo que costumava manter os cavaleiros sob controle, tinha ficado furiosa. Os anéis de metal que perfuravam seus corpos eram soldados, então sem ferramentas adequadas, os cavaleiros não podiam ser livres.



Continuou seu exame, pensando sobre caminhos para roubar um pedaço de metal ou algum outro equipamento de arnês do traficante.

Sem contar um pouco de inchaço em suas pernas, Moor parecia apenas como podia se esperar de um cavaleiro que tinha sofrido fome, surras e trabalhado demais.

A raiva dela foi renovada quando alcançou seu dividido casco. Ela tinha visto muitos danos semelhantes durante seu tempo nas minas e a ideia de cavaleiros com correntes e descalços pelo chão pedregoso a fez furiosa. Tinha tentado convencer os traficantes a calçá-los, mas eles não iriam se aborrecer com a despesa de um ferreiro. Susana estava para acreditar que isto era só uma meia verdade. Aqueles bandidos apreciavam assistir aos outros sofrerem.

Quando terminou de atender Moor, ele ainda não tinha acordado e cobrindo-o com um cobertor, acariciou seu cabelo por vários momentos, quase não sendo capaz de acreditar que finalmente o tinha encontrado. Relutante, ela o deixou para dormir enquanto verificava um pouco de seus outros pacientes.

De repente, um dos maiores cavaleiros que já tinha visto entrou na caverna e quando ele se aproximou, ela notou cortes que sangravam em suas costas.

“Tenho alguma pomada para você,” ela disse.

“Como ele está?”

Susana ergueu uma sobrancelha. “Ele está indo tão também quanto se pode esperar.”

O cavaleiro meneou a cabeça. “Quase não acreditei nisto quando disseram que temos um curandeiro agora.”

“Levou algum tempo para convencê-los, acredite em mim.”

Enquanto ela limpava os danos do homem, ele a observava por cima do ombro com olhos cautelosos.

“Tentarei não machucá-lo,” ela disse.

“Não importa.”

“Você conhece Moor bem?” Curiosidade sobre o que aconteceu para seu marido a arranhava.

“Ele é um bom homem.”



“Sim, ele é.”

O cavaleiro levantou uma sobrancelha. “Como você saberia?”

“Eu... é o que parece.”

“Entendo.” Ele a olhou fixamente. “Então me diga o que uma curandeira como você realmente está fazendo aqui?”

Ela respirou fortemente quando seus olhos encontraram os dele, que eram castanhos e grandes, tranquilos e fortes. A expressão neles a fizeram se lembrar de Moor.

“Está tudo bem.” Ele se virou. “Eu entendo o segredo.”

“Obrigada.”

Eles ficaram mudos enquanto ela continuava a trabalhar.

No entanto, algo disse a ela que podia confiar naquele cavaleiro, mas não podia revelar sua verdadeira identidade, não quando sua vida e a de seu marido estavam penduradas na corda bamba.



Capítulo Doze

Plano de Fuga

Moor despertou com uma mão suave e gentil em seu rosto. Um pano fresco ternamente lavava os cantos de sua boca onde o metal e as cordas rasgaram sua carne nua. Sua língua parecia espessa e seca e o gosto de sangue velho fez seu estômago vazio sacudir-se.

Ele forçou suas pálpebras pesadas a se abrirem, então piscou para focar sua vista e seu coração batia contra suas costelas doloridas. Susana. Não, não podia ser. Ele devia estar tão perto da morte quanto se sentia. Estava tendo visões misericordiosas da mulher que tinha amado antes de...

“Oi,” A voz dela quebrou seus pensamentos. Ela sorriu para ele e acariciou sua testa, roçando o polegar ternamente entre seus olhos.

“Susana?”

Ela confirmou com a cabeça e segurou um copo de água contra seus lábios. “Tente beber um pouco.”

Era um esforço só levantar sua cabeça e beber, ainda que o líquido parecesse tão bom em seus lábios rachados e na garganta seca. Como se sentindo sua luta, ela se moveu para trás dele, sustentando-o quando terminou a água. Ele se debruçou contra ela com sua respiração superficial e todos os músculos em seu corpo doendo. Uma de suas patas dianteiras pulsou e sua carne tremeu.

“Você acha que pode comer algo?”

“Susana, o que você está fazendo aqui?” Sua debilidade o frustrava.

“Shh...” ela sussurrou. “Convenci o traficante de escravos a me contratar como uma curandeira dizendo a eles que seria mais lucrativo manter os trabalhadores saudáveis em vez de constantemente substituí-los. Eu vou tirar você daqui.”

“Você está louca?” Ele forçou-se a ficar de pé, ignorando sua ferida.



Suas pernas tremiam tanto que ele imediatamente abaixou-se, temeroso de desmoronar novamente.

“Você pode apenas ficar deitado?” ela estalou.

“É desconfortável quando estou nesta forma.”

“Eu sei, mas temo que se eles o virem de pé lhe mandarão trabalhar e você não pode.”

Ele suspirou. Ela estava certa. Duvidou que ele pudesse caminhar alguns passos, quanto mais puxar cargas pesadas. Subjugado por amor, gratidão e pura ira, ele olhou fixamente para ela.

“Agora que está aqui, já considerou como poderá sair?”

Ela agitou sua cabeça. “Acabei de achar você. Linn precisava da aprovação do General Sota antes dele poder partir e enviei uma mensagem para Terra e Inez, mas não podia simplesmente me sentar lá esperando até que eles conseguissem.”

“Deuses, Susana, se qualquer coisa acontecer para você, nunca irei me perdoar.” Ele apertou sua mão, desejando puxá-la para seus braços, mas se percebesse que eles eram casados, não queria sequer considerar as conseqüências.

“Ok. Eu tenho um plano.”

“E qual é?”

“Ei, você, curandeira.”

Ambos Moor e Susana giraram para a entrada da caverna por onde o traficante humano entrou a passos largos. Era o homem que o tinha montado com o pedaço de esporas.

“Eu preciso de você.” O bandido agitou a cabeça em direção a sua mão embrulhada em um pano sangrento.

“Vá se sentar naquela alcova.” Susana apontou através da caverna. “Já irei ter com você.”

“Bastardo,” Moor murmurou debaixo de sua respiração. “Adoraria dar um pouco disso na boca dele.”

A expressão de Susana congelou quando ela tocou em seus lábios rachados. “Ele fez isto a você?”



Ele pegou o pulso dela. “Esqueça-me. Só faça seu trabalho e ache um caminho para sair daqui.”

Ela acenou com seus dentes visivelmente apertados.

“Não se machuque,” Ele advertiu.

Ela forçou um sorriso quando foi atender ao traficante.

Encostado contra a parede escarpada, ele olhou fixamente para a alcova. Há apenas algumas horas tinha quase desistido e agora tinha que sobreviver. Susana arriscou tudo para achá-lo.

Seguramente nenhum homem tinha mais para viver que ele e não podia morrer ou descansar até que soubesse que ela estava segura fora das minas.

“Ai! Pensei que você era uma curandeira, cadela.”

Moor levantou-se, meio morto.

“E eu pensei que você fosse um tipo de guerreiro, não um bebê,” Susana estalou. “Sente-se enquanto enfaixo sua mão.”

Voltando para o chão, Moor observou quando, momentos mais tarde, Susana andou de volta com um sorriso em seus lábios. O traficante com seu pálido rosto e mão colocados em bandagem, apressou-se para fora da caverna.

“Quem disse que curandeiros precisam ser gentis, bastardo?” ela murmurou.

Um sorriso arrastou-se nos lábios de Moor. Deuses, ele a amava. Ele notou vários outros escravos também sorridentes de gratidão na direção dela.

“Eu estou indo conseguir para vocês alguma comida,” ela disse ao grupo. “Voltarei.”

Ela tinha acabado de partir quando Zach apareceu na entrada. Ele falou com vários dos outros escravos antes de parar ao seu lado.

“Como você está se sentindo?”

“Melhor. Obrigado por terminar meu trabalho por mim.”

“Não é nada que você não tenha feito para outros.” Zach segurou seu olhar por um longo momento.

“O que foi?”



“Você conhece aquela curandeira, não é?”

O medo apertou seu peito. Se Zach notou, quantos outros também notaram?

“O que o faz dizer isto?”

“Só uma sensação e não se preocupe. Eu nunca diria a ninguém.”

“Nunca a vi antes de hoje.”

“Se você diz isso.”

“Como está meu sobrinho?”

“Bem.”

“Eu sinto que tenha apanhado por minha causa.”

Zach encolheu os ombros. “Se eles não usam a pestana para uma razão, então usam para outra. Eu tenho que ir, só queria ver se você se recuperaria.”

Moor moveu a cabeça, olhando quando os volumosos flancos marrons traseiros deixaram a caverna.

Suspirando, fechou seus olhos e exausto, moveu-se para o fundo e adormeceu.



Nos próximos dois dias, ele fez pouco mais que comer e dormir e com a ajuda de Susana, começou a se curar, entretanto ela reclamava que as condições repugnantes em que viviam cortavam a recuperação de todo mundo. Os escravos estavam sofrendo de fome, estavam sujos e trabalhavam demais. Muitos como Moor no dia em que tinha sido trazido para ela, estavam desidratados.

Susana conseguiu arranjar comida decente para aqueles na enfermaria. Ela ajudou muitos cavaleiros e humanos e a maior parte dos escravos tomou uma preferência imediata por ela e isto não o surpreendia porque tinha se passado muito tempo desde que alguém mostrou a eles um pouco de generosidade. Ela lhe disse que tinha visto Silas e, mesmo não sendo alimentado o suficiente, o menino estava bem.

“Eu tenho um plano,” Susana sussurrou uma noite quando eles se sentaram juntos a um canto da enfermaria. Seria a última noite dele lá. Apesar dos protestos dela, o traficante



exigiu que ele retornasse a trabalhar de manhã. Devido a seu cuidado amoroso, ele estava forte suficiente para continuar nas minas e já sentia falta de vê-la diariamente. Pelo menos na enfermaria, ele podia assegurar-se que ela estava segura. Se alguma coisa acontecesse a ela... Nem ousou pensar sobre isto. A fuga deve ser seu enfoque principal. "Vou dizer aos guardas que preciso sair para conseguir material e tentar recrutar outros curandeiros, considerando o dinheiro ser tão bom nas minas. Enquanto estiver fora, acharei Terra e estou certa que ele tem estado procurando por nós e pode convencer os Portadores a assumirem o comando da mina. Eles disseram uma vez que se tivessem provas de que você tinha sido raptado, eles ajudariam."

"Bom, mal posso esperar por você sair daqui."

"Eu voltarei para você."

"Não." Ele pegou seus ombros.

"Shh," ela ralhou. "Você quer que alguém suspeite?"

"Uma vez que você esteja fora daqui, quero que fique fora." Ele agarrou seus braços com força, sabendo que deveria estar machucando-a um pouco, mas naquele momento tudo que importava era assegurar sua segurança. "Prometa que não irá aparecer nestas minas novamente."

"Certo. Eu prometo."

"Ótimo." Ele a soltou.

"Moor, estou tão preocupada com você." A mão dela foi para suas costelas. "Você não está saudável o suficiente para voltar a trabalhar."

"Ficarei bem, acredite em mim."

"Se qualquer outra coisa acontecer com você, não sei o que farei." Lágrimas encheram os olhos dela e o coração de Moor vacilou. Ela era a mulher mais forte e corajosa que ele conheceu. Tinha posto sua vida em risco para salvá-lo daquelas miseráveis minas e mesmo assim, o pensamento dele sendo machucado a afligia muito.

"Não chore." Ele limpou umidade dos cantos de seus olhos. "Estou forte como um... como um cavalo."

A piada horrível trouxe um sorriso leve para os lábios dela.



“Eu amo você, Susana,” ele sussurrou perto de sua orelha. “Sou o homem mais sortudo no universo por tê-la como minha esposa.”

“Amo você também.” Ela apertou sua mão. “Tenha algum descanso porque precisará amanhã.”

Ele suspirou profundamente. Isso era verdade, na manhã seguinte, estaria de volta aos níveis de baixo, trabalhando ao lado de Zach.



Para Moor, os dias seguintes foram de pura tortura, não por causa do castigo físico, mas porque era incapaz de ver Susana. Ele não tinha dúvida que Zach sabia quando e como organizar uma visita pelas costas dos guardas e confiava nele, mas não suficiente para arriscar expor a razão verdadeira por Susana estar nas minas.

Os dias se passaram e ele se perguntou como ela estaria e se já tinha saído ou se ainda estava por perto. Envergonhou-se de admitir o quão confortante a presença dela tinha sido durante os poucos dias quando estava muito ferido para se mover. Só ao vê-la e ouvi-la falar e sentir seu toque significava mais para ele que podia completamente expressar.

Uma noite, depois de completar um final de turno, desatrelou seu equipamento e estirou os músculos doloridos. Zach se aproximou esfregando seus ombros e parecendo tão quente e cansado quanto ele se sentia.

O escocês olhou ao redor para assegurar que estavam a sós, então sussurrou, “Nós iremos a algum lugar hoje à noite.”

“Silas?”

“Não. Simplesmente não vá dormir imediatamente.”

“Qual é o segredo?”

Ele andou para longe assim que um guarda colocou sua cabeça na caverna e rosnou, “Vocês dois vão se movimentando ou então trabalharão pela noite.”

Depois, eles seguiram o caminho sinuoso que dava para o quarto dos escravos, seu esgotamento estava esquecido quando sua mente girava com perguntas. O que Zach queria?



Fora os sons habituais de ronco e um ocasional gemido de desconforto, o quarto dos escravos estava silencioso. Ele bocejou de puro cansaço quando as horas pareceram se arrastar e finalmente Zach se aproximou cutucando-o no braço e pedindo para que o seguisse.

Juntos, caminharam para a escuridão do pedregoso caminho. Zach parou do lado de fora de uma caverna de entrada escura e estendeu o braço. Apesar de sua apreensão, Moor andou para o lado de dentro, escolhendo seu caminho cuidadosamente na escuridão e correndo a mão ao longo da parede da caverna para se orientar. Depois de fazer uma curva acentuada à direita, a luz ofuscante cintilou no fim de outro corredor estreito. Sua pulsação se acelerou e ele entrou respirando com dificuldade.

Susana olhou para ele e seu rosto estava banhado na luz de uma tocha única embutida na parede.

“Moor,” ela suspirou, lançando seus braços ao redor dele.

Ele a estreitou, erguendo-a em seus braços e enterrando os lábios em seu pescoço. Deuses, ela cheirava tão bem como se lembrava.

Ao ouvir barulhos de batidas de cascos na entrada da caverna, ele a colocou no chão e empurrou-a para trás dele.

Zach entrou com seus braços cruzados sobre o peito largo e os estudou cuidadosamente.

“Eu sabia que não estava errado sobre os dois, mas não se preocupem porque não direi nada a ninguém.”

“O que tinha em mente?” Moor exigiu.

“Pensei que vocês poderiam gostar de um pouco de privacidade.”

“Você não tinha ideia se eu iria ou não entregar suas excursões de meia-noite para o guarda,” Susana disse. “Por que se arriscaria a isto, Zach?”

“Moor provou ser confiável e se eu estivesse certo sobre você, então você não seria leal para os guardas.”

“E se você estivesse errado?” Moor agitou sua cabeça. “Eu tenho visto algumas ações loucas antes, mas isto...”



“É um pouco diferente de algumas das ações que tenho visto você fazer. Fora Tam, você é provavelmente a única pessoa que sempre confiei aqui.” Zach olhou por cima de seu ombro quando se virou. “Virei em meia hora. Mais que isso e vocês correm o risco de serem pegos.”

“Nós podemos confiar?” Susana sussurrou quando o escocês desapareceu.

“Eu acho que sim.” Moor a puxou em seus braços, segurando-a bem próximo a ele, tanto que sentiu seu coração batendo junto com o dele. “Deuses, eu senti sua falta.”

“Partirei em dois dias, então não deve demorar muito para que fique livre.”

Ele a segurou com o braço esticado e olhou profundamente em seus olhos. “Você sabe que mesmo que os guerreiros portadores a ajudem, posso não sair daqui vivo?”

“Eu sei.”

“Lembre-se sempre o quanto eu te amo.”

“Contanto que você sempre saiba o quanto o amo.”

“Susana,” Ele sussurrou contra seus lábios antes de reivindicá-los e sua mão segurou a parte de trás da cabeça dela quando a língua ternamente deslizou em sua boca e encontrou a sua.

Susana laçou os braços ao redor de seu pescoço quando ele a segurou em seus braços.

Seus olhos se fecharam e ele se perdeu na sensação. Deuses! Desejou que pudesse trocar para a forma humana e fazer amor com ela. Uma nova dor inundou seu corpo quando uma das mãos dela massageou seu tórax, os dedos se enlaçando no pêlo emaranhado. Ela gemeu suavemente, sua língua acariciando a dele. Ela era tão morna e doce e seu corpo pequeno e suave era um peso tão agradável!

Colocando-a no chão, ajoelhou-se, seu olhar fixo nela. “Monte-me.”

“Mas você deve estar dolorido do equipamento.”

“Não me importo, preciso senti-la em minhas costas. Tenho sentido tanto a sua falta, Susana. E se esta for a última vez que a sinto montada em mim? Não me negue, meu amor.”

Susana segurou-lhe a bochecha em sua mão e o beijou antes de deslizar sobre suas costas.



Ele suspirou de prazer. As pernas lisas e nuas deslizaram acima de suas costas e lados e as mãos acariciaram seus ombros antes de deslizar-se para frente de suas costas humanas. Quanto tempo tinha ansiado pelo seu toque? A pior tortura que ele tinha suportado nestas minas tinha sido a separação dela.

“Oh, deuses, Moor, amo você tanto, tanto.” Ela deslizou os braços ao redor dele, apertando seu peito e pressionando o rosto contra suas costas. As pontas dos dedos foram para suas costelas.

“Eu podia matar cada um deles pelo que fazem a você e a estes outros escravos.”

“Não diga isto, Susana.” Ele olhou fixamente para ela por cima do ombro. “Você é a mulher mais doce e amável que já conheci. Você salva vidas, não as tira. Um dia, nós dois estaremos fora daqui e em nossa própria casa.”

“Eu sei que estaremos.” Ela acariciou-lhe o torso enquanto os joelhos se apertaram em seus lados. “Eu sei isso.”

Suas mãos momentaneamente o deixaram e ele gemeu quando seus braços deslizaram ao redor dele novamente e os seios nus apertaram-se contra suas costas humanas. Os globos carnosos eram mornos e suaves e um tormento maravilhoso. Levantando-se com os joelhos, ela esfregou os mamilos contra sua pele enquanto as mãos massageavam seu peito. A pulsação dele correu quando o desejo inundou seu corpo inteiro. Como ansiava por satisfação! Naquela forma, o único modo que podia experimentar prazer era através dela.

“Dê prazer a si mesma,” ele disse em uma voz rouca.

“Eu o quero tanto.”

“Use meu corpo, Susana. Deixe-me tocar em você, quero senti-la gozar.”

Fechando seus olhos, ele perdeu-se na suavidade de sua pele e na sensação dos mamilos pontiagudos que se esfregavam contra sua carne lisa e humana.

“Oh, Moor,” ela ofegou, apertando beijos tenros em sua nuca e através de seus ombros.

Os quadris dela se esfregaram na união entre seu torso humano e a metade cavalo e ele estremeceu. Sentiu a vagina molhada e o clitóris inchado roçando seu ponto de transformação e era incrivelmente excitante. Ela latejava e rebojava contra ele enquanto lambia e beijava suas



costas humanas. A pulsação dele se acelerou e sua respiração ficou fraca pelo desejo enorme que inundava seu corpo.

Correndo seus braços para ele, ela acariciou-lhe os mamilos com as pontas dos dedos e com um choramingar de prazer, balançou-se e esfregou-se mais rápido, seus sucos de paixão vazando nele quando gozou. Ela tremeu e pequenas ondas de prazer viajaram de sua vagina para as costas dele.

“Deuses, ahh,” ela ofegou, seus dedos segurando o peito duro, seus joelhos apertando contra seus lados.

“Susana, Susana,” ele murmurou, alcançando por trás e acariciando-lhe as costelas e pernas. O coração dela batia contra suas costas humanas quando o seu próprio pulsava no peito.

Suas patas dianteiras pisaram o chão e sua cabeça se curvou para trás com a respiração acelerada como se tivesse acabado de arrastar uma carga pesada para cima.

Susana afundou sobre ele, os braços descansando languidamente em suas costelas e os lábios contra suas costas. “Eu te amo, Moor. Amo tanto!”

“Eu também te amo.” Uma onda de necessidade não satisfeita viajou por sua espinha. Deuses, como ele a adorava! Rezou pelo dia em que estariam livres novamente e essas temidas minas seriam uma lembrança distante.



A noite que Zach tinha arranjado foi a última vez que Susana viu seu marido antes de deixar as minas. Ela convenceu o traficante que precisava de suprimentos de uma das aldeias e também planejava recrutar outro curandeiro. Seu coração bateu forte quando o cavaleiro designado para levá-la das Montanhas de Vertue acelerou pelo céu. Ele não voava macio como seu marido e ela agarrou-se no equipamento só para evitar cair para sua morte.

Quando aterrissaram, todo seu velho medo de voar quase retornou, mas o pensamento em Moor e como era maravilhoso sentir-se montada nele e sua apreensão diminuiu.

“Conseguirei um cavalo de verdade emprestado na aldeia,” ela disse ao guarda.



Ele estreitou seus olhos azuis penetrantes. “Por quê?”

“Porque algumas das pessoas com quem lido para o material têm uma aversão a cavaleiros e você podia tornar minhas relações de comércio difícil. Eu o encontrarei de volta neste lugar em três dias.”

“É muito tempo,” o bandido murmurou.

“É o que preciso. Além disso, você não quer algum tempo longe da mina fedorenta?”

Susana sacudiu seu dedo polegar na direção do bordel no centro da cidade. Várias das prostitutas com seus cabelos tingidos e fluindo e meio vestidas direcionavam olhares sensuais para ele.

Ele deu de ombros e erguendo as asas, respirou forte expandido seu largo e escuro peito. “Suponho que posso ocupar meu tempo. Se você não estiver aqui em três dias, partirei sem você e pode achar seu próprio caminho de volta para as minas.”

Ela acenou e girando, desapareceu na multidão, procurando pela estrebaria onde poderia obter emprestado um cavalo. Precisava cavalgar até a próxima aldeia que sediava as colheitas, lá ela podia talvez achar um cavaleiro disposto a voar para o norte até a Câmara dos guerreiros lutadores. Desejava que pudesse localizar Terra ou Linn primeiro, mas isso poderia ser impossível, considerando que eles estavam provavelmente fora procurando por eles.

Quando alcançou o estábulo, um garanhão negro primoroso estava sendo preparado por uma igualmente primorosa mulher de cabelo negro que chamou sua atenção.

“Phillipa,” ela gritou. Vários cavalos começaram a se agitar pelo som agudo de sua voz, inclusive o garanhão que estava meio empinado.

“Devagar, Seda Negra, devagar rapaz.” Phillipa, a irmã de Terra, depressa conseguiu com que o cavalo ficasse de pé, então virou para Susana e a arrastou em um abraço esmagador.

“Deuses, Susana. Onde inferno você esteve? Você tem alguma ideia de quanto tempo estamos procurando por você? Inez está fora de si, Terra e Linn têm voado por toda parte e...”

“Phillipa, achei Moor e Silas,” Susana a interrompeu, pegando-lhe nos antebraços. “Preciso chegar até Terra e Linn.”



“Inez está na pousada há duas aldeias daqui e está esperando por Terra. Ele tem procurando as Montanhas de Vertue por semanas e Linn tem interrogado traficantes de escravos nas regiões dos trópicos. Onde estão Moor e Silas?”

“Em uma mina nas Montanhas de Vertue. Ela está muito bem escondida, mas posso levar Terra lá e precisaremos dos guerreiros lutadores conosco, se eles vierem,” ela falou amargamente.

“Eles virão. Você sabe quanta influência Terra tem com o General Sota.”

Ela levou Seda Negra para sua baía, então guiou Susana até a pousada de Inez.

“Susana?” Os olhos de Inez se alargaram quando as duas mulheres entraram em seu quarto. Ela a abraçou firmemente com um braço já que Canyon descansava no outro e o rechonchudo menino se contorceu quando Susana o abraçou e Inez colocou a criança no chão a seus pés enquanto escutaram sua história.

Quando Terra retornou ao anoitecer, todas as três mulheres estavam suficientemente furiosas para irem até as minas elas mesmas. Terra escutou com suas orelhas pontiagudas e olhos brilhando de raiva e quando falou foi com a calculada calma que fazia dele um desejado guerreiro lutador.

“Phillipa, envie uma mensagem para Linn na região dos trópicos. Voarei para a Câmara agora mesmo.”

“Será que ajudarão?” Susana perguntou. “Eles não pensam muito em Moor por causa de como ele os deixou tantos anos atrás.”

“Eles irão ajudar, ou então irão me perder com certeza. Os guerreiros lutadores são formados para proteger outros contra bastardos como traficantes de escravos. Talvez só precisem serem lembrados disto.”



Capítulo Treze

A Rebelião

As maldições subiram rapidamente pela cabeça de Moor quando ele pegou o arreio e puxou. Desde quando conversou com Susana que formulou seu próprio plano para uma fuga possível e precisava convencer Zach a falar com os outros escravos sobre a rebelião. Se eles se unissem, ele sabia que podiam tomar a mina e se libertarem, mas o medo controlava tanto quanto as correntes e os chicotes. Talvez mais.

Olhou para cima quando transportava a sua carga em direção à entrada da caverna e momentaneamente esqueceu-se de respirar.

O olhar de Susana cruzou com o seu antes que ela se aproximasse do escravo mais próximo dela.

O que diabos ela estava fazendo? O único conforto que teve ultimamente foi saber que ela finalmente tinha saído das minas e agora tinha quebrado sua promessa e retornara. Apesar de sua raiva, acendeu a esperança dentro dele. Se ela estava de volta, então deveria ter alcançado Terra e Linn. Ela parou em cada escravo e cuidou de seus ferimentos e ele executou duas cargas antes que ela finalmente o abordasse.

"Falei para você não voltar aqui," ele sussurrou quando ela aplicou a pomada onde o equipamento esfregou sua carne nua. O cheiro forte de unguento picou um pouco, mas pelo menos preveniria a infecção.

"Eu tinha que retornar. Você acha que Zach pode organizar uma reunião para nós? Linn está aqui comigo, eles o colocaram como outro curandeiro. Ele e Terra têm um plano, mas precisamos da ajuda dos escravos."

Ele bufou. "Difícil consegui-la, estas pessoas estão com muito medo de lutar por si mesmas."

"Você disse que eles escutam Zach."



"Ele é tão teimoso como o resto deles, só que não acho que ele tem medo de si mesmo porque assume riscos demais com a própria vida. Ele quer proteger os outros e pensa que evitar o confronto é a maneira de fazê-lo."

"Você acha que ele vai nos encontrar?"

Moor olhou na direção do cavaleiro, que olhou para eles pelo canto do seu olho. "Sim, acho que vai".

"Faça isso o mais rapidamente possível."

"Farei".

"Eu te amo", ela sussurrou.

Ele segurou o olhar dela, sussurrando em uma voz crua de emoção, "Amo você mais que qualquer coisa. Por que voltou aqui?"

"Confie em mim." Ela correu uma mão gentil através de seu ombro equino. "Confie em mim."



"Não posso acreditar em vocês". Zach fechou as mãos e apertou os punhos enquanto seu olhar varria Moor, Susana e Linn.

Os quatro estavam amontoados em uma pequena caverna no nível do meio que estava escura, com exceção da vela de Susana. A luz cintilou contra o rosto dela, acentuando o nariz atrevido e os olhos brilhantes.

O coração de Moor encheu-se de amor por ela. Nunca ninguém tinha sacrificado muito por causa dele e se sobrevivesse, planejava passar o resto de sua vida cumprindo suas necessidades e desejos.

"Zach, esta é nossa chance de sair daqui," Moor disse. "É o único caminho para libertar todo mundo."

"Não todo mundo. Alguns de nós morreremos."

"Você está morrendo de qualquer maneira," Linn observou. O jovem loiro revelou a expressão de seu aborrecimento por Zach resistir ao seu plano. "Eu estive aqui uns poucos



curtos dias e já quero lutar contra os bastardos. Como pode não querer destruí-los depois de todos estes anos nas minas?"

"Você não é escravo como o resto de nós e pode sair aqui sempre que quiser." O grandalhão levantou suas asas apenas o suficiente para chacoalhar sua corrente dos testículos. "Tente usar um desses e ver quanto você quer lutar. Vocês não sabem o que fazem aos escravos que tentam escapar. Eu sei."

"Eu sei que você não tem medo de si mesmo, Zach," Moor disse calmamente. "Vejo a rebelião em você. O que faz com que você não tome a liberdade que merece e ajude o resto de nós a fazer o mesmo?"

O cavaleiro respirou fundo, expandindo o peito musculoso. "Nós não somos feitos para matar."

"Oh, por favor." Linn ergueu os olhos para o céu. "Está preocupado com o abate destes filhos da puta que fizeram de sua vida um inferno?"

"Eles podem arruinar a minha vida, mas não meu espírito".

"Zach", Susana descansou a mão em seu braço, "Eu sei que você se preocupa com os outros escravos e se realmente acredita que a rebelião vai fracassar, mesmo com a ajuda dos lutadores guerreiros, então não pode fazer isso."

"Susana," Linn estalou.

Moor levantou sua mão e olhou fixamente o cavaleiro enorme nos olhos quando continuou de onde sua esposa parou, "Mas se achar que há mesmo uma possibilidade que podemos colocar um fim ao sofrimento, realmente quer deixar essa chance passar?"

Zach girou, correndo ambas as mãos por seu cabelo. "Deuses. Ainda que eu queira fazer isto, não posso garantir os outros."

"Eles vão ouvi-lo", Moor pressionou. "Você sabe".

"Estou saindo de manhã", disse Linn. "Os guerreiros lutadores irão chegar em dois dias. Você sabe qual o nosso plano, atacaremos pelo lado de fora enquanto vocês lutam do lado de dentro. Se fizerem o que pedimos, tomaremos as minas e os lutadores não descansarão até que seja nossa. Convença seus companheiros a fazer sua parte, Zach. É sua única chance."



O jovem portador roçou os outros quando saiu da caverna.

Moor tomou a mão de Susana e apertou. Todos os seus sentidos de perigo gritando, ainda assim o plano era sua única chance de escapar das torturas das Montanhas de Vertue. Era seu risco, mas não o de Susana. "Você vai com ele."

"Não. Nós já discutimos isto. Linn informará a Terra e aos outros que dissemos a você nosso plano e se nós dois formos embora, despertará suspeita entre os guardas. Ele não está aqui por muito tempo e poderá dizer que não gostou das condições de trabalho e está indo embora."

Moor apertou o queixo. O temor pela segurança dela apertou seu estômago, mas mesmo assim, suas palavras fizeram sentido e ele sabia que ela não ia embora, agora que sua mente foi tomada. Se ele estivesse livre, a teria forçado ir.

"Eu só queria que houvesse alguma maneira de libertar todos vocês dessas correntes", disse Susana.

"Os guardas sempre verificam os nossos suprimentos de cura antes de nos permitir entrar nas minas. Não poderemos contrabandear os pacotes e não vão nos deixar chegar perto de coisas como machado."

"Nós lutaremos de qualquer maneira", disse Moor. "Enquanto Zach concordar em convencer os outros."



Moor olhou em torno da caverna enquanto ajudava dois escravos humanos encherem sua carroça de pedras. Embora todos parecessem muito calmos, a tensão pairava no ar. Chegou o dia em que os guerreiros lutadores viriam e os escravos lutariam por sua liberdade ou perderiam a chance de viver sem amarras.

Uma vez que seu plano foi divulgado, a palavra viajou rápido em toda a mina. Apesar do medo e protesto iniciais, a maior parte dos escravos concordou em segui-los. Se o grande guerreiro lutasse, eles iriam apoiá-lo.



Moor voltou a olhá-lo, que tinha acabado de voltar de sua última viagem. O jovem homem estava silencioso mais do que o habitual naquela manhã e embora sentisse em seu coração que Zach lutaria, parte dele permanecia desconfiada.

De repente, gritos irromperam pelo corredor e vários guerreiros passaram a galope pela entrada da caverna. Seu pulso se acelerou. Eles haviam começado! Seu olhar encontrou o de Zach e os dois se desatrelaram de suas carroças. Os outros escravos tensos seguiram os dois cavaleiros da caverna para a rebelião.

Eles só tinham percorrido um curto caminho quando uma horda de escravos debandou empurrando-os para os níveis mais baixos. Gritos e açoites de chicotes ecoaram acima dos gritos de medo e dor. Correntes se agitaram e vários humanos e cavaleiros em pânico caíram se esbarrando em pés e patas.

Moor cerrou os dentes com raiva quando puxou uma mulher do chão rochoso. O rosto dela e seu tórax estavam banhados de sangue.

“Que diabos estão fazendo?” Moor berrou para os escravos encolhidos. “Lutem com eles.”

“Saíam do chão, seus sacos de bosta,” rugiu um dos traficantes, puxando forte a corrente de testículos dos cavaleiros. Parecia que todos os guardas tinham se atados juntos como uma barreira armada, empurrando os escravos para trás. Moor sabia que os lutadores já deveriam ter alcançado os níveis superiores da mina.

Acima, ouviu-se o som frenético de metal tinindo contra as pedras.

“Eles estão tentando nos trancar,” gritou um dos escravos da frente enquanto pedaços de pedra caíram sobre suas cabeças.

Deuses era verdade. Moor respirou acelerado de terror. Os escravos estavam martelando as pedras salientes no esforço em prendê-los nos níveis mais baixos.

Ele soltou o cadáver que carregava e abriu caminho para frente. “Empurrem para frente e lutem com eles!” A picada do chicote golpeou em cheio no peito enquanto ele se aproximava dos traficantes. Quando arrancou o chicote da mão de um guarda, uma flecha cravou-se em seu ombro e a dor queimou por seu torso. Ele cambaleou, mas continuou a lutar.



De repente, Zach estourou pela multidão. Seu corpo volumoso mergulhou para o guarda, abrindo espaço para os mineiros e um dos cavaleiros do mal conseguiu pegar nas correntes de seus testículos e puxou enquanto outros o cercaram com chicotes e lanças. Moor correu para ajudá-lo e Zach fez o inimaginável. Segurando suas próprias correntes, gritou de dor quando as arrancou de sua carne. O grande guerreiro estava livre! O traficante correu, mas cada uma das mãos volumosas do cavaleiro dava coices, pegando dois guardas por seus pescoços. O estalo de ossos quebrados ecoava pela caverna.

“Saiam daqui e lutem!” Ele rugiu para os escravos apavorados quando lançou os guardas mortos de lado.

Pela primeira vez suas expressões ocas queimaram de esperança e para seu alívio, eles lutaram.

Moor agarrou uma lança das mãos de um guarda que estava nas proximidades antes que o homem a arremessasse para seu peito. Ele chutou e esfaqueou, abrindo outro caminho para os escravos.

“Leve-os para fora!” Zach gritou para Moor. O guerreiro se projetou novamente, mantendo a atenção na maior parte dos traficantes que tentava contê-lo.

“Por aqui!” Moor gritou. “Continuem lutando!”

Ignorando a dor em seu corpo dilacerado, ele arrou por ondas de guardas.

Zach tinha razão, havia mais do que ele pensava. Ao se aproximarem do nível superior um grupo dos guerreiros lutadores se juntou a eles.

Em momentos, traficantes foram mortos ou detidos em cativeiro pela elite dos guerreiros.

“Moor,” Terra gritou.

“Terra!” Ele galopou em direção a seu amigo. “Onde estão Susana e Silas?”

“Silas está do lado de fora e bem. Não tenho visto Susana.”

“Deuses!” Moor friccionou seus dentes quando voltou ao corredor de baixo para achar sua esposa com Terra em seus calcanhares. “Vá ajudar Zach lá em baixo, ele estava cercado e se não fosse por ele, todos nós poderíamos ter morrido.”



"Zach?"

"Enorme. Highlander. Você vai reconhecê-lo."

Terra acenou e apontou para um grupo pequeno de guerreiros para segui-lo até o fundo da mina.

Moor galopou para baixo nos corredores sinuosos, saltando pelos corpos dos mortos e pelos mineiros feridos e escravos, não se importando que as pedras afiadas cortassem seus cascos. Susana, se algo havia acontecido a ela, nunca se perdoaria.

"Moor!"

Ele parou de repente e virou-se, ofegando. Susana olhou para ele de onde estava em um espaço minúsculo nas pedras, perto do teto.

Ele a alcançou e a apertou e ela agarrou-se a ele. Estava viva! Fechando os olhos, enterrou o rosto no cabelo dela e agradeceu aos Deuses.

"Oh, Moor," ela sussurrou, o rosto apertado contra seu pescoço. "Eu pensei que você poderia estar morto."

"Pensei o mesmo sobre você. Eu amo você tanto, Susana." Ele a deixou no chão. "Nós precisamos voltar para o nível superior. Os guerreiros lutadores têm o controle lá e tenho certeza que dentro de momentos vão controlar tudo."

"Você está ferido." As mãos dela deslizaram pelo seu peito sangrento, a seta ainda estava saliente em seu ombro.

"Vou ficar bem." Ele tomou sua mão quando fizeram seu caminho para o nível superior e na metade do caminho, encontraram Terra e Zach.

Coberto de sangue e suor, o guerreiro grandalhão tinha uma expressão horrenda.

"Pensei que eles o tinham conseguido." Moor descansou uma mão firme no ombro de Zach e o guerreiro agitou sua cabeça, sua sobrancelha enrugada. "Está tudo bem?"

Zach não respondeu, mas moveu-se diante dos outros, seu andar estava um pouco desajeitado por causa de suas correntes de testículos que jogara fora. Moor estremeceu. O jovem homem tinha coragem, isso era certo.



"Quando o encontramos ele tinha uma caverna cheia de traficantes mortos," Terra disse. "Se os guerreiros lutadores quiserem highlanders, eles o recrutarão com certeza."

O olhar de Moor o seguiu. "De alguma maneira não acho que ele queira viver uma vida de lutas."

"A mina está quase toda tomada. Venham para cima assim vocês podem ser limpos e seus ferimentos cuidados e Moor, é muito bom ver você." Terra apertou o cavaleiro mais velho em seu ombro ileso. "Inez estava fora de si."

"Muito obrigado pelo que fez Terra, você e Linn. Moor tocou a bochecha de Susana e olhou para ela com todo o amor que sentia. "E eu lhe devo minha vida, minha linda Susana".

Ela sorriu um pouco e pegou sua mão. "Você é a coisa mais importante na minha vida e farei qualquer coisa por você."

"Agradeço a Deus por você, meu amor." Inclinou-se para beijá-la.

As mãos dela carinhosamente acariciaram seu rosto enquanto se encontrou com sua língua.

Terra pigarreou. "Vou encontrá-los lá em cima."

Eles se separaram hesitantes e de mãos dadas, seguiram para a liberdade.



Epílogo

Duas semanas mais tarde

"Isso faz cócegas." Susana deu uma risadinha, enrolando os dedos dos pés na grama e apertando seus dedos nos cabelos de Moor enquanto ele lambia a união de suas coxas à sua pélvis.

"Mmm", ele gemeu, movendo ligeiramente a cabeça para lambe seu clitóris. Suas mãos calejadas deslizaram abaixo dela, segurando suas ancas e a erguendo mais perto de sua boca.

"Ah", ela gemeu quando a ponta de sua língua enrolou sobre o topo de seu clitóris.

Nada era tão bom quanto rolar num campo iluminado com esse homem que amava tanto.

Ela se contorceu quando os lábios dele puxaram seu clitóris sensível e seu coração acelerou. Então cruzou as pernas atrás do pescoço dele, agarrando-se com tanta força que teria estrangulado um homem humano. Um pescoço forte de cavaleiro era perfeito para se agarrar quando um orgasmo maravilhoso a esperava...

"Moor," ela repreendeu, contorcendo-se com desejo não satisfeito quando ele se afastou. Mas não precisava ter se preocupado porque o poderoso corpo cobriu o dela, seus músculos tão duros quanto o seu pênis que mergulhou profundamente dentro dela. "Oh, Deus, sim, sim. Siimmm".

Estocou longo e rápido e tremores ondularam pela sua espinha quando estourou em um clímax que parecia transformá-la em líquido. Sorrindo, refletiu que fazer amor era exatamente como voar. Emocionante, selvagem. Um êxtase atemporal.

Quando o prazer maravilhoso passou, seus membros se relaxaram caindo ao sol que aquecia a grama. Moor abaixou-se, apoiando mais de seu peso em seus antebraços.

"Eu te amo, Susana," ele ronronou contra seus lábios.



"Vou sentir sua falta esta tarde."

"Terra e eu não vamos demorar muito tempo, só vamos encontrar Zach e trazê-lo para Hornview".

"Estou feliz que ele tenha decidido se mudar para cá. Odiei deixá-lo naquelas ruínas horríveis."

"Foi sua casa uma vez, antes que os traficantes a destruíssem e entendo o que ele procurava."